



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

O LEITOR CONTEMPORÂNEO E A OBRA DE MACHADO DE ASSIS:
uma análise discursiva da crítica amadora em blogs

SÃO CARLOS
2013



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

O LEITOR CONTEMPORÂNEO E A OBRA DE MACHADO DE ASSIS:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CRÍTICA AMADORA EM BLOGS

PEDRO IVO SILVEIRA ANDRETTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Luzmara Curcino

São Carlos - São Paulo - Brasil

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A561Lc

Andretta, Pedro Ivo Silveira.

O leitor contemporâneo e a obra de Machado de Assis :
uma análise discursiva da crítica amadora em blogs / Pedro
Ivo Silveira Andretta. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

139 f.

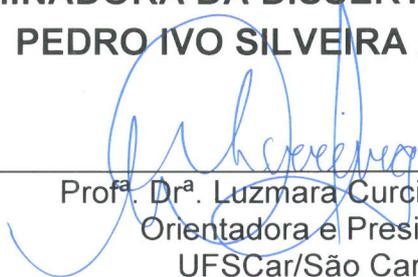
Acompanha Anexo em CD-ROM.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2013.

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Blogs (Internet). 4. História
cultural. 5. Análise do discurso. 6. Assis, Joaquim Maria
Machado de, 1839-1908. I. Título.

CDD: 418.4 (20^a)

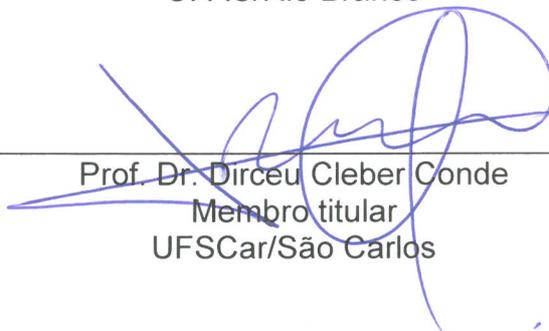
**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
PEDRO IVO SILVEIRA ANDRETTA**



Prof.^a Dr.^a Luzmara Curcino Ferreira
Orientadora e Presidente
UFSCar/São Carlos



Prof. Dr. Henrique Silvestre Soares
Membro titular
UFAC/Rio Branco



Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 27/maio/2013.
Homologada na 57^a reunião da CPGL, realizada em 28/06/2013.



Carlos Piovezani
Coordenador
PPGL/UFSCar

Agradecimentos

A Deus,

A minha família pelo apoio e dedicação constante,

A Luzmara Curcino pelas orientações, paciência e suas contribuições significativas para meu aprendizado e desenvolvimento desta dissertação,

A Nádea Regina Gaspar pelo incentivo, amizade e confiança desde o início da graduação,

Aos professores Dirceu Cleber Conde e Henrique Silvestre Soares pela leitura desta dissertação e recomendações,

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, em especial aos professores Miotello, Carlos, Baronas, Cleber, Cristine, Vanice, Maria Silvia e, claro, à Luzmara, pela acolhida e suas aulas inspiradoras,

Aos amigos do Laboratório de Estudos Interdisciplinares das Representações Discursivas do leitor brasileiro que tanto tem colaborado para a compreensão dos estudos sobre a história cultural, o discurso e a leitura,

Aos amigos do Cursinho da UFSCar/2011 e as aprendizagens com Nagai, Tayllén e Virginia,

Aos amigos do Curso de Especialização em Discurso e Leitura de Imagem da UFSCar que acompanharam de perto o desenvolvimento desta pesquisa, em especial ao Hélio, Felipe, Andréia, Rubens e Eliana,

Aos amigos Abner, Marcel e Iruama pela disponibilidade e diálogo diário,

Aos amigos Eduardo, Renan, João e Laura pelas colaborações e trocas de conhecimento,

Aos amigos Paula Yuri, Lucas, Luiz, Danilo, Grace e que pouco vi nesses últimos dois anos e que fazem falta...

A Isabela pelo amor e compreensão.

O LEITOR CONTEMPORÂNEO E A OBRA DE MACHADO DE ASSIS:

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CRÍTICA AMADORA EM BLOGS

RESUMO:

Nesta pesquisa, procuramos apreender o modo como lê uma comunidade de leitores brasileiros contemporâneos, bem peculiar, composta daqueles que atuam, ao mesmo tempo, como *novos leitores* e *novos críticos* da obra de Machado de Assis. Para esse fim, nossa análise recaiu sobre comentários, que são postados por esses leitores em *blogs* pessoais ou em *blogs* públicos, sobre suas leituras. Para tanto, recorreremos à Análise de Discurso de orientação francesa, partindo de sua preocupação quanto à descrição e análise das formas de produção e de interpretação de um texto, em especial, de sua atenção às coerções que atuam sobre todo e qualquer enunciado, discutidas em trabalhos de Michel Foucault e de Michel Pêcheux. Recorreremos ainda à História Cultural, e às noções de *representação* e de *apropriação*, conforme apresentadas por Roger Chartier em seus trabalhos, de viés histórico, sobre o leitor e a leitura. Essas teorias nortearam a análise de um *corpus* constituído por *posts* de *blogs* dedicados ao comentário de obras clássicas de Machado de Assis, a saber, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro” e “Memorial de Aires”, produzidos e publicados entre os anos 2000 e 2010, por leitores ‘nativos da era digital’ os quais, embora ocupem a posição de leigos, no que diz respeito à prática profissional de exercício do comentário/da crítica de obras literárias, assumem o papel de “críticos amadores” e postam seus comentários com base na leitura que realizaram dessas obras. A partir da análise desse *corpus*, buscamos levantar alguns traços do perfil dessa comunidade leitora que compartilha, entre outras características, uma relativa familiaridade com o universo de produção e circulação de textos pela *internet*. Mais especificamente, buscamos esses traços a partir da análise da maneira como esses leitores formulam e enunciam, em seus comentários, a leitura que fizeram destes textos que originalmente não lhes foram destinados. A hipótese que norteou nossa pesquisa foi a de que, partindo do pressuposto da AD de que todo dizer é regulado por uma ordem discursiva que atua quando de sua produção e quando de sua interpretação, controlando-as, limitando-as, evitando assim que qualquer um enuncie e leia o que se enunciou de qualquer jeito. Como é próprio, portanto, do funcionamento discursivo, os comentários desses leitores são regidos, de modo geral, por duas ordens do dizer, por duas fontes de coerção que impõem, até certo ponto, o que enunciar e como enunciar desse lugar de comentador de

obras clássicas da literatura brasileira. A primeira diz respeito à regulação desses comentários pela ordem do universo da crítica autorizada e de prestígio. A segunda diz respeito às coerções oriundas do funcionamento dos gêneros de origem digital, como o *blog*, e do próprio suporte, o computador, que definem modos de dizer específicos, dadas as novas possibilidades de produção/circulação dos textos (sincréticos, breves, disponibilizados/transmitidos rápida e massivamente) e do público para o qual se dirigem. Assim, buscamos, ao longo desta dissertação, assinalar prováveis continuidades e/ou descontinuidades nas representações discursivas do leitor/crítico profissional e do leitor/crítico amador de obras da literatura canônica brasileira, com ênfase na caracterização desse último a partir da análise discursiva do ‘o quê’ e do ‘como’ ele comenta as obras lidas. Essa análise nos permitiu confirmar nossa hipótese, segundo a qual esses leitores/críticos amadores - apesar de aparentemente produzirem um comentário crítico que, adequado ao meio e ao gênero de origem digital, se apresenta de forma bastante autônoma, pessoal e até mesmo irreverente e dessacralizante acerca de clássicos da literatura, destoando, assim, do estilo da crítica oficial - dizem o que dizem, da forma como dizem, orientados e limitados pelos parâmetros do dizer dessa última ordem, como demonstraremos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor contemporâneo; Crítica literária; Análise do discurso; História cultural; Leitura e escrita na *Internet*; Machado de Assis.

**THE CONTEMPORARY READER AND THE WORK OF MACHADO DE ASSIS:
A DISCOURSE ANALYSIS OF AMATEUR CRITIQUE IN BLOGS**

ABSTRACT:

In this study, we attempt to analyze the readings of a contemporary, peculiar community of Brazilian readers consisting of those who are at the same time new readers and new critics of Machado de Assis. To this end, our analysis investigated reviews posted by readers on their personal and/or public blogs, about works they read. We turn to French Discourse Analysis starting from its concern about the description and analysis of the forms of text production and interpretation, in particular, from its attention to constraints that act on each and every statement, as discussed in the oeuvre of Michel Foucault and Michel Pecheux. Additionally, we resort to Cultural History and to the notions of representation and appropriation, as presented by Roger Chartier in his works of historical viewpoint on the reader and reading. Such theories guided the analysis of a corpus consisting of blog posts dedicated to the review of classic works of Machado de Assis, namely "The Posthumous Memoirs of Brás Cubas", "Dom Casmurro" and "Counselor Aires's Memoirs". Such reviews were produced and published between the years 2000 and 2010 by readers "native to the digital age" who, although occupying the position of apprentices with regard to commenting / criticizing literary works, assume the role of "amateur critics" and post their comments based on their reading of those works. The analysis of this corpus seeks to raise some common traces of this reading community's profile that shares, among other characteristics, its relative familiarity with the world of production and circulation of texts on the *Internet*. More specifically, we seek those traits by analyzing the manner these readers formulate and lay down in their comments their reading of such works which, originally, were not aimed at them. The hypothesis that guided our investigation was that – based on the Discourse Analysis assumption that every statement is regulated by a discursive order that operates at the moment of its production and interpretation, controlling it, limiting it – it is prevented that anyone makes a statement, or interprets one, on his or her own terms. As it is proper, therefore, of the discursive functioning, those readers' comments are generally governed by two orders of statement – two sources of coercion – that to some extent impose what and how to enunciate from this position of commentator of classic works of Brazilian literature. The first one concerns the regulation of these comments by the universe of authorized and prestigious criticism. The second relates to the constraints arising from the operation of the genres of digital origin, as the blog, and from the computer support itself. Those define specific ways to make a statement, given the new possibilities of production / circulation of texts (syncretic, brief, available / transmitted quickly and massively) and the audience to whom they are addressed. Thus, throughout this thesis we seek to note probable continuities and / or discontinuities in the discursive representations of the professional reader / critic and the

amateur reader / critic of Brazilian canonical works of literature, with an emphasis on the characterization of the latter from the discourse analysis of 'what' and 'how' such works are commented. This analysis allowed us to confirm our hypothesis about these amateur readers / critics: producing a critical review appropriate to the medium and the genre of digital origin, those are presented in fairly autonomous, personal and even irreverent, desecrating ways about classics of literature. These do not match, thus, the style of official criticism. But, interestingly enough, such reader / critic says what he/she says, and in the way he/she says it, guided and limited by parameters of the latter order, as we will demonstrate.

KEYWORDS: Contemporary reader; Literary criticism; Discourse Analysis; Cultural History; *Internet* reading and writing; Machado de Assis.

Lista de figuras

Figura 1 - Mapa de noções de Web 2.0.....	45
Figura 2 - Matriz para tipificação dos blogs.....	51
Figura 3 - Transformação no modo de evocar Machado de Assis na crítica literária	87
Figura 4 - A composição do <i>blog</i>	93
Figura 5 - Resenha: Memórias Póstumas de Brás Cubas / Lia da Lua.....	117
Figura 6 - Resenha: Memórias Póstumas de Brás Cubas / Pamela Chris	119
Figura 7 - Resenha: Quincas Borba / Lia da Lua	121

Lista de quadros e tabelas

Quadro 1 - Comentários e resenhas dos <i>novos leitores</i> machadianos selecionados para a análise	69
Quadro 2 - Algumas características dos <i>blogs</i> selecionados	73
Quadro 3 - Comentários e resenhas dos novos leitores machadianos selecionados para a análise – Quantidade de comentários	94
Quadro 4 - Metas de Leitura e Livros desejados / Li da Lua	113
Quadro 5 - Livros abandonados e favoritos/ Li da Lua	114
Tabela 1 - Composição dos comentários e resenhas dos novos leitores machadianos selecionados para a análise	72
Tabela 2 - Distribuição dos comentários sobre os posts dos novos leitores machadianos selecionados para a análise s por categorias	95

Sumário

INTRODUÇÃO	13
<u>1 ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA CULTURAL: DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS, SEMELHANTES INTERESSES E OBJETOS</u>	23
<u>1.1 A ANÁLISE DE DISCURSO E SUA ABORDAGEM DA PRODUÇÃO E DA CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS</u>	23
<i>1.1.1 PERCURSO(S) DA ANÁLISE DO DISCURSO</i>	24
<i>1.1.2 MATERIALIDADE E CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS</i>	30
<u>1.2 HISTÓRIA CULTURAL E A PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS</u>	32
<i>1.2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA HISTÓRIA CULTURAL</i>	34
<i>1.2.2 A HISTÓRIA CULTURAL DO LIVRO E DA LEITURA E AS NOÇÕES DE ‘REPRESENTAÇÃO’ E ‘APROPRIAÇÃO’</i>	38
<u>2 NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS: O BLOG E SEU FUNCIONAMENTO DISCURSIVO</u>	42
<u>2.1 O BLOG ENTRE AS NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO TEXTUAL</u>	43
<i>2.1.1 A INTERNET E A EMERGÊNCIA DOS BLOGS</i>	44
<i>2.1.2 O BLOG COMO UM GÊNERO DO DISCURSO</i>	47
<u>3 A ERA DA OPINIÃO AMADORA: A ARTE DE COMENTAR EM TEMPOS DE PRODUÇÃO ELETRÔNICA</u>	53
<u>3.1 CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NO EXERCÍCIO DA CRÍTICA</u>	55
<i>3.1.1 AS TRANSFORMAÇÕES NA CRÍTICA LITERÁRIA</i>	56
<i>3.1.2 A ATITUDE CRÍTICA DO CRÍTICO AMADOR NA WEB</i>	59
<u>3.2 CRÍTICO AMADOR E O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO AUTOR NO MEIO ELETRÔNICO</u>	61

4 MACHADO DE ASSIS E SEUS “NOVOS LEITORES”: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS EM POSTS DE BLOGS	65
4.1 EM BUSCA DOS COMENTÁRIOS: PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS	66
4.2 LEITURA E COMENTÁRIO: BREVE DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS TÉCNICAS DE ESCRITA EMPREGADAS NOS POSTS	69
4.2.1 ALGUMAS COMPARAÇÕES MÉTRICAS DO FORMATO DOS POSTS	71
4.2.2 A CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL DOS <i>BLOGS</i> E AS REPRESENTAÇÕES DO “EU-LEITOR”	73
4.2.3 FORMAS DE PROJEÇÃO ENUNCIATIVA E SEUS EFEITOS DE OBJETIVIDADE E DE SUBJETIVIDADE COMO INDÍCIOS DAS REPRESENTAÇÕES DO LEITOR	81
4.2.4 FORMAS DE DESIGNAÇÃO DO/ DE INTERLOCUÇÃO COM ‘O AUTOR’ E O USO DE ESTRANGEIRISMOS	86
4.2.5 OS COMENTÁRIOS DO COMENTÁRIO: REPRESENTAÇÕES COMPARTILHADAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA	92
4.2.6 ESTRATÉGIAS DE ESCRITA E REPRESENTAÇÕES	106
4.2.7 A LEITORA NA REDE SKOOB	112
4.2.8 AS COERÇÕES DO DISCURSO E A CRÍTICA AMADORA	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136

INTRODUÇÃO

Desde a criação da *internet*, ou mais exatamente ao que conhecemos hoje por *Web*, é crescente o número de pessoas que passaram a ter acesso às contas de *e-mails*, a participar de *chats*, *blogs* e *microblogs*¹, a filiar-se a redes sociais diversas voltadas para o entretenimento, relacionamento, interlocução sobre diferentes temas, vincularem-se a projetos colaborativos como a escrita de enciclopédias e dicionários livres, além de adotarem este canal como um meio para a aprendizagem e para a realização de negócios. Assim, é certo afirmar que hoje a *internet* se configura como uma quarta mídia, ao lado do impresso, do rádio e da televisão (LÉVY, 2005), com a diferença de que ela permite a todos que dela dispõem, e que são minimamente preparados para seu uso, a não apenas receber e transmitir informação como também produzir, comentar, alterar textos, ceder, vender, comprar produtos e serviços, tudo por meio de um mesmo suporte: o computador.

O valor e importância dessa mídia podem ser comprovados pelo reconhecimento da Organização das Nações Unidas – ONU – que declarou em 2011 o acesso à *Internet* como um direito humano qualificando-a como um dos principais meios pelos quais os indivíduos podem exercer o seu direito à liberdade de opinião e de expressão (UNITED NATIONS, 2011). Desse modo, neste contexto eletrônico, relativamente aberto, interativo e descentralizado, é possível ouvir ecos de um sonho antigo, enunciado pelo filósofo Immanuel Kant, que via no aumento da circulação do escrito erigir-se a promessa de uma sociedade esclarecida em que, sem distinção de estado ou de condição, todos poderiam ser, ao mesmo tempo, leitores e autores, conhecedores e críticos.

O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudessem refletir sobre o juízo emitido pelos outros. (CHARTIER, 1998, p. 134).

Assim, a *Web* se constituiu como um espaço midiático que tem possibilitado a multiplicação das opiniões e a proliferação das manifestações da subjetividade que não

¹ *Microblogs* podem ser compreendidos como uma rede social que guarda semelhanças com os *blogs*, com a diferença de que os primeiros permitem a publicação de textos curtos, de até 200 caracteres. Exemplos conhecidos dessas ferramentas são: Twitter, Plurk, Jaiku.

apenas puderam ser produzidas sob a forma de textos diversos, como também circular e se projetar, de modo quase ilimitado, a partir da rede mundial de computadores.

A *Web*, ou mais precisamente o que se convencionou chamar de *Web 2.0*, é constantemente modificada pelos utilizadores, e estes, a todo tempo, modificados por ela. O internauta é exposto a novas formas de acesso e materialização dos textos que, por sua vez, alteram inevitavelmente suas práticas, entre elas a de escrita e de leitura. Com a intensificação da lógica do hipertexto, com as novas formas de pesquisar e de selecionar informação, com a mudança na direção e na velocidade do olhar leitor sobre a tela, com as estratégias para escalonar o acesso a informações e para chamar a atenção para pontos específicos do que se está enunciando, alteram-se as práticas tradicionais da cultura escrita, entre elas a prática de leitura. Somos, assim, testemunhas no presente de uma transformação inédita na história que afeta, como destaca o estudioso da História Cultural do livro e da leitura Roger Chartier (2008), ao mesmo tempo, o suporte de escrita, a técnica de reprodução dos escritos, sua forma de disseminação e as maneiras de ler esses textos.

Esta ampliação do espectro de atuação do cidadão comum, viabilizada por uma tecnologia de nosso tempo, implica certa mudança no repertório de valores, de papéis exercidos, de conceitos já muito bem estabelecidos no interior da cultura escrita tradicional sobre as práticas e representações que nos eram comuns. Entre as mudanças nas tecnologias, nas técnicas e nas práticas de produção e circulação de textos, desde o surgimento e difusão da *internet*, uma diz respeito à ampliação das possibilidades de divulgação de opinião, de forma mais direta e autônoma, sem o intermédio necessário de editores ou de instituições que validem o que afirma o comentador (como o fazem universidades, jornais e revistas especializados, associações de críticos, academias de literatos, editoras etc.).

Com a criação das novas tecnologias digitais e de um novo canal de comunicação, a produção e circulação discursivas expandem-se permitindo vislumbrarmos o que Michel Foucault (1999, p. 11-12) designou por reviravolta dos ‘saberes assujeitados’ ou seja, não institucionalmente validados, considerados hierarquicamente inferiores, que não atingem o padrão de cientificidade de sua época, e que são produzidos por sujeitos não qualificados pelas instituições que regem formalmente o universo da produção cultural legitimada. Graças às novas tecnologias de informação, aqueles sujeitos que estavam fora do circuito dessa produção cultural, regulada por instituições diversas, podem atuar como produtores de conteúdo e terem

suas produções divulgadas para um grande público (que não necessariamente coincide com o público para o qual se dirigem os saberes formais e legitimados) em oposição ao modo de produção-consumo antes vigente.

A título de exemplo, antes o valor de uma obra literária podia ser aferido pelo tom das resenhas publicadas em revistas ou em colunas de jornais especializadas em crítica literária, livros de bibliografia, catálogos de editoras etc. confeccionados por estudiosos de literatura ou autores consagrados; hoje, com as possibilidades da *Web*, são inauguradas novas possibilidades de divulgação e promoção de textos, como as recomendações feitas por leigos em redes sociais, os comentários deixados nas livrarias virtuais e os *posts* de críticos amadores presentes em *blogs* e *microblogs* cada vez mais difundidos entre comunidades de leitores afins e multiplicados por esses sujeitos.

É com base no reconhecimento da acentuação, sem precedentes, própria de nosso tempo, da emergência e da visibilidade desses ‘saberes comuns’, espontâneos e ingênuos em alguma medida, – que com as novas tecnologias de informação, dividem um “mesmo espaço” de produção e circulação de textos com aqueles próprios dos saberes especializados – que buscaremos desenvolver nossa pesquisa sobre o perfil de certos leitores de hoje que também exercem o papel de críticos² das obras que leram, entre as quais encontram-se as obras clássicas cuja consagração em muito se deve ao fato de terem sido “comentadas”, de terem sido objeto da Crítica literária oficial e acadêmica, que regem, há muito, a eleição e a distinção de certas obras em relação às demais, que desempenham o papel de validação cultural dos objetos, dos textos, dos nomes de autores, e dos quais, reciprocamente, recebe e reforça seu poder institucional.

Em uma edição recente, o “Jornal Valor Econômico”, abordou o fenômeno da proliferação de recomendações de leitura, de resenhas e de críticas, produzidas por leigos e disseminadas na *Web*, sobre obras literárias atuais e clássicas. Discutia-se sobre o impacto da *internet*, responsável pela proliferação das opiniões livrescas as mais variadas, em concorrência com a Crítica literária oficial, a qual, segundo diagnóstico de muitos especialistas encontra-se em crise e cuja perda de influência ou prestígio frente à

² Designamos indistintamente por “crítica” a prática de comentar obras literárias, tanto a realizada por leigos quanto a realizada por especialistas. No entanto, com a finalidade de diferenciarmos a crítica em geral, do exercício da crítica profissional, grafaremos em maiúscula a palavra “Crítica” quando nos referirmos à crítica de origem profissional e, em minúscula, quando nos referirmos à crítica amadora. Esta última será referida ainda pela palavra ‘comentário’, ou seja, pela emissão de opinião individual, pela partilha de impressões pessoais que, embora sempre tenham existido, encontram hoje formas de manifestação e veiculação que lhes garantem uma ubiquidade inimaginável até pouco tempo.

opinião pública poderia ser atribuída a essa emergência e expansão da figura do comentador não especializado.

A emergência desse tipo de notícia é um indício importante do que nos propusemos a analisar neste trabalho: as representações discursivas de práticas de leitura e de escrita do leitor contemporâneo brasileiro que, assumindo a condição de crítico “amador” daquilo que leu, comenta e/ou produz e disponibiliza na *internet* críticas, resenhas, observações e indicações de leitura de obras literárias em geral, entre elas obras clássicas como as machadianas de forma por vezes bastante heterodoxa, se comparadas à Crítica oficial. Interessa-nos assim, estudar o modo como se apresenta o leitor e crítico amador que, sem as qualificações formais e institucionais que orientem e validem seu projeto de dizer, e com o acesso às novas tecnologias digitais de comunicação e informação, toma a palavra de maneira eventual ou sistemática, e de forma relativamente individual e espontânea para falar dos livros que leu.

Para tanto, buscamos distinguir, naquilo que enunciam em seus comentários, as coerções, enfim, as *ordens do discurso*, que controlam tal dizer, que o orientam, delimitando-lhe ‘o quê’ e o ‘como’ comentar certas obras, com base nos discursos que circulam e que ‘desenham’ o perfil do leitor e do comentador ideal, ou seja, as representações dos modos legítimos de ler e de comentar o que leu.

Tendo em vista nosso objetivo de descrever o funcionamento discursivo do que é enunciado nesses *blogs*, buscando apreender as representações desse leitor/comentador inscritas em seus *posts*, nosso *corpus* foi constituído a partir do levantamento de comentários, postados em diferentes *blogs* não especializados em literatura, que eventual ou exclusivamente se ocuparam de textos da obra de Machado de Assis.

Reconhecido como um dos principais literatos brasileiros, precursor nacional do movimento realista na literatura, fundador da Academia Brasileira de Letras e o autor mais frequentemente estudado em âmbito escolar por figurar no currículo do ensino fundamental e médio no Brasil, a obra desse autor conta com uma extensa bibliografia oficial de comentadores, críticos literários, estudiosos e professores, do passado e do presente. Assim, é possível, ao analisar o que se diz sobre essas obras nos comentários espontâneos postados pelos leitores/críticos amadores em *blogs* na *internet*, apreender os ecos da tradição da Crítica literária, assim como o que há de novidade, de acontecimento, nas formas de comentar/criticar da atualidade.

Pudemos observar, como demonstraremos na análise, duas ordens injuntivas principais que atuam sobre o dizer desses *novos leitores* e comentadores, quais sejam, a influência dos modos de dizer próprios dos textos produzidos para circular via *internet* e a influência do que dizer a respeito de uma obra e de um autor pertencente ao cânone literário, tão frequentemente estudado e comentado por meios oficiais.

Estas ordens que estão na origem e explicam o que esses jovens ao comentar escrevem e o modelo como escrevem caracterizam o que vimos designando por *novos leitores*³, na esteira do historiador cultural Jean Hébrard (2004). Trata-se de um leitor que, sem possuir o mesmo capital cultural de seus antepassados ou próprios de outros grupos socioculturalmente distintos dos dele, por conseguinte, sem ter herdado as significações próprias dos textos tal como realizadas e idealizadas por esse grupo de referência, lê, a sua maneira, e a partir de seu instrumental técnico e intelectual, os textos de outrora e já ‘classificados’ e ‘traduzidos’ por leitores especializados que assumiram o papel de definir os limites e as formas de interpretação desses textos. No caso, dos leitores de hoje, cujos comentários do legado machadiano aqui analisaremos, os definimos como *novos leitores* por serem, em sua maioria, nativos da cultura escrita no ambiente eletrônico e, por isso, serem também pioneiros nesse exercício de elaborar e postar publicamente suas críticas e comentários sobre o que leem na *Web*. Além disso, não correspondem ao leitor pressuposto pelo autor, quando da produção dos textos. Vivem em outra época e desconhecem em grande medida o repertório cultural que subsidiou a produção dessas obras, hoje, clássicas.

O modo como comentam tais obras nos permitirá refletir sobre as relações que se estabelecem entre os avanços técnicos, relativos à escrita, e os usos que deles fazemos, com vistas a melhor compreendermos o impacto de certas mutações técnicas geradas a partir ou geradoras de mutações culturais, relativas particularmente às práticas de escrita e de leitura contemporâneas.

Para tanto vamos empreender algumas análises dos enunciados produzidos pelos leitores na condição de críticos “amadores”, isto é, leitores que comentam as obras por hobby, sem ganhar a vida a partir dessa atividade, para traçar assim o perfil desses “novos leitores”, ou ainda, dessa comunidade de jovens leitores, atendo nossas observações aos modos como se apropriam do espaço do *blog* das condições técnicas de

³ Jean Hébrard (2004, p. 2) compreende os “novos leitores” como “aqueles que, em seu grupo social de referência (família, estado, profissão, bairro, cidade, etc.), foram os primeiros a entrarem na cultura escrita sem terem herdado as ferramentas mentais ou capital cultural que normalmente subsidiam sua utilização” dessa cultura escrita.

escrita por ele inauguradas e impostas, buscando levantar algumas representações discursivas acerca das práticas de leitura numa sociedade cuja cultura escrita é marcada por uma mutação técnica e cultural na produção e circulação dos textos tão significativa.

Desse modo, partimos da afirmação de Roger Chartier (1998, p. 91-92) segundo a qual “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas, esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz com que esse leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade”, para tentarmos caracterizar esses leitores, e seu pertencimento a uma comunidade de leitura específica, a partir das semelhanças e das diferenças que estabelecem entre si, e entre críticos profissionais de outrora, ao comentarem as obras lidas. Este seu pertencimento a um dado grupo, permite-nos ponderar sobre o que há de singular e o que há de histórico e cultural no exercício da escrita e da leitura. Se, por um lado, essas práticas são um exercício de uma subjetividade, logo, são irrepetíveis, elas também são suscetíveis às coerções próprias de seu pertencimento socio-histórico, que limita e até certo ponto homogeneiza o quê e como dizer e o quê e como interpretar.

Assim, segundo o historiador cultural, Roger Chartier, é mais produtivo nos ocuparmos, em nossa descrição e análise dessas práticas, não do que é essencialmente singular, nem do que é essencialmente geral, mas do que é comum para um dado grupo, num dado momento, ou seja, é preciso que nos ocupemos de uma dimensão mediana entre o individual e o histórico, a saber, a dimensão cultural da qual compartilham os sujeitos pertencentes a uma comunidade, de interesse e acesso a textos, relativamente homogênea.

De acordo com essa perspectiva, o leitor lê conforme o repertório próprio de técnicas e de interesses da comunidade a que pertence, assim como também produz comentários sobre o que lê orientado por tais condições.

Com vistas a atingir nosso objetivo, apoiamo-nos fundamentalmente em de dois campos de saber que, em comum, abordam a leitura como um fenômeno discursivo: a Análise do Discurso de orientação francesa, em especial no que concerne a suas considerações sobre o “*enunciado*”, a “*formação discursiva*”, a figura do “*autor*”, e o “*comentário*”; e a História Cultural da Leitura, no que concerne à sua abordagem histórica da leitura e às suas considerações sobre as noções de “*representação*”, de “*apropriação*” e de “*novo leitor*”.

Esses campos teóricos compartilham o princípio segundo o qual todo enunciado (em sua produção e em sua recepção) está sujeito a um sistema de restrições, de

coerções quanto ao “quê” e ao “como” se pode e se deve enunciar e quanto ao “quê” e ao “como” se pode e se deve ler/interpretar. Dessa forma, refletem sobre os processos de interpretação dos textos, sobre os aspectos e fatores que constituem a leitura e a escrita, ou seja, sobre os elementos que participam do processo de atribuição de sentidos.

A leitura sempre foi uma preocupação fundamental nas formulações teóricas da Análise do discurso, sendo compreendida por Michel Pêcheux, em seus primeiros textos, como um projeto para uma teoria não-subjetiva da leitura e, mais tarde, como uma proposta de provocação às leituras. A teoria do discurso, tal como concebida por Pêcheux, objetivou analisar os textos levando em conta suas condições sócio-históricas de aparecimento e circulação, ou seja, compartilhava o princípio segundo o qual para se estudar essas condições era preciso levantar os sistemas de restrições que a produção de um texto e que a sua leitura sofrem em relação aos sentidos que podem ou não lhe serem atribuídos.

A História Cultural, por seu turno, desenvolve-se em especial a partir dos amplos e vários estudos sobre objetos culturais do passado que permitiriam ao historiador descrever práticas que não lhe eram contemporâneas e que já não se exerciam mais. De início, os estudos sobre a história do ‘livro’ e, por extensão, da leitura, assumem um papel decisivo na constituição desse campo de saber. Uma de suas contribuições refere-se à reflexão segundo a qual, a partir da análise do suporte material dos textos, que atua como uma forma de controle, de restrição sobre as formas de ler e de interpretar um texto, indiciam o modo como se pressupunham ser os leitores do passado e suas práticas de leitura. Assim, segundo essa perspectiva teórica,

há algo da ordem da materialização e da circulação que faz com que um texto seja lido de um modo e não de outro, algo que incide sobre os sentidos passíveis de serem produzidos no interior de uma imanência textual, que se liga, para além do caráter sócio, histórico e ideológico da língua, às propriedades e ao regime de circulação definidos por seu suporte [...]. (CURCINO, 2006, p. 30)

Portanto, apoiados nestes campos teóricos que têm interesse em comum pela escrita e pela leitura, pretendemos descrever algumas das representações do leitor de hoje, inscritas em suas declarações acerca do que leem e de como leem. Nosso trabalho, assim, contribuirá não apenas para delinear os traços do perfil dessa comunidade leitora a que pertencem os leitores que comentam em blogs obras literárias, como também para compreendermos certas mutações culturais concernentes à leitura e à

escrita que a sociedade atual está vivenciando, de modo a alterar nossas relações com os objetos escritos, com a escrita, e com todas as categorias a que estávamos tão familiarizados de controle da produção cultural em geral, tal como a representação discursiva da instituição “Crítica literária” e da função “crítico literário”.

Com vistas a melhor delimitar a figura do que chamamos aqui, provisoriamente, de “*novos leitores*” e “*críticos amadores*”, selecionamos, para nosso *corpus*, apenas comentários produzidos por leitores nativos deste tempo de popularização do acesso à *internet* no Brasil, que já estão relativamente familiarizados com os processos de leitura e escrita pela *internet* (a ponto de criarem e manterem páginas pessoais, *blogs etc.*) e que se interessam por obras literárias de prestígio e as comentam em *blogs* não especializados, ou seja, em *blogs* cujo objetivo principal é o de exclusivamente realizar comentários de obras literárias – críticas, indicações de leitura, apreciações valorativas. Buscamos, portanto, selecionar os comentários que compuseram nosso *corpus* tendo em vista a sua produção por um leitor na condição de não-especialista, de não-profissional, ou seja, na condição daquele que não exerce funções afins à do crítico literário profissional, tal como professores, pesquisadores, jornalistas, artistas, intelectuais ligados ao universo da crítica literária etc.

Tais cuidados na seleção dos comentários pautaram-se em nosso objetivo de tentar descrever o perfil deste leitor/comentador “popular”, amador, nativo da era da *internet*, por isso relativamente jovem, que comenta de forma aparentemente espontânea, gratuita e com relativa frequência, cujos indícios de seu perfil são apreensíveis no “quê” ele diz sobre as obras, e no “modo como” ele formula e enuncia seus comentários crítico-literários. Assim, buscamos, de um lado, apreender prováveis atravessamentos, nos comentários que emitem, de *formações discursivas* oriundas do universo da Crítica autorizada e de prestígio e, de outro lado, e decorrente disso, assinalar prováveis continuidades e/ou descontinuidades nas representações do leitor/crítico profissional e do leitor/crítico amador da literatura canônica brasileira, no universo da *internet*.

Para tanto, apresentaremos em nosso primeiro capítulo, intitulado “Análise de discurso e História cultural: diferentes perspectivas teóricas, semelhantes interesses e objetos”, algumas considerações gerais sobre as propostas teóricas e metodológicas que subsidiam este estudo, procurando compreender como elas entendem a produção e a circulação dos discursos, quais são os fatores decisivos para a sua produção e circulação tal como ocorre hoje, de modo a podermos abordar mais especificamente como os

blogs, enquanto nosso objeto de análise, são atravessados e constituídos, em sua função enunciativa, de discursos que orientam seus sentidos, de ordens discursivas que atuam sobre esse dizer.

Desse modo, trataremos a princípio de uma breve história da constituição da Análise do Discurso de orientação francesa. Em seguida, vamos expor, segundo os estudos de Peter Burke, um breve panorama da emergência e desenvolvimento da História Cultural e, a partir disso, empreender um olhar sobre a História Cultural do Livro e da Leitura tal como apresentada nos trabalhos de Roger Chartier.

No capítulo seguinte “Novas formas de produção e circulação de textos: o blog e seu funcionamento discursivo” empreenderemos uma breve discussão sobre as formas de produção e circulação de discursos na *Web*, refletindo sobre o funcionamento dos *blogs* como um gênero do discurso, à luz da definição de gênero do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin.

No terceiro capítulo, “A era da opinião amadora: a arte de comentar em tempos de produção eletrônica”, trataremos brevemente a respeito de como se deu a emergência da Crítica literária e de como ela foi se transformando ao longo do tempo, de modo a podermos abordar a prática contemporânea de comentar e criar conteúdo na *Web*. Nesse contexto, vamos refletir sobre as noções de “comentário” e de “autoria”, tal como elaboradas por Michel Foucault, de modo a discutir sua articulação e seu funcionamento em relação à atividade crítica amadora dos *novos leitores* na *Web*.

No último capítulo, intitulado “Machado de Assis e seus “novos leitores”: uma análise de comentários de *post* em *blogs*”, ocuparemos mais propriamente dos procedimentos de seleção do *corpus* e da apresentação dos resultados de nossa análise. Após apresentarmos um levantamento de várias estratégias de escrita comuns entre certas categorias de *posts*, ou seja, de comentários postados pelos leitores, discutimos os indícios das diferentes injunções que atravessam a crítica amadora em *blogs* e a constituem em sua especificidade. Desse modo, abordamos em nossa análise, de início, alguns aspectos relativos à composição dos comentários por meio da análise de alguns parâmetros quantitativos dos comentários postados por esses leitores/críticos amadores; as formas de construção da identidade desses *novos leitores*; a comparação dos posts de crítica amadora com os comentários da crítica profissional contemporânea a Machado de Assis vinculados na mídia impressa ; as estratégias de escrita a partir do levantamento de alguns usos dos adjetivos e advérbios; duas resenhas de crítica

amadora motivadas por uma gincana literária; e por fim as coerções que limitam o que e como escrever sobre o legado machadiano dos blogs de crítica amadora.

1

ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA CULTURAL: DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS, SEMELHANTES INTERESSES E OBJETOS

A escrita e a leitura em foco

Neste capítulo, faremos um breve levantamento da trajetória histórica e das confluências quanto à abordagem da leitura, como objeto e como objetivo, das duas perspectivas teóricas aqui mobilizadas: a Análise do discurso de orientação francesa e a História Cultural da leitura. Apresentaremos alguns de seus pressupostos de base e algumas de seus conceitos, em particular, aqueles que serão por nós mobilizadas neste estudo.

1.1 A ANÁLISE DE DISCURSO E SUA ABORDAGEM DA PRODUÇÃO E DA CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS

Consensualmente, segundo o linguista Sírio Possenti (2001), a Análise de Discurso (AD) pode ser compreendida com um conjunto de teorias que abordam as coerções a que um discurso, sob a forma de um texto, está sujeito, seja no plano da produção e da circulação, seja no plano da interpretação. Um dos pressupostos de base da AD é aquele segundo o qual um discurso não é produzido de maneira indiferente ao tempo e espaço de sua circulação, assim como não toma uma forma genérica qualquer, bem como não pode ser interpretado de qualquer jeito, por qualquer um.

Nas palavras de Michel Foucault, todo discurso está suscetível a uma “ordem discursiva”, segundo a qual

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Partindo desse pressuposto, segundo o qual todo dizer e toda interpretação são controlados, Possenti (2001), sintetiza os estudos da AD que se ocuparam da descrição dessas formas de coerção em duas vertentes: uma mais voltada a pensar com exclusividade a circulação dos textos, outra a produção de sentido, propriamente dita.

A primeira vertente, com foco no dispositivo de circulação dos textos, privilegiaria os questionamentos sobre por que determinados textos circularam em determinadas épocas, em que suportes, voltados para que públicos e por quais razões (técnicas, sociológicas, econômicas etc), sem se ocupar diretamente com a questão do sentido.

A segunda vertente, com foco especial no sentido, privilegia os questionamentos sobre a produção de significado de um texto, abordando eventualmente a circulação apenas quando esta, de algum modo, interfere na significação do texto. Os estudos discursivos, segundo essa perspectiva, voltam-se para a compreensão das condições de produção dos textos, a apreensão do funcionamento das instituições que controlam sua produção e sua interpretação, a relação do discurso com seu exterior específico, a condição de opacidade da língua e, enfim, a proliferação/contenção dos sentidos.

Nossa análise se inscreve nessa segunda perspectiva dos estudos sobre produção e circulação dos textos em AD, uma vez que nosso objeto é investido de valor semântico distinto, entre outras razões em função do meio pelo qual circulam os comentários. Antes, no entanto, de tratarmos desse aspecto, retomaremos, de início, o percurso histórico da Análise do Discurso de orientação francesa, com o propósito de traçar historicamente como se deu a formação dessa teoria do discurso, e de discorrer sobre o crescente interesse, dos pesquisadores desse campo de estudos, pelas questões voltadas para as materialidades discursivas distintas e para suas mutações técnicas e culturais na atualidade, quando da passagem das formas impressas de circulação dos textos para as formas virtuais de sua apresentação e acesso.

1.1.1 Percurso(s) da Análise do Discurso

Segundo , Denise Maldidier (1994), o projeto teórico da AD emerge na França no final da década de 1960, quando um relativo esgotamento do modelo estruturalista, somado ao movimento revolucionário de “Maio de 68”, produz a necessidade de um

instrumental teórico e metodológico capaz de fomentar e instrumentalizar a leitura e a interpretação dos discursos políticos, assim como dos fatos desencadeados por eles. A autora assinala que os estudos sobre a AD contaram com uma dupla fundação, aquela estabelecida por um consagrado lexicólogo de nome Jean Dubois, que a compreendia como uma disciplina que funcionava como extensão e progresso da linguística estrutural, dentro dos modelos sociológicos e psicológicos; e a outra fundação, responsável pela emergência do campo teórico no qual nos apoiamos neste trabalho, promovida por Michel Pêcheux, que a entendia como ruptura com o fazer científico de viés estrutural vigente nas Ciências Humanas, articulando a questão do discurso àquelas do sujeito e da ideologia fortemente em voga nos estudos de perspectiva marxista e psicanalítica da época.

Ainda segundo Malidier (2003, p. 15), o discurso, para Pêcheux, não se tratava de um objeto primeiro ou empírico, mas de um “lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as [...] grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito”. A linguista atribui, portanto, o desenvolvimento da teoria do discurso, proposta por Pêcheux, ao diálogo deste com a teoria de Louis Althusser, que o orientou na *École Normale Supérieure* entre 1959-1963. Althusser, então, pensava o marxismo fora do pensamento mecanicista vigente tanto na França quanto na Alemanha e procurava definir uma “ciência da ideologia”.

Na proposta da teoria da AD, tal como concebida por Pêcheux, e dada a influência de Althusser sobre seu trabalho, articulam-se três campos de saber: o marxismo, a linguística e a psicanálise, cujo objetivo era de refletir sobre os modos de produção/interpretação dos textos, em especial, aqueles que se ocupavam de questões políticas. Inspirado pelos princípios dessa articulação dos três campos, Pêcheux instituiu dois necessários deslocamentos de base, um acerca do sujeito e o outro acerca da língua/linguagem: o sujeito não deve ser mais visto como dono de seu próprio dizer, como a origem dos sentidos, mas concebido como uma forma-sujeito, uma forma social, como sujeito cindido pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, inserido, portanto, em *formações discursivas* que regulam seu dizer e seu interpretar; quanto à língua/linguagem, ela não deve mais ser concebida como um sistema cujas unidades mantêm uma interdependência interna (a partir da qual se obteria o significado dos textos, que estaria restrito a esse arranjo das unidades, cuja significação adviria da soma dos valores semânticas das unidades lexicais). Ela deve ser concebida, antes, em sua

dimensão simbólica, como uma expressão histórica, como a materialização de forças ideológicas presentes na mediação entre o homem e o mundo.

Pêcheux objetiva, com seu projeto teórico-metodológico da AD, promover um estudo da língua em sua relação com a sociedade e com a história, da qual advém a produção de sentido, ou seja, oriunda do jogo da interlocução, segundo o qual “[...] toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. (PECHÊUX, 2008, p. 53).

Por essa razão seu objeto não é a língua, mas o discurso e, diferentemente dos empregos que se faziam desse termo, em outras teorias linguísticas emergentes no final dos anos 60 em contexto francês e que tinham em comum a preocupação em romper com o estruturalismo e ampliar a capacidade de analisar a língua não apenas como sistema abstrato, mas em seu uso pelos falantes, Pêcheux define o discurso de maneira distinta dessas teorias transfrásticas e enunciativas, ao afirmar que ele diz respeito, não ao dado empírico nem ao texto, mas à relação entre a língua/linguagem e um seu exterior (histórico), uma vez que o sentido das palavras é oriundo de sua *formação discursiva*, que definiria as relações que tais palavras mantêm com outras da mesma *formação discursiva* e com aquelas de *formações discursivas* distintas e eventualmente antagônicas.

Para compreender o discurso é preciso, assim, levantar as condições de produção que regulam e autorizam a emergência de um enunciado, e não outro, isto é, é preciso considerar sua exterioridade e o processo histórico-social no qual estão inseridos os sujeitos que enunciam, e que falam o que falam em função de sua inserção/comprometimento com *formações discursivas* específicas. A teoria do discurso compreende, portanto, a produção do discurso como determinada pela língua, pela ideologia e pelo inconsciente, concomitantemente.

Essa articulação e as formas de interpretação dos enunciados pela AD sofreram, ao longo do tempo, algumas mudanças quanto aos pressupostos de base. Essa prática de revisão periódica adotada por Pêcheux, foi sistematizada pelo mesmo, sob a forma de um balanço dos avanços e mutações por que passou a AD, em 1983, no texto intitulado “AD, três épocas”, as quais foram designadas, conforme apresenta Denise Maldidier (2003), em: “O tempo das grandes construções” de 1969-1975, “Tentativas” de 1976-1979 e “A desconstrução domesticada” de 1980-1983.

Na primeira época, Pêcheux apresenta os fundamentos do “quadro epistemológico” da Análise do Discurso, ao articular à linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, segundo releitura de postulados, respectivamente, de Ferdinand Saussure, Karl Marx, e Sigmund Freud. Alguns textos fundadores desse período são “Análise Automática do Discurso”, “Língua, Linguagem e Discurso” e “Semântica e Discurso”.

Em “Análise Automática do Discurso”, publicado em 1969, também conhecido como AAD-69, Pêcheux postula uma teoria do discurso, ou melhor, uma teoria geral da produção dos efeitos de sentido que poderia se articular com as teorias do inconsciente e da ideologia. Para tanto, trabalha na reformulação do conceito de *fala* saussuriana e extrai dela suas implicações subjetivas, para assim constituir o entendimento do discurso, que seria norteado, determinado, pelas condições de produção externas à linguagem.

Nesta obra, escrita, como o próprio autor diz mais tarde, “na urgência teórica”, foi desenvolvido um método estruturado e informatizado subsidiado pelo modelo estrutural de Zellig S. Harris, para processar um determinado *corpus* textual fechado de sequências discursivas provenientes de diversos gêneros textuais do campo político, tais como discursos e documentos de posse, documentos oficiais, campanhas publicitárias políticas etc., com o propósito de identificar, por meio das paráfrases e do confronto ‘*sintaxe versus léxico*’, ideologias, *posições sujeito* e *condições de produção* distintas e responsáveis pelo modo como os textos são, podem e devem ser interpretados. Nesse contexto, o sujeito é entendido como assujeitado por uma maquinaria discursiva e, desse modo, uma vez inserido em uma determinada posição ou conjuntura social, só poderia produzir e interpretar textos segundo determinada *Formação Ideológica*. A expectativa de Pêcheux era a de que com seu dispositivo fosse possível extrair a subjetividade da leitura e assim, segundo Paul Henry (2011, p. 38), fazer dessa máquina uma espécie de “cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para aí produzir uma reviravolta”. Por essa razão, esse protótipo informatizado e inicial da AD foi sendo constantemente remodelado no decorrer das sucessivas épocas de seu trajeto, até ser então praticamente abandonado em sua última época, naquela conhecida como a época da “desconstrução dirigida”.

Em 1971, Pêcheux, com colaboração de Claudine Haroche e Paul Henry, publica na revista comunista *L’Humanité*, e dois meses depois na revista de linguística *Langages*, o texto “Língua, Linguagem, Discurso”, no qual, ainda dialogando com a

obra saussuriana e a questionando, opõe-se aos estudos de semântica em vigor, ainda conduzidos segundo princípios do estruturalismo, propondo então, com sua teoria, uma mudança de terreno, para o exercício de uma “semântica discursiva”.

Em 1975, Pêcheux avança em sua formulação/reformulação da teoria do discurso, com a publicação da obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, na qual procura concluir a teoria materialista do discurso trabalhando sua proposta de compreensão do *pré-construído*, e sua relação com o *interdiscurso*, conceito já apresentado em AAD-69, e o conceito de *formação discursiva*, tomado “emprestado” de Michel Foucault⁴, mas articulado ao paradigma marxista estabelecendo uma relação desse conceito com aquele de *formação ideológica*. Sobre a relação *formação ideológica - formação discursiva* ele afirma:

[...] as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] Chamaremos, então, de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 2009, p. 146-147).

Após a publicação de “Semântica e Discurso”, instaura-se a segunda época da AD, na qual, segundo Malidier (2003), foram marcos importantes a realização dos Seminários “Pesquisas sobre a teoria das ideologias”, também conhecidos como Seminários HPP em referência aos seus coordenadores Henry, Pêcheux e Plon, e dos encontros do Centro de Estudos e Pesquisas Marxistas (CERM). Outro texto fundamental que caracteriza esse período é aquele, escrito por Michel Pêcheux, intitulado “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”.

Tanto nos seminários HPP como nos encontros no CERM, as reflexões abordavam, cada uma a sua maneira, temas relacionados à língua, à psicanálise e à política, reunindo importantes linguistas da época como Jean-Marie Marandin, Bernard Gardin, Françoise Gadet, entre outros.

⁴ Segundo Michel Foucault, “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva” (2008, p. 43).

Em 1977 chega ao CERM a obra de Bakhtin-Volochinov intitulada “Marxismo e Filosofia da Linguagem” de 1929, recém-traduzida para o francês, e que causava alguma inquietação entre os linguistas marxistas por apresentar uma maneira diferente de perceber os fenômenos ideológicos por meio da análise da linguagem. Enquanto alguns linguistas se abriam à obra de Bakhtin, Pêcheux resistia, pois para ele “a questão do sentido não pode ser regulada na esfera das relações interindividuais, nem tampouco na das relações sociais pensadas no modo da interação entre grupos humanos.” (MALDIDIER, 2003, p. 61).

Neste período, Pêcheux começa a perceber que uma *formação discursiva* é constantemente atravessada por outra, a partir do pré-construído e de discursos transversos, que compõem o *interdiscurso*. Desse modo, ainda concebendo o sujeito como assujeitado à maquinaria discursiva, constata que, embora haja um atravessamento de discursos diversos, há sempre uma *formação discursiva* dominante, que atua regulando a produção e a interpretação dos sentidos, por parte do sujeito. Inicia-se então o período de colapso da noção de maquinaria discursiva e também o período de tentativas teórico-metodológicas outras.

Em março de 1978 Pêcheux apresenta então seu texto “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês”, no qual a articulação da teoria do discurso com a teoria psicanalítica aparece de forma mais explícita, tal como se verifica em referências feitas por Pêcheux à teoria do inconsciente, tais como:

A ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas a ideologia não pode ser pensada sem referência ao registro inconsciente. (PÊCHEUX, 2009, p. 278)

Em sua última época, a noção de maquinaria discursiva se esgota e Pêcheux aproxima-se dos trabalhos de Mikhail Bakhtin e Authier-Revuz e passa a tratar da questão das heterogeneidades enunciativas, concebendo o discurso como *acontecimento* e o sujeito não mais como tão assujeitado, sendo-lhe admissível o exercício da singularidade em seus gestos de leitura.

A leitura/interpretação nesse contexto é, enfim, entendida como processo e tanto quanto a produção do texto, como uma construção regrada pelas mesmas injunções que a produção de um texto sofre. Isso implica uma concepção de texto complexa, segundo a qual ele é considerado completo e incompleto, servindo não só como lugar de

informação, mas também como materialidade a partir da qual se promove o processo de significação, de atribuição de sentido.

Neste período, o teórico também passa a refletir sobre a *materialidade discursiva*, a exemplo da reflexão em torno do enunciado “*On a gagné*”, promovida em sua conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições”, realizada em 1983. Reflexão esta que ficará conhecida no Brasil sob o título de “Discurso: Estrutura ou acontecimento?” em que propõe que, para se desenvolver um estudo discursivo, é preciso considerar que:

A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua (PÊCHEUX, 2008, p. 50).

Neste momento, explicita-se a importância que a reflexão sobre a materialidade discursiva desempenha para o estudo dos processos de significação e produção dos sentidos que se concretizam sob a forma linguística, mas também segundo outras materialidades. É o início da expansão dos objetos de estudo da AD.

1.1.2 Materialidade e circulação dos discursos

Se, nesse terceiro período, as outras materialidades discursivas foram tomando importância, expandindo a discussão, que antes limitava-se à língua, a outras formas materiais de expressão e de significação, por meio da compreensão segundo a qual é possível analisar as “condições de produção”, tal como pressuposto por Michel Pêcheux, não apenas da língua mas de outras materialidades a partir das quais pode-se apreender os discursos, constata-se aí a influência das considerações de Michel Foucault sobre a análise do discurso, uma vez que ao definir o *enunciado* (unidade mínima do discurso) não exclusivamente restrito à materialidade linguística, o filósofo amplia as formas a partir das quais se pode analisar os discursos.

Para ele a materialidade tem uma função importante no estudo do discurso, uma vez que ela é parte fundamental na constituição do enunciado, ao lado de outros elementos, a saber, o sujeito que enuncia, a série a que pertence o enunciado e o campo

associado a que ele se filia. Conforme o teórico, o enunciado precisa de uma espessura material que, por sua vez, compõe sua significação:

Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em um espaço? (FOUCAULT, 2008, p. 113)

Diz respeito à materialidade a condição do enunciado de ser uma forma repetível. No entanto, se é esta dimensão concreta que faz com que um enunciado seja repetível, não é ela a única responsável pela repetibilidade. Assim, a identidade da forma, ou de sua substância concreta, precisa ser conjugada ainda à origem institucional que faz com que enunciados idênticos formalmente sejam ou não um mesmo enunciado, ou que faz com que enunciados distintos formalmente identifiquem-se com outros materialmente diferentes.

O enunciado depende, portanto, mais da ordem de instituições materiais que possibilitam essa repetição do que da semelhança/identidade formal. De tal modo que duas frases formalmente distintas (léxico e sintaxe), pronunciadas por sujeitos distintos e em períodos históricos distintos, podem ter uma identidade enunciativa (serem idênticas por dizerem a mesma coisa, por significarem a mesma coisa), porque ditas de um mesmo lugar institucional, assim como pode acontecer de duas frases idênticas, pronunciadas por um mesmo indivíduo podem não representar o mesmo enunciado exatamente por terem sido ditas de posições institucionais distintas. Sobre isso, Foucault esclarece:

O regime de materialidade a que obedecem necessariamente os enunciados é, pois, mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal; define antes **possibilidades de reinscrição e de transcrição** (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e percíveis. (FOUCAULT, 2008, p. 116, grifo do autor)

Uma sequência de elementos linguísticos ou qualquer conjunto de signos são considerados como enunciado se estiverem dentro de um campo enunciativo, relacionando-se com outras sequências de elementos linguísticos do mesmo campo, portanto:

A identidade de um enunciado está submetida a um segundo conjunto de condições e de limites: os que lhe são impostos pelo conjunto dos outros enunciados no meio dos quais figura; pelo domínio no qual

podemos utilizá-lo ou aplicá-lo; pelo papel ou função que deve desempenhar (FOUCAULT, 2008, p.116).

A identidade (ou não) de um enunciado liga-se, portanto, à sua filiação (ou não) a um domínio associado de outros enunciados que delimitam a significação desse último, uma vez que:

[...] ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, [o enunciado] aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga (FOUCAULT, 2008, p.118-119).

Através dessa repetição, na relação que mantém com outros enunciados do mesmo campo de utilização, o enunciado pode ou não perder sua identidade. Desse modo, podemos observar um único enunciado e sua multiplicidade de materialidades, quando vemos um texto e suas diversas traduções, ou ainda uma informação e as suas diversas formas de transmissão. Assim, desde que essas novas formas conservem seu conteúdo enunciativo e suas possibilidades de uso, trata-se do mesmo enunciado.

Os enunciados, portanto, detêm uma natureza histórica que se revela devido às *condições de produção*, e também uma materialidade que é a forma como este enunciado está registrado, ou ainda, se mostra aos analistas como substância analisável.

Em nossa análise, apoiaremos-nos nesta concepção de *enunciado* como menor unidade do discurso e a partir da qual se pode apreender os discursos que a sustentam e que definem sua significação se o considerarmos em suas diversas materialidades e segundo seu funcionamento regulado pelas instituições a partir das quais eles são produzidos e significados. Nesse aspecto, vamos analisar os *posts* de *blog* em sua materialidade peculiar de comentários que, crítica e amadoramente, se ocupam do legado machadiano. Assim, buscaremos depreender as injunções de ordem material que atuam sobre o que é enunciado pelos *novos leitores* ao comentarem textos clássicos na *Web*.

1.2 HISTÓRIA CULTURAL E A PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS

Os estudos sobre a produção e a circulação dos discursos não se resumem às teorias do discurso. Se a Análise do Discurso se ocupou de estudos sobre a materialidade dos enunciados, compreendendo aí a maneira como são formulados e a maneira como circulam socialmente, a História Cultural também o fez, embora com objetivo distinto daquele de uma teoria de análise dos enunciados (verbais ou não) para se compreender o modo como produzem um sentido e não outro.

A História Cultural, em seus estudos sobre as formas de materialização e circulação dos discursos, objetiva reconstituir e contar o passado de certas práticas imateriais, como a leitura, foi preciso que os historiadores buscassem indícios nos objetos culturais concretos, cuja materialidade permitisse deduzir as práticas do passado que deles se apropriavam.

Neste contexto, o historiador cultural do livro e da leitura, Roger Chartier, em sua obra “A história da leitura no mundo Ocidental” organizada em conjunto com Guglielmo Cavallo, apropria-se e reformula alguns pressupostos foucaultianos acerca dos procedimentos que operam sobre a produção dos discursos aplicando-os à circulação dos textos, tal como enunciam:

A análise de Foucault diz respeito à produção do texto; mas, se invertermos nosso ponto de vista, tudo aquilo que ele escreveu pode ser aplicado ao uso do texto, isto é, à leitura, que numa cultura escrita organizada é justamente submetida a procedimentos de interdição e de controle análogos, senão idênticos, àqueles a que é submetida a produção de textos. (CAVALLO, CHARTIER, 1999, p. 208)

Desse modo, a História Cultural do Livro e da Leitura reconhece a importância da materialidade tanto para a imposição como para a apropriação de um sentido do texto, desenvolvendo uma “teoria do suporte”, na qual afirma que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler” (CHARTIER, 1996, p. 127), de tal modo que “[...] cada forma, cada suporte, cada estrutura de transmissão e da recepção da escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações” (CHARTIER, 1999, p. 105).

Considerando que nosso objeto de análise são *posts* com comentários de obras lidas feitos por uma comunidade de leitores específica, da qual pretendemos descrever aspectos de seu perfil, foi preciso, para sua análise, articularmos a uma teoria histórica da leitura como a História cultural, uma teoria do discurso como a formulada pela Análise de discurso francesa, de modo a podermos identificar as diferenças e similitudes

entre o que enunciam esses leitores, entre si, e o que enunciam esses leitores em relação a outros pertencentes a diferentes comunidades leitoras.

Para apresentarmos de modo mais específico a importância da História cultural da leitura para nosso estudo, nesta seção vamos nos ater primeiramente a realizar um levantamento sobre como foram se desenvolvendo os estudos da história cultural até chegarmos à história cultural do livro e da leitura para enfim compreendermos algumas de suas noções, que orientam nosso estudo sobre as representações de leitura na contemporaneidade.

1.2.1 Uma breve história da História Cultural

Segundo o historiador Peter Burke (1992) desde meados do século XVIII já havia intelectuais na Escócia, França, Itália, Alemanha e em outros países que estavam preocupados com aquilo que chamavam de “História da Sociedade”, que não se limitava à guerra e à política, mas antes com as leis, o comércio, a moral e os costumes, tal como Voltaire e a obra “*Essai sur les mœurs*”, deixando de lado os grandes eventos para pensar na história das estruturas, dedicando-se à reconstrução de comportamentos e valores, compondo o que poderia se chamar de história sociocultural. Surge assim, a primeira fase da História Cultural, denominada por Burke (2008) como o período Clássico, que se estende dos anos de 1800 a 1950, no qual os historiadores estavam preocupados com as conexões entre as diferentes artes e a história, concentrando-se no todo em detrimento das partes e relacionando isso ao *Zeitgeist*, isto é, ao “espírito da época”.

Nesta fase os historiadores alemães estavam preocupados com o “*Geistesgeschichte*”, que pode ser traduzida como a “história do espírito”, “história da mente” ou ainda “história da cultura” e “‘liam’ pinturas, poemas etc. específicos, como evidências da cultura e do período no qual foram produzidos” (BURKE, 2008, p. 17). A Alemanha pré-unificação era um lugar propício para o desenvolvimento da história cultural à medida que, diferentemente de outros países, não havia a ideia de Estado e conseqüentemente a história voltada à política não era uma prioridade. São expoentes dessa primeira fase o suíço Jacob Burckhardt e o holandês Johan Huizinga.

Esta forma de selecionar temas e objetos para a reconstrução da história é logo marginalizada pela abordagem do historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886),

que com seu novo paradigma, calçado pela “Revolução Copernicana” e por que não, pelos ideais de Estado que circulavam na Europa, afirmava que as fontes legítimas para os historiadores eram os arquivos, tratando esses historiadores culturais como amadores, cujos estudos não ajudavam a construir o Estado.

Os discípulos de Ranke deram continuidade à sua proposta historiográfica, ainda com mais rigor, desenvolvendo a abordagem rankeana, atendo-se à história dos grandes eventos políticos e de Estado e ao desenvolvimento do método historiográfico, a exemplo da publicação em 1897 do compêndio “Introduction aux études historiques” de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Apesar disso, havia ainda, naquele período, historiadores que se dedicavam aos estudos de uma história que não se restringisse a tais temas, e que se opunham à hegemonia desse modo único de pensar a história; tanto que durante o século XIX algumas expressões como “*Culture*”, “*Kultur*” e “*Civilisation*” circulavam nas obras de intelectuais da Inglaterra, Alemanha e França (BURKE, 2008). Destes, destaca-se o trabalho organizado dos historiadores econômicos que atuavam desde o fim do século XIX até o início do XX, além de outros como Michelet e Karl Marx. O primeiro descrevendo a história das classes subalternas, isto é: “a história daqueles que sofreram, trabalharam, definharam e morreram sem ter a possibilidade de descrever seus sofrimentos” (MICHELET, 1842, p. 8 *apud* BURKE, 1992, p. 22-23); o segundo procurando perceber tensões nas estruturas socioeconômicas para descrever as causas das mudanças históricas.

A crítica à abordagem Rankeana provinha de grandes pensadores do final do século XIX como Auguste Comte, Herbert Spencer e Émile Durkheim possibilitando a emergência de uma nova disciplina: a Sociologia, ao mesmo tempo em que essa concepção do fazer historiográfico começava a ruir com as sugestões de novas possibilidades de compreensão da história.

Na esteira desse movimento, tem início a história dos *Annales*, isto é, a história dos desdobramentos e escolhas no trato dos estudos históricos segundo as tendências de pesquisas publicados na revista *Annales*. História esta que tem seu início com o encontro dos historiadores Lucien Février e Marc Bloch, que ingressam em 1920 na Universidade de Estrasburgo, nos cargos, respectivamente, de professor e *maitre de conférence*. Février era um especialista na história do século XVI, que na *École Normale Supérieure* tomara contato com estudiosos da geografia, filosofia, antropologia e linguística além das obras de Michelet, Burckhardt e outros historiadores reconhecidos da época, publicando vários estudos de geografia histórica. Bloch

frequentara também a *École Normale* onde teve contato com Émile Durkheim e seus ideais, concentrando-se nos estudos da sociologia e especializando-se na história medieval.

Embora imaginada por FÉbvre, desde o pós Primeira Guerra, como uma revista internacional focada na história econômica sobre a direção de Henri Pirenne, a revista *Annales* só teve sua fundação em 1928 por intervenção de Bloch, que assumira com o primeiro a responsabilidade de editor, devido à recusa do historiador belga. Com o nome de “*Annales d’histoire économique et sociale*” a revista teve sua primeira edição em 1929, com um comitê editorial formado não só por historiadores mas também por um geógrafo, um sociólogo, um economista e um cientista político, com o desejo de oferecer um espaço interdisciplinar de intercâmbio entre historiadores e cientistas sociais. O interesse dos *Annales* era o de opor-se ao paradigma Rankeano, voltando-se para uma história social e econômica na qual haveria espaço para a história voltada a problemas de outra ordem, e não mais apenas aos grandes eventos e aos grandes vultos.

Na década de 1930 o grupo de Estrasburgo se dispersa em função do grande reconhecimento obtido pelo movimento dos *Annales*. Em 1933 FÉbvre parte para assumir uma cátedra no *Collège de France* e Bloch, em 1936, uma cadeira de história econômica na *Sorbonne*. Neste intervalo FÉbvre assume também a presidência do comitê organizador da *Encyclopédie Française*. O estouro da Segunda Guerra Mundial, e mais, a morte de Bloch pelo exército alemão, em 1944, freia um pouco o movimento dos *Annales*, exigindo inclusive que FÉbvre também se retire para o campo, lugar a partir do qual ele continua a publicar a revista, que passa a assinar sozinho, lugar também em que ele escreve sobre a Renascença Francesa e a Reforma além do legado e história de Marguerite de Navarre e François Rabelais.

Também na década de 1930, inicia-se o que Burke (2008) chama da segunda fase da História Cultural: a História Social da Arte. Neste tempo, temos como alguns trabalhos fundadores os dos sociólogos Max Weber, que estudara a cultura protestante dentro do capitalismo e Norbert Elias que em seu livro “O processo civilizador” publicado em 1930, retoma as pesquisas de Huizinga, e estuda a história dos modos à mesa tratando, a partir da incorporação de novos objetos como o garfo e a faca, das pressões sociais pelo autocontrole. Surgem outros nomes importantes como Aby Warburg que, admirador de Burckhardt, avançou junto com seus ensaios em direção à “ciência da cultura” procurando romper com as fronteiras das disciplinas acadêmicas, atendo-se ao estudo do Renascimento e ocupando a posição central em um grupo de

estudiosos que se se dedicavam à história das formas simbólicas como Ernest Cassirer e da arte como Fritz Saxl, Edgar Wind e Erwin Panofsky.

Terminada a Segunda Guerra, Fébvre foi convidado a auxiliar na organização da *École Pratique des Hautes Études*, assim como atuar como delegado da França na UNESCO, participando da organização da coleção “História Cultural e Científica da Humanidade”. Também nessa época, é encarregado de escrever um volume da coleção dirigida por Henri Berr e intitulada “A evolução da Humanidade”, contudo, sem tempo para tal empreendimento confia a execução deste a Henri-Jean Martin, com a indicação de que o arquivista não se prendesse à história da impressão ou tipografia, mas antes em como a invenção do livro se inscreveu na história atuando em um conjunto de transformações e rupturas culturais.

Fébvre falece em 1955 antes de ver concluída a obra de Martin, que vem a público dois anos depois, inaugurando assim a “História do Livro”. Antes disso, o historiador deixara a direção dos *Annales* a Fernand Braudel e a Charles Morazé, e Robert Mandrou como seu secretário executivo. Mandrou era um dos discípulos de Fébvre que trabalhava com a história das mentalidades no Renascimento e viria a tornar-se o primeiro historiador da leitura.

Fernand Braudel era historiador formado pela Sorbonne e quando da criação dos *Annales* tinha vinte e sete anos e desde então lecionava na Argélia, onde preparava seu doutorado, interrompido entre os anos de 1935 e 1937, quando é contratado para lecionar na então recém-fundada Universidade de São Paulo. Em seu retorno à França encontra Fébvre que o orienta em seu doutoramento, período este que é feito prisioneiro em um campo de concentração perto de Lübeck, e passa a enviar a este os rascunhos do que virá a ser sua tese “O Mediterrâneo”, defendida em 1947 e dedicada a este “com a afeição de um filho”. (BURKE, 1992).

Em sua tese, Braudel procurava chegar à “história total” integrando as frentes econômicas, culturais, econômicas, políticas e sociais, sem se ater às atitudes, valores ou mentalidades coletivas que concerniam a região que estudava. A extensão e detalhamento de sua obra, entretanto, o fez influente, tornando-se, logo após a publicação de sua obra em 1949, professor do *Collège de France* e diretor do *Centre Recherches Historiques*. Nesta mesma época emerge na França um novo meio de descrever a história, baseado em métodos quantitativos, primeiramente voltado à história econômica e depois à história social. Esses métodos também vão aos poucos

sendo empregados no que concerne à história cultural, em especial a história da religião e das mentalidades.

É na década de 1960 que segundo Burke (2008) inicia-se um novo período da História Cultural, a História da Cultura Popular, com o resgate de temas da cultura popular. Nesta época Erick Hobsbawm escreve a “História Social do Jazz” e Edward Thompson um influente estudo intitulado “A formação da classe operária inglesa”, influenciando uma série de estudos de outros historiadores de diversos países a pensarem a história “a partir de baixo”. Em 1969, a direção dos *Annales* fica a cargo de André Burguière e Jacques Revel e instaura-se uma nova geração dos *Annales*, na qual não mais havia grupos como os constituídos por FÉVRE e BRAUDEL e, no entanto, há o alargamento dos temas de estudo, surgem a história da infância, da família, das mulheres, do sonho, do corpo, do odor, o retorno à história política, a história quantitativa, entre outras.

Dessas tantas frentes temáticas de pesquisa possibilitadas pela História Cultural emerge também um campo produtivo voltado ao livro e a leitura, sobre o qual nos fixamos nesta pesquisa e nos deteremos na próxima seção um espaço para alguns apontamentos sobre seu desenvolvimento e algumas de suas noções.

1.2.2 A História Cultural do Livro e da Leitura e as noções de ‘representação’ e ‘apropriação’

Na perspectiva do historiador cultural estadunidense Robert DARTON (1990), a história da leitura é um ramo da história do livro, cujo fortalecimento se deu primeiramente na Inglaterra no século XIX, desenvolvendo-se depois, em 1960, na *École Pratique des Hautes Études*, na França com as tendências da “Nova História”, ou ainda, com a movimentação dos *Annales*. Ainda segundo o teórico, os historiadores do livro nessa nova tendência de estudos estavam empenhados em “[...] descobrir o modelo geral da produção e consumo do livro ao longo de grandes períodos de tempo” (DARTON, 1990, p. 110), utilizando como fonte documentos como os *privilèges*⁵ e as bibliotecas dos leitores, bem como inventários etc. Um representante desse primeiro período de estudos do livro foi Robert Mandrou que passou a investigar a mentalidade

⁵ Espécie de direito à publicação, outorgado pelo Rei a editores.

dos leitores a partir de uma coleção de livros chamada “Bibliothèque bleue” dos editores de Troyes, produzida do século XVI ao século XVII.

O projeto de Mandrou, ou ainda, sua forma de narrar a história dos leitores é logo criticada, não pelas fontes e condições em que desenvolvera seu estudo, mas antes pelos questionamentos dirigidos aos documentos que analisa. Nesse contexto, jovens historiadores, no final dos anos de 1960, passam a conceber que os inventários post-mortem e os catálogos de bibliotecas privadas podem levar a resultados enganosos sobre as práticas de leitura, considerando-as fontes para analisar-se as representações dos leitores, isto porque dissimulam os livros perigosos, proibidos, como os de menor valor e grande circulação. Os livros que constam em um catálogo ou em uma biblioteca não coincidem necessariamente com a biblioteca ou as práticas de leitura exercidas pelos leitores.

À frente das críticas a este modelo de história da leitura, podemos destacar Roger Chartier, que analisa o modo como a produção e a circulação dos textos afetam e atestam as práticas de leitura e como os textos podem trazer indícios das representações do leitor que deles se apropriam. A história cultural, tal como compreendida por Chartier (2002, p. 16) “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, os quais podem ser acessados pelo historiador por meio das formas materiais dos objetos culturais produzidos e compartilhados por uma dada comunidade.

Assim, na abordagem histórica fundada por Chartier sobre a história cultural da leitura, cabe ao historiador apreender indícios materiais para descrever como uma determinada comunidade de leitores, em determinado momento histórico, se apropria das formas e sentidos de um texto, para assim detalhar suas práticas de leitura. Indícios estes não mais baseados no cálculo de alfabetizados, ou observados em documentos oficiais, ou mesmo pela menção de um conjunto de títulos de livros em testamentos e inventários, como outrora se fazia, uma vez que a circulação dos textos e suas apropriações extrapolam essas fronteiras sociais (entre os que possuem e não possuem livros, entre os que dominam o código escrito e os que não dominam).

Segundo a perspectiva da História cultural, tais indícios vão ser buscados na própria estrutura dos textos (uso de margem, de pontuações, ilustrações, extensão dos períodos frasais, das retomadas), nas formas de sua produção e de sua circulação para uma dada comunidade.

Nesse contexto, em seu artigo "*Le monde comme représentation*"⁶ publicado nos *Annales*, em 1989, Chartier desenvolve uma reflexão sobre o ofício do historiador distanciando-se dos princípios então vigentes na historiografia francesa, “fundada no primado da liberdade do sujeito, pensado como livre de toda e qualquer determinação, e privilegiando a oferta de idéias e aparte refletida da ação”, procurando “compreender a partir das mutações no modo de exercício do poder (geradores de formações sociais inéditas) tanto as transformações das estruturas da personalidade quanto as das instituições e das regras que governam a produção das obras e a organização das práticas” (CHARTIER, 1991, p. 188). Para tanto, o historiador retoma ao conceito durkheimiano-maussiano de *representações coletivas* com à ênfase dada por Pierre Bourdieu às lutas por formas de classificações sociais, aproximando o conceito de mentalidade, e a compreensão de *leitura e apropriação* tal como entendidos por Michel de Certeau e Bourdieu.

Desse modo, a *representação* demonstra como em diferentes espaços e épocas uma realidade é construída, imaginada e dada a ler por grupos sociais diversos, produzindo um efeito de real. Sobre esta noção, Pesavento (2005, p. 39) indica-nos que “as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência” a partir dessas representações. Nesse sentido, as construções, ou percepções sociais, são resultantes, por um lado, das representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e, por outro, das representações que a própria comunidade faz de si, tal como explica Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Nesse contexto, ainda segundo o teórico (2002), o controle pela representação tem tanta importância quanto o controle econômico ou político para a compreensão dos mecanismos com os quais um grupo procura impor suas concepções, valores e domínio sobre outros.

⁶ Esse artigo é traduzido para o português por Andrea Daher e Zenir Campos Reis e publicado no periódico brasileiro “Estudos Avançados” em 1991, sob o título “O mundo como representação”.

Outra noção fundamental para a teoria da História Cultural dos Livros e da Leitura é a de *apropriação*. A apropriação está relacionada ao consumo cultural tomado como uma operação de produção que apesar de não fabricar um objeto, dá a ver sua forma de compreensão sobre o que consome pelas maneiras como emprega, ou compreende, os objetos que lhe são seus. Esta noção atua sobre a prática de produção de sentidos e recepção dos produtos culturais, como os livros, os textos.

[...] A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 2002, p. 26).

Desse modo, para o teórico francês Michel de Certeau (1998), se considerado que “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, o leitor lê nos textos o que não foi por estes previsto ou intencionado, re-significando-os, afastando-os de sua origem e contexto, combinando-os com outros fragmentos e saberes.

NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS: *O BLOG E SEU FUNCIONAMENTO DISCURSIVO*

Sabemos que historicamente a produção, a circulação e o acesso aos textos sempre foi um privilégio de poucos, uma forma de delimitação dos sujeitos e exercício do poder. Entretanto, com as possibilidades instauradas pela *internet* e algumas ferramentas da *Web*, houve uma mudança importante nesse modelo de produção-circulação-acesso, viabilizando, se não uma distribuição menos hierarquizada dessas práticas próprias da cultura escrita, ao menos uma desarticulação das formas de exercício da lógica hierárquica da cultura impressa. Não seria exagero afirmar hoje que nunca se produziu e se publicou tantos textos ao mesmo tempo, nunca foram tão acessíveis diferentes informações, do conhecimento científico mais específico ao comentário mais banal de aspectos do cotidiano, nunca, enfim, se alteraram tão rapidamente nossas práticas, em especial, as de escrita e de leitura.

O poder produtivo e a disseminação propiciada pela *Web* ampliam a possibilidade de intervenção social das pessoas conectadas à rede, no que tange tanto à produção, quanto à circulação e ao acesso de conteúdos por meio, especialmente, de redes sociais⁷. Destas tantas redes sociais, interessa-nos discorrer sobre a emergência e a expansão dos *blogs*, de modo a compreendermos como se operam as engrenagens da produção e da circulação de textos segundo as regras desse novo gênero discursivo.

⁷ Os números relativos a isso e apresentados pela empresa de monitoramento *Web Pingdom*⁷ impressionam já que, segundo ela, até 2011, existiam no mundo aproximadamente 555 milhões de sites, 3 bilhões de contas de e-mail, mais de 800 milhões de perfis no *Facebook*, 225 milhões de utilizadores do *twitter* que publicam 250 milhões de *tweets* por dia, 39 milhões de *blogs* no *Tumblr*, 70 milhões no *Wordpress*, 51 milhões de cadastrados no *Flickr*, que publicam no site 4,5 milhões de fotos por dia, além de serem enviadas 48 horas de vídeos no *YouTube* por minuto. (Fonte: PINGDOM. *Internet 2011 in number*. Jan., 2012. Disponível em: < <http://royal.pingdom.com/2012/01/17/internet-2011-in-numbers/> >. Acesso em: 01 ago. 2012).

2.1 O BLOG ENTRE AS NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO TEXTUAL

O advento da *Internet* contribuiu, e vem contribuindo, para mudanças em diferentes práticas, como, por exemplo, na maneira como nos comunicamos, aprendemos, pesquisamos e nos relacionamos. Não é difícil notar assim como diferentes domínios da ciência tem se dedicado a pesquisar a influência das novas tecnologias digitais de informação e comunicação nos contextos mais variados, entre os quais, e a título de exemplo, incluem-se os estudos da linguística e da história cultural.

Dessas teorizações, podemos elencar, por exemplo, a perspectiva do linguista irlandês David Crystal (2001), que considera o impacto da *internet* como uma revolução muito mais linguística do que propriamente tecnológica, pois testemunhamos mudanças ocorrendo tanto nos usos das linguagens como na natureza enunciativa dessa linguagem e nos gêneros do discurso eletrônico.

Já no contexto dos estudos da história cultural, Roger Chartier (1999) acredita que a revolução do texto eletrônico vem transformando sobretudo as nossas práticas de leitura e escrita e, por conseguinte, nossas competências intelectuais. O autor afirma ainda que esta mudança foi iniciada pela mutação por que passaram os textos, quando de sua digitalização, a saber, uma mutação não apenas dos suportes tradicionais como também das suas formas de apresentação. Dentre as mudanças ocorridas nas formas de produção dos textos, encontram-se a migração, a transmutação de gêneros tradicionalmente manuscritos ou impressos para a forma eletrônica e a criação de gêneros específicos e gerados para e em função do meio eletrônico, cuja forma de apresentação e de circulação de textos passam a ser feita por via de um mesmo suporte.

Essas mudanças (dos gêneros e de suporte) têm impacto sobre as práticas de leitura e de escrita tradicionais, assim como sobre os atores, as instituições e as formas de validação dos textos. Quando textos de origem e gêneros diversos, que na cultura escrita antes da *internet* eram distribuídos e organizados segundo princípios hierárquicos que validavam ou não os textos, começam a circular sob um mesmo suporte, é todo esse sistema de diferenciação dos textos que se vê fragilizado, e com ele as práticas de produção, de avaliação, de recepção desses mesmos textos sofrem mutações.

Tendo em vista tais mutações, discutiremos a seguir a especificidade (ou não) do *blog* enquanto um gênero do discurso, pautando-nos, para tanto, no pensamento do teórico russo Mikhail Bakhtin (1997), no que concerne a sua definição de *gênero*.

2.1.1 A internet e a emergência dos blogs

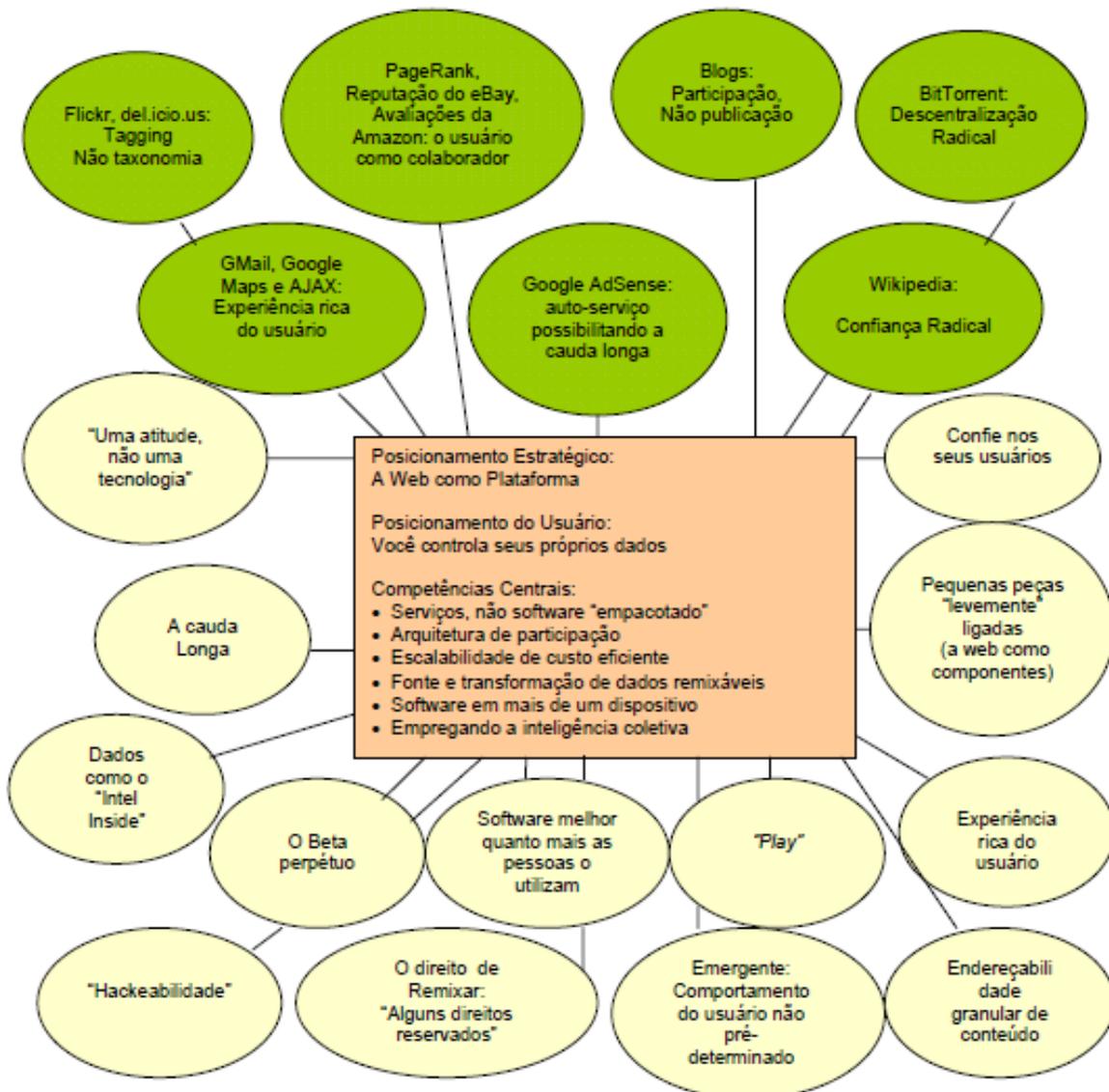
O ciberespaço, isto é, o meio de comunicação que surge com a interconexão mundial de computadores (LEVY, 2005), nem sempre teve a forma e os recursos que vemos e utilizamos atualmente. Ligada historicamente aos desdobramentos da Guerra Fria, a *internet*, ou ainda mais precisamente, a *Web*, tornou-se hoje um dos meios de comunicação mais popular e acessível a diferentes classes, fomentando o relacionamento entre pessoas, o comércio, o entretenimento, as pesquisas e inúmeras outras ações.

Neste contexto Spyer (2007) considera a *Internet* como um tipo de mídia diferente das mídias tradicionais, pois “[...] possibilita a comunicação simultânea e de duas vias entre várias pessoas. [...] Sua aplicação funde a difusão (broadcasting) que transmite informação de um ponto para muitos, com a interatividade característica da comunicação de duas vias” (SPYER, 2007, p. 21). Diante disso, o crescente número de pessoas na rede acaba por influenciar e romper com a antiga ordem de produção de conteúdos, de um para um ou muitos, voltando-se a proposta de muitos para muitos; desencadeando aos poucos as ideias de plataforma social.

A partir desse novo paradigma, e por meio de ferramentas on-line fáceis e gratuitas, é proporcionada aos utilizadores da *Web* uma relativa liberdade de produção de conteúdo e de seu compartilhamento, de forma colaborativa ou não, e a possibilidade de construção de comunidades virtuais as mais diversas. Este novo paradigma denomina-se *Web 2.0*, e se caracteriza, conforme Primo (2007), pelos aspectos colaborativos das práticas de cooperação, dos diálogos e da participação na construção do conhecimento, com a potencialização dos processos de trabalho coletivo, de troca afetiva e de produção e circulação de informações.

O conceito “*Web 2.0*” começou a ser discutido por O’Reilly e a MediaLive International em 2004 em uma conferência de *brainstorming*, na qual esboçaram-se algumas características desse conceito:

Figura 1- Mapa de noções de Web 2.0



Fonte: O'Reilly, 2006, p.6.

Neste esquema, no qual vemos em cor verde algumas ferramentas e em lilás alguns conceitos, pode-se perceber que a *Web 2.0* se volta para o usuário, para o compartilhamento e para a participação no uso e geração de conteúdos. Surgem assim os *blogs*, as redes sociais diversas, serviços de armazenamento e compartilhamento de arquivos, *wikis*, *microblogs* etc.

Neste contexto, segundo Marcos José Pinto (2002), um dos pioneiros no estudo e divulgação dos novos canais de comunicação *Web* no Brasil, a popularização dos *blogs* entre os anos 2000 pode ser explicada por uma demanda já existente das pessoas que tinham acesso a *Web* por um espaço para a expressão pessoal, desvinculado das instituições. Assim, com a sua criação, essas plataformas representaram "uma revolução

dentro da revolução”, revigorando o movimento de livres trocas de ideias, numa época em que a *Web* estava voltada, principalmente, para questões comerciais.

A designação *blog* foi criada em 1997, por Jorn Barger, para referir-se ao seu jornal online RobotWisdom, onde indicava *links* para páginas *Web* que achava interessante juntamente com alguns comentários, funcionando como um filtro de conteúdo. Sobre isso, Malini explica

O termo era um acrônimo derivado das palavras *web* e *log* (diário ou bloco de anotações) e expressava um site que hiperligava páginas interessantes encontradas na *internet*. Blog era, na prática, uma coleção de links com comentários breves. Barger ficava o dia inteiro garimpando notícias, informações, casos etc, que publicava na forma de comentários breves com disponibilização dos links desses dados, sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). (MALINI, 2008, p. 2).

Ainda para o teórico, entre os anos de 1997 a 1999, a atuação nos *blogs* era caracterizada pela lei “blogueiro linka blogueiro”. A ideia era a de que o editor do *blog*, o blogueiro, não devia se preocupar em formar opiniões, mas antes conduzir seus visitantes para outros *blogs* e *sites*. Nessa primeira época, a criação e manutenção dos primeiros *blogs* exigiam que seu editor dominasse a linguagem HTML.

A partir 1999, no entanto, os *blogs*, tal como os conhecemos hoje, surgiram e começaram a se expandir, devido ao surgimento de serviços como o *Pitas*, *Blogger*, *Groksoup*, *Edit This Page* e o *Velocinews*, entre outros, que permitiam ao usuário criar e manter um *blog*, de forma simples, escolhendo um *layout* e escrevendo um título, um texto e clicando em “publicar”. Essas facilidades, somadas ao aumento do público jovem, com acesso à *internet*, tornaram o espaço, antes voltado para o compartilhamento de *links*, um local de manifestação mais pessoal, no qual se comentavam o cotidiano e pensamentos do blogueiro, aos moldes de um diário pessoal, tornado público.

Nos anos 2000, várias melhorias foram feitas na interface dos *blogs*, tornando-os cada vez mais simples e personalizados. Nessa época também, o *Blogger* inovou, assim como o *permalink*, possibilitando que cada postagem tivesse sua própria URL, tornando essas publicações fáceis de serem tanto recuperadas por um motor de busca, quanto referenciadas. Outra mudança importante foi a criação do espaço de comentários, o que

propiciou e fomentou o desenvolvimento de comunidades entre editores(es) e leitor(es) de *blogs*.

O *blog* passa a se caracterizar, desde então, como uma espécie de “diário eletrônico”, no qual são colocadas mensagens, designadas como *posts* ou entradas, que são apresentadas em uma ordem cronológica inversa. Essas mensagens podem referir-se a um ou a vários temas, contendo diversos tipos de conteúdos como música, imagens, vídeos, entre outros conforme o interesse do blogueiro que, como afirma Silva e Cortina (2009), pode ser definido pela junção do trinômio “narcisismo-pseudoliberalidade-ludicidade”. À medida que, apesar da variedade inesgotável de temas que podem ser trabalhados no espaço do *blog*, a temática pessoal, a auto-expressão, é a preferida, configurando esta mídia como a mídia do “eu”, do narcisismo; a liberdade do blogueiro para dizer o que quer e como quer é falaciosa, uma vez que a vigilância e a cumplicidade com seu público leitor impelem-no e impedem-no de adotar determinadas práticas. Quanto à ludicidade, ela se relaciona à necessidade de exposição e de espetacularização da vida cotidiana, princípios que pouco a pouco se integram duas concepções do leitor e afetam-lhe suas práticas.

Tais características, no entanto, não implicam necessariamente que os *blogs* não sejam um espaço de informação, uma mídia informativa. Conforme explica Malini (2009) os *blogs*, mais que as emissoras de televisão e portais de notícias, foram os principais responsáveis por prestar esclarecimentos e divulgar testemunhos, fotos, vídeos e áudios sobre os ataques de 11 de setembro de 2001. Esse marco cria então uma nova concepção de *blogs*, os *warblogs*, voltados de início para a cobertura da Guerra no Iraque e, posteriormente, com o deslocamento do tema ocupação do Iraque de assunto de guerra para caso policial, para a discussão política do Oriente Médio.

Por fim, a blogsfera, entendida como a comunidade que se constitui a partir dos editores e leitores dos *blogs* foi, desde 1997 a 2001, marcada pelo deslocamento de identidade, de público, de ação pública.

2.1.2 O Blog como um gênero do discurso

Segundo Mikhail Bakhtin em sua obra “A estética da criação verbal”, todas as esferas de atividade humana estão sempre relacionadas à utilização da língua, que se apresenta de maneiras tão diversas quanto as possibilidades de atuação humana. A

mobilização da língua efetua-se sob a forma de enunciados que se inscrevem em um *gênero discursivo* de acordo com a atividade humana em execução, assim,

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1997, p. 280)

A variedade infinita de atividades humanas geram infinitas possibilidades de identificações de *gêneros do discurso*, como a conversa cotidiana, a carta, a dissertação, o romance, etc. os quais podem variar se concebidos de acordo com a atividade profissional da língua, à medida que a linguagem do advogado, do comerciante, do médico etc. diferenciam-se não apenas pelo vocabulário técnico empregado como também pelas formas de orientação argumentativa. Ainda segundo Bakhtin (1990, p. 97) “os gêneros correspondem, portanto, a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, a expressões típicas que parecem sobrepor-se às palavras.”, de tal modo que seja possível classificar os gêneros de acordo com seu conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (características mais específicas individuais da forma de enunciar segundo os interlocutores, a situação, o repertório linguístico exigido, etc).

Sobre essas ordens que operam na identificação de um gênero é importante ressaltar que elas estão relacionadas entre si e são determinadas segundo a esfera de atuação humana. No entanto, alguns gêneros favorecem a emergência e a manifestação de efeitos de individualidade, de subjetividade dos sujeitos enunciadorees, em maior ou menor grau que outros. Desse modo, gêneros que requerem uma forma mais padronizada, fechada, como documentos oficiais, da ordem militar, das notas de serviço, não permitem ao sujeito demonstrar muitos traços de sua subjetividade. Outros, no entanto, não apenas permitem, mas exigem essa simulação da expressão da subjetividade, da individualidade, de uma relativa singularidade, tais como gêneros de origem literária e tal como o *blog*, conforme demonstraremos.

Apesar do pensador russo deter-se ao tema dos *gêneros do discurso* e indicar alguns eixos que devem ser observados para sua classificação, a perspectiva bakhtiniana não procura minimizar a heterogeneidade constitutiva dos gêneros. A teoria dos gêneros, ao permitir a classificação e categorização dos textos os mais diversos em gêneros, em função de características que lhes são comuns (constatação nunca definitiva

dada a relatividade da estabilidade própria do gênero discursivo), preconiza uma macro divisão com base em algumas diferenças essenciais entre os chamados gêneros primários e os secundários. Os gêneros primários acomodam os enunciados mais típicos da comunicação humana, relacionados à interação cotidiana e, por isso, estruturalmente mais simples porque mais informais e frequentes, já os gêneros secundários se dão em uma interação mais complexa, como uma evolução da situação conversacional natural, cujos exemplos apresentados por Bakhtin são o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, entre outros, uma vez que

Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]. (BAKHTIN, 1997, p. 181)

O gênero secundário, portanto, se constitui da reelaboração do gênero primário, dando um novo sentido à palavra, produzindo um novo projeto de dizer tal como ocorre com a passagem da palavra das trocas comuns do dia-a-dia, própria do gênero primário, para o interior do romance, isto é, do gênero literário, que é uma das formas de gênero secundário uma vez que o enunciado altera seu caráter instrumental, sua ligação com o seu contexto anterior e primeiro e passa a funcionar segundo um outro regime discursivo. Sobre isso, Bakhtin descreve:

[...] inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 1997, p. 181)

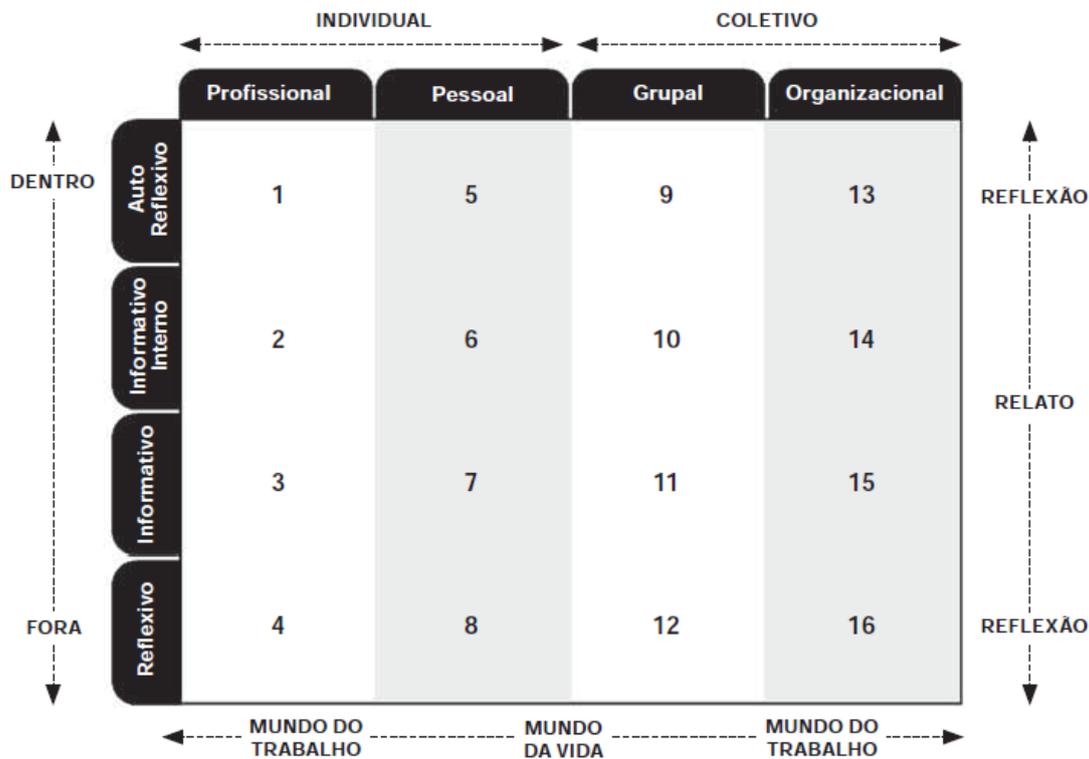
Tendo em vista os princípios mobilizados pelo filósofo acerca do funcionamento da linguagem, a saber, o de que todo e qualquer enunciado inscreve-se em um gênero, cuja estrutura compreende um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo verbal, e cuja classificação em primários e secundários depende de sua atualização em esferas de atividade humana diversas, podemos aproximar o funcionamento do *blog* do funcionamento próprio de um *gênero discursivo*. Assim

como outros gêneros ele incorpora formas de enunciados próprias de gêneros primários, ou seja, dos gêneros mais cotidianos e imediatos da conversação e da interlocução rotineiras, e também apresenta características relativamente estáveis quanto a seu conteúdo temático, sua construção composicional e seu estilo verbal, apresentando, portanto, um funcionamento regulado segundo uma ordem do funcionamento dos gêneros.

O *blog*, no entanto, em sua especificidade, articula aspectos próprios de gêneros primários e de gêneros secundários, desde sua emergência até sua consolidação, uma vez que se apresenta ora como um meio de diálogo interpessoal, ora como um diário íntimo, ora como um diário pessoal de narrativas profissionais ou de interesse público etc., variando consideravelmente suas formas de interlocução, o que não é um problema, mas antes fundamenta sua prototipicidade.

Na esteira dessa compreensão, acreditamos ser pertinente destacar o trabalho do pesquisador em comunicação e *internet* Alex Primo (2010), que vem sendo bastante citado nos trabalhos que pensam o *blog* na perspectiva bakhtiniana. Em seu estudo, o pesquisador articula de maneira generalista algumas estruturas padrões para se pensar o gênero *blog*, sem se resumir ao tema, como “*blogs* jornalísticos”, “*blogs* educacionais” etc. tal como expomos abaixo.

Figura 2 - Matriz para tipificação dos blogs



Fonte: Primo, 2010, p. 2.

Todavia, essa classificação, ainda que bastante interessante, limita-se, pelo *corpus* selecionado pelo pesquisador em seu trabalho, aos 50 mais reconhecidos *blogs* em língua portuguesa, o que não dá conta da pluralidade das atividades, interações e apropriações que se realizam desse/nesse espaço eletrônico, desse/nesse *gênero do discurso*. Assim, convém recordar que o *blog*, como qualquer produto ou serviço de nossa época, alcança um melhor reconhecimento público a partir da lógica de segmentação de mercado instituída pelas mídias tradicionais em benefício do marketing do mercado, cuja lógica é aquela segundo a qual para se vender para todo mundo é necessário simular formas de interlocução que pareçam dirigir-se a cada um.

Essa lógica é explorada de forma significativa na construção dos *blogs* cuja característica mais presente, de início, foi aquela do compartilhamento das convicções/opiniões/narrativas pessoais e experienciais do indivíduo. Dadas as condições técnicas, cada vez mais acessíveis para produção desse diário pessoal e seu compartilhamento público, e essa lógica que promove os valores do individualismo, da autopromoção e da visibilidade crescentes, os *blogs* se multiplicaram, dificultando em muito sua classificação, tal como constata Malini:

A classificação tipológica dos blogs é uma operação sempre incompleta, dado as narrativas, as interfaces e as interações se manifestarem sempre como híbridas. A narrativa é sempre um misto do pessoal com o político, da crença com a interpretação, da objetividade com a subjetividade, da informação com o testemunho, da ficção com a realidade, do original com a cópia, da singularidade com a coletividade. No final das contas, a blogosfera destoa da comunicação de massa exatamente porque se constrói a partir de discursos que estão colados à maneira de expressar de cada singularidade. (MALINI, 2008, p. 7)

Embora concordemos com Malini (2008) em relação a sua constatação dessa dificuldade em se classificar tipologicamente os *blogs*, em função da multiplicidade de seus usos pelos internautas, é preciso insistir no fato de que os *blogs* não destoam, ou pelo menos não mais no presente momento, da lógica da comunicação de massa, ainda que as formas de interlocução de que os blogueiros se valem seja aquela aparentemente mais pessoal, individual, subjetiva. Apesar dessas características, e em função delas, alguns tipos de *blog* tornam-se uma das formas do mercado de, sem a suspeita de reduzir tudo a comércio, conseguir influenciar no comportamento das pessoas. Um exemplo disso são os usos, por parte de editoras, dos *blogs* que comentam livros e publicam resenhas. Sob a forma de pagamento ou de doação de livros a jovens blogueiros que escrevem sobre suas leituras, as editoras encontraram um meio interessante de publicidade boca a boca, sobre a qual não recai a pecha negativa da propaganda, uma vez que não se trata da empresa que fala ao consumidor, mas de um leitor que dá dicas a outro leitor.

Esses usos diversos do *blog* demonstram a dificuldade em se classificar o *blog* uma vez que ao mesmo tempo em que se insere em uma esfera da atuação humana bastante particular, singular quanto a sua produção, ele também se insere, graças a sua circulação textual eletrônica, em usos bastante plurais e em alguns casos semelhantes aos meios de massa.

3

A ERA DA OPINIÃO AMADORA: A ARTE DE COMENTAR EM TEMPOS DE PRODUÇÃO ELETRÔNICA

Vimos anteriormente que a revolução técnica proporcionada pela *internet* ampliou exponencialmente as possibilidades de produção e circulação de textos de diferentes origens e gêneros, bem como possibilitou a emergência de novos gêneros do discurso. Uma das consequências dessa revolução, segundo Chartier (1999), diz respeito à necessidade de serem revistos os vários procedimentos, técnicas e instituições de seleção, valorização e preservação de certos textos que foram constituídos ao longo de séculos, quando do estabelecimento do que se pode designar como Cultura Impressa. Assim como se alteraram esses procedimentos, técnicas e instituições, o mesmo ocorreu com as práticas de distinção e legitimação de alguns sujeitos produtores de textos, que garantiam a uns o exercício legítimo da *função autor*, em detrimento de todos os demais.

Testemunhamos, assim, as alterações das fronteiras que antes estabeleciam, de forma regrada, as condições do dizer. Na Cultura digital, ao menos potencialmente, todos que disponham de conhecimento em informática e meios técnicos para utilizar um computador e ter acesso à *internet* podem, com algum domínio das novas técnicas de escrita reguladas pela especificidade desse suporte e dos novos gêneros que emergiram nos últimos anos, produzir textos, divulgar sua opinião, bem como comentar a opinião emitida por outros internautas e expressar, a sua maneira, seu ponto de vista.

Estamos assim, por ocasião das novas possibilidades de comunicação, vivendo, de algum modo, uma Revolução da crítica, uma revolução do gesto de opinar, de comentar. Vivemos em um tempo, em uma era de maiores possibilidades de evidência dos *saberes assujeitados*, para empregarmos uma expressão de Foucault (1999), uma era de expansão e de reconhecimento da opinião do amador.

Neste novo período, somos colocados, por um lado, diante da fruição da “inteligência coletiva”, tal como assinalada por Pierre Lévy (1993; 2005), e, por outro, do caos, da confusão, da indistinção dos textos, da indistinção entre a opinião subjetiva e individual e a opinião científica, respaldada histórica e culturalmente, tal como descreve Andrew Keen, em sua polêmica obra “O culto do Amador”, na qual afirma que “hoje, numa *web* em que todo mundo tem a mesma voz, as palavras do sábio não contam mais que os balbucios de um tolo.” (KEEN, 2009, p. 32).

Sem podermos recusar, nem aderir totalmente a essas duas proposições sobre o efeito da *internet* em relação à popularização do ato crítico, ou seja, sobre as práticas de emissão da opinião amadora na *Web*, podemos considerar, com mais segurança, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso e das considerações da História Cultural das práticas de escrita e leitura, que o exercício do comentário, ou ainda a prática de emissão de opinião, assim como qualquer prática discursiva (produzida sob a forma impressa ou virtual), instaura-se sempre segundo uma *ordem do discurso*, ou seja, segundo alguns princípios coercitivos (históricos, culturais, materiais, técnicos, linguísticos etc.) que regulam todo e qualquer dizer, assim como toda e qualquer forma de interpretar e de comentar o que se interpretou. O comentário, segundo Foucault,

[...] permite [por um lado] construir (e indefinidamente) novos discursos: o fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso, funda uma possibilidade aberta de falar. Mas por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam lá quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. (FOUCAULT, 1996, p. 25)

O *comentário*, para Foucault, é uma noção cara à *ordem do discurso*, atuando como um princípio de controle do dizer, que se manifesta no desnivelamento entre os discursos (discurso primeiro e seus comentários) atuando nas formas de significar dos mesmos. Assim, certos textos religiosos, jurídicos, alguns textos literários, e também alguns textos científicos figurariam, segundo Foucault (1996), como textos primeiros, constantemente revisitados, comentados graças ao estatuto simbólico que assumem, por razões muito variadas, e que, por isso, são retomados, citados, repetidos, reorientados em suas significações em função das interpretações que deles são feitas.

Entre estes textos, que são eleitos como aqueles a que normalmente se deve comentar, encontram-se textos de origem literária, cuja crítica especializada, em âmbito nacional ou internacional, por meio de diversos procedimentos técnicos, seleciona e dá visibilidade a determinadas correntes e estilos (individuais ou coletivos), determinados textos, determinados autores, constituindo, paralelamente, a legitimidade de sua própria prática de selecionar, de eleger, de explicar, enfim, de comentar, e instituindo a interpretação mais legítima desses textos.

Para que possamos avaliar as mutações no exercício do comentário, na prática da opinião, do gesto crítico e da função do comentador em tempos de produção de discursos no meio eletrônico, faremos uma breve história do exercício da crítica, e particularmente da crítica literária, com o propósito de apontar como o exercício do comentário amador de textos literários em *blogs* e em outras plataformas *Web* relaciona-se a uma prática mais antiga do exercício da Crítica ao mesmo tempo em que com ela rompe.

3.1 CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NO EXERCÍCIO DA CRÍTICA

A Crítica ou o ato crítico não é uma expressão nova ou ainda uma prática recente. Segundo o crítico literário austríaco René Wellek (1963) podemos identificar uma origem para o termo ‘Crítica’ no verbo grego *krinéin*, que significa ‘julgar’, empregado no contexto da poética, da retórica, da filosofia, da estética e da teoria literária, de tal modo que a expressão *kritikós*, como ‘juiz de literatura’, já aparece em fins do século quarto antes de Cristo.

Nesse momento histórico, pode-se observar a institucionalização de uma prática regulada por normas do ‘bem comentar’ que elegiam, por extensão, aqueles que de fato poderiam exercer essa função. As normas atuais e os procedimentos de legitimação do exercício crítico dos textos, com algumas variações, são oriundos, em grande medida, desse período.

Desde que houve textos, houve uma possibilidade de comentário, de reapresentação, em sua transmissão; a crítica tem sido consubstancial ao processo da memória escrita. Se não é ainda a instituição da crítica, já é uma espécie de protocritica instalada em nossos hábitos culturais

desde a tradição heleno-judaica; a que vem se juntar também a narração de matriz afro ou indígena, na recriação de sentidos agregadores. Às narrações, que perfazem uma comunidade, acrescentam-se comentários, interpretações, adequações. Portanto, o exercício crítico acompanha o ato de criação. (HOLANDA, 2012, p. 2)

Herdeiro, portanto, das normas e formas de comentar/criticar textos primeiros, o tempo moderno tem propiciando, com a abertura de novas técnicas e tecnologias de produção e circulação textual, a possibilidade de que cada vez mais pessoas assumam a posição de crítico (de comentador, cuja opinião pessoal ou impressão do momento seja manifesta pública e extensivamente). Assim, a emergência e expansão da crítica literária amadora em *blogs*, ou melhor, dos comentários dos textos lidos, coloca-nos assim diante de uma nova prática cujas especificidades devem ser descritas de modo que compreendamos as injunções contemporâneas que orientam as práticas de leitura e de escrita na contemporaneidade.

3.1.1 As transformações na crítica literária

Segundo o filósofo e crítico de literatura inglês Terry Eagleton (1991), a moderna crítica europeia, tem sua origem nas lutas burguesas e liberais dos séculos XVII e XVIII contra o Estado absolutista, que objetivaram o fortalecimento da esfera pública, do julgamento crítico, do intercâmbio público de opiniões.

Neste momento, a crítica dos textos era exercida de forma não especializada, pelos “comentaristas culturais” ou ainda, pelos “estrategistas culturais” que eram designados como tais em função de seu bom conhecimento de vários domínios do saber e não necessária e exclusivamente por serem reconhecidos como especialistas em literatura e em escrita literária.

Ao crítico de então, cabia transitar descompromissadamente pelas fronteiras das múltiplas linguagens e práticas sociais – sem distinguir um material ficcional e não ficcional, um ensaio moral e uma anedota – e convidar seu público leitor a participar da atividade crítica. O crítico assume, a partir de um pacto social, a posição de porta-voz da sociedade (ou de parte dela) procurando desintegrar o consensualismo da esfera pública de então, difundindo, catalisando e reciclando discursos.

O autor afirmar que, no decorrer do século XVIII, alguns acontecimentos como o crescimento e a aceleração da produção literária, a queda do patrocínio literário, a

ascensão dos livreiros, a popularização do livro e da técnica de impressão, bem como a ampliação do mercado leitor devido à emergência de uma classe média interessada na leitura, possibilitam o crescimento de periódicos literários e uma certa institucionalização da profissão do ‘escritor’ e do crítico literário, concomitantemente. Nesse tempo, também começam a surgir discussões por parte da classe dominante sobre quem deteria o direito de falar, de se expor, de exercer a atividade crítica, de posicionar-se política e, por isso, publicamente. Emergem, assim, questionamentos e asserções sobre a necessidade de domínio da linguagem comum e sobre a posição que deve ser ocupada pela pessoa comum frente a política.

Nessa época, membros da classe dominante lutam por manter exclusivamente para si a posição de representantes legítimos da sociedade, sustentando o discurso de que eram os únicos capazes de falar com racionalidade e em uma língua e em uma norma linguística comuns e legitimadas socialmente, isto é, sem o uso de dialetos e de expressões regionais variadas. Desse modo, as pessoas em geral, por não dominarem essa língua e/ou essa norma linguística, não poderiam exercer a crítica e a política.

A crítica literária, que idealmente fora concebida para circular de forma independente, de modo a não servir de instrumento econômico e político, passa a assumir posicionamentos políticos, de acordo com os interesses econômicos e ideológicos privados dos editores. Esses críticos, apesar da constituição, já nesse tempo, do profissional das letras, não eram ainda profissionais especializados em literatura, mas exerciam funções liberais como a de advogados, políticos e economistas. Desfaz-se, nessa ocasião, a ideia da crítica como uma prática de consenso cultural, para tornar-se um mecanismo de relativa disputa por poder político.

No século XIX, emerge a figura do que Eagleton (1991) chamará de ‘sábio’, isto é, o crítico que, diante da crise e da suspeita do comprometimento de sua prática com interesses políticos e econômicos, precisa propagar a ideia de que estabelece uma posição de imparcialidade em relação ao que comenta, e que considera as opiniões compartilhadas por seu público alvo, de modo a garantir a seu pronunciamento uma dada autoridade. Para isso, passa então a se manifestar de forma mais dogmática e autovalidante. Sua influência de outrora, primeiro como detentor de uma racionalidade iluminada, como juiz e administrador de normas, em seguida como estrategista e catalisador cultural e, posteriormente, como figura política e como principal intermediário entre a obra e o público, passa aos poucos a ser transferida para os artistas.

Machado de Assis, no Brasil, é um exemplo dessa afirmação da profissão e dessa transferência do exercício da crítica que passa a ser assumida por artistas, nesse período. Conforme se lê no *Diário do Rio de Janeiro*, ainda no ano de 1865, Machado de Assis compreendia a atividade da crítica literária como uma profissão, que exigia do crítico duas condições principais: ciência e consciência. Além disso, o crítico deveria deixar de lado a imaginação e breves resumos sobre as obras, para ater-se à meditação profunda sobre o que lê, aplicando as leis da poética para encontrar até que ponto a imaginação e a verdade dialogam na produção literária, de maneira que as conclusões do crítico serviriam tanto à obra concluída como àquelas ainda em constituição. Segundo o autor:

Exercer a crítica afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. (MACHADO DE ASSIS, 2011, p. 7)

Trata-se, assim, de um novo crítico, incumbido de instruir e reinventar a esfera pública, diante da dispersão dos públicos e da alienação provocada pela lógica do mercado: o “homem de letras”, um acadêmico, não exatamente ainda um especialista, mas sensível às exigências públicas será o perfil desse novo crítico. Ligado tanto à postura autoritária do sábio quanto à prática do consenso própria aos jornalistas do século XVIII, este profissional buscou formar a opinião pública, com algum sucesso, situando-se entre a classe letrada e as forças de mercado, exercendo uma crítica mais moral que intelectual.

O tradicional “homem de letras” perde progressivamente público à medida que as universidades começam a atuar como centros de pesquisa e a atividade teórica dentro dos estudos literários começa a crescer, exigindo a especialização do profissional, para manter sua legitimidade. A academicização da crítica oferece-lhe suporte institucional e, por conseguinte, restabelece-lhe o vigor e a atenção, em troca, a crítica perdia sua relação política e socialmente ativa. O século XX é marcado, assim, no contexto da crítica, pela mudança de público, pelo deslocamento da grande classe média para a pequena elite, restrita ao interior da academia.

3.1.2 A atitude crítica do crítico amador na Web

Como vimos anteriormente, a atividade Crítica tem se transformado desde seu surgimento, durante sua institucionalização profissional no século XIX, até a atualidade quando assume um caráter essencialmente acadêmico, voltado ora para a comunidade de estudiosos de literatura, ora para a indústria cultural. Neste contexto, parece-nos, que a crítica amadora produzida contemporaneamente na *Web* gera ao mesmo tempo a descontinuidade e a continuidade da prática crítica que concerne à literatura.

Pode-se identificar descontinuidade quando essa crítica amadora rompe com a tendência que vinha se instaurando no decorrer do século XIX e que se firma no XX, segundo a qual somente o acadêmico, o estudioso de literatura, credenciado pela academia ou por outras instituições culturais de prestígio teria condições de avaliar e de expor sua avaliação de uma obra literária. Por outro lado, há continuidade quando observamos que essa prática do comentário amador retoma práticas frequentes no século XVIII de discussão pública sobre a literatura, cultura e política, momento em que não era preciso ser um especialista em literatura ou em estudos culturais para poder discutir o que se lê, de modo que o crítico “amador”, o cidadão comum, o leitor sem vínculos institucionais pode, agora mais do que nunca, expressar sua opinião a sua maneira, ignorando, recusando ou submetendo-se consciente ou inconscientemente às normas que governam a Crítica profissional, o modo institucionalizado e historicamente validado de se exercer a atividade crítica, a emissão de opinião sobre obras lidas.

Ainda sobre a atividade crítica, convém colocar que esta não é uma prática exclusiva dos homens de pensamento lógico, dos especialistas, dos estudiosos, mas de qualquer pessoa que se ponha a ler o mundo. Sobre isso, o teórico e crítico alemão Peter Uwe Hohendahl afirma:

[...] todos têm capacidade de julgamento, embora circunstâncias individuais possam levar cada pessoa a desenvolver essa capacidade em graus variados. Isso significa que todos são chamados a participar da atividade crítica, que não é privilégio de certa classe social ou de um grupo exclusivo de profissionais. Daí decorre que o crítico, mesmo o profissional, é simplesmente porta-voz do grande público, formulando ideias que todos podiam ter. Sua função específica diante do público é conduzir a discussão geral. (HOHENDAHL, 1982, p.52 *apud* EAGLETON, 1991, p. 15)

Sobre esta última colocação, poderíamos, no limite, atrever-nos a uma inversão, considerando o crítico amador de literatura, como porta voz do pequeno público, das

pequenas comunidades de leitores, que desejam, considerando ou não a crítica oficial ou a verdade consensual da academia literária, reconduzir, a seu modo, a discussão sobre um legado literário mesmo não tendo a autoridade institucional para tanto. Contudo, independentemente da maneira como o crítico amador se manifesta na *Web*, sua manifestação, por si só, já instaura um ato crítico em relação à norma, à política de comentar.

É no ato de recusa, de questionamento, que, para Michel Foucault (1990), a atividade crítica, não só, e necessariamente a de literatura, se constitui. A crítica para o teórico francês se caracteriza como “a arte de não ser governado”, opõe-se aos excessos daqueles que governam nossas vidas, de não querer aceitar leis que pareçam injustas, de não aceitar como verdadeiro o que uma autoridade diz ser verdadeiro. De tal modo que

[...] a crítica existe apenas em relação a outra coisa que não ela mesma: ela é instrumento, meio para um devir ou uma verdade que ela não saberá e que ela não será, ela é um olhar sobre um domínio onde quer desempenhar o papel de polícia e onde não é capaz de fazer a lei. Tudo isso faz dela uma função que está subordinada por relação ao que constituem positivamente a filosofia, a ciência, a política, a moral, o direito, a literatura etc. (FOUCAULT, 1990, p. 2)

No entanto, cabe-nos uma ressalva quanto ao que aqui designamos *crítico amador* cuja designação pode cobrir um grande número de sujeitos e de funções, uma vez que não embora fique relativamente clara a distinção do amador em relação ao profissional, não ficam claras as diferenças que podem haver entre um jovem que comenta de maneira muito ‘frouxa’ aparentemente descompromissada, de modo informal, jocoso e dessacralizante a leitura que realizou de uma obra literária já consagrada, e entre um leitor (jovem ou não) que espontaneamente decide postar sua apreciação dos textos lidos, mas o faz de maneira mais deferente e próxima do modo de comentar próprio da Crítica oficial.

Assim, ao designarmos por crítico amador de literatura, referimo-nos, nesse cenário, ao sujeito que expõe sua opinião sobre as leituras que fez, seja por meio de *blogs* ou outras plataformas e gêneros digitais, e que é capaz de projetar seu ponto de vista a qualquer leitor, desde que devidamente preparado para a interlocução eletrônica, assumindo assim um certo exercício da *função autor* se considerarmos o ato de comentar, o exercício de opinar, de exercer a *função crítico* como semelhante quanto aos princípios ao da *função autor*.

3.2 CRÍTICO AMADOR E O EXERCÍCIO DA *FUNÇÃO AUTOR* NO MEIO ELETRÔNICO

Para Michel Foucault (1996), são vários os procedimentos que agem como forma de controle e delimitação do discurso. Dentre estes se encontram os chamados “Procedimentos internos” que atuam sobre a classificação, ordenação e distribuição dos discursos. São eles o comentário, a autoria e a disciplina.

Dessas instâncias de controle do discurso, a autoria, ou melhor, a *função autor*, começou a ser problematizada por Foucault desde 1969 em uma conferência ministrada no *Collège de France* a convite da Sociedade Francesa de Filosofia intitulada “*Qu'est-ce qu'un auter?*”, na qual ele propôs que:

[...] a noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências. (FOUCAULT, 1992, p. 33)

Segundo Foucault (2008), o autor é uma *função discursiva* que deve ser concebida como “[...] princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2008, p.26). Com a *função autor* não se quer negar a existência do indivíduo que escreve, mas antes se pretende questionar os mecanismos a partir dos quais certos textos recebem um nome próprio, assim como se pretende compreender as formas variáveis de constituição e exercício dessa função, que fazem de um indivíduo, num dado tempo e espaço, um autor. Segundo Foucault:

[...] a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus”, em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1992, p.56-57)

Nesse aspecto, ainda na perspectiva foucaultiana, se hoje a autoria é considerada um bem, uma propriedade, um direito de ganho e reconhecimento daquele que escreve, a criação dessa função está relacionada à emergência de discursos transgressores e à

necessidade de punição de seus responsáveis, desse modo, a propriedade é vista como uma invenção recente em relação à responsabilização. Ainda segundo o autor a atribuição da autoria foi distribuída de maneira desigual dentre os vários discursos que circulam na sociedade, exemplo disso é que até a Idade Média o discurso literário podia circular sem um autor, no anonimato, ao contrário do discurso científico e, entretanto, hoje isso não é mais concebível.

Sobre isso, Chartier (1999) ratifica e retifica este posicionamento delimitando com maior rigor a datação histórica proposta pelo filósofo, ao afirmar que a apropriação penal dos discursos, isto é, a punição daquele que escreve, é anterior ao século XVIII. Para tanto, o historiador recorre ao *Dictionnaire Universel de Furetière* de 1690, no qual já observa a presença da seguinte definição: "Autor, em matéria de literatura, diz-se de todos aqueles que trouxeram à luz algum livro. Atualmente, se diz daqueles que o fizeram editar. Ex: Este homem, finalmente, fez-se erigir um autor, fez-se editar" (*apud* CHARTIER, 1994, p. 44). Ainda segundo o historiador foram os livreiros ingleses e franceses juntamente com seus advogados que, no século XVIII, inventaram o autor, valorizando esta figura em relação aos outros profissionais que atuavam na cadeia do livro como, por exemplo, o livreiro, o editor, o comentador e o censor. A intenção malograda dos editores era conceber o autor como proprietário primeiro da obra, o qual poderia vender seu texto ao editor, que teria então o direito de imprimir e revender quantas cópias quisesse. A invenção do direito do autor é, portanto, resultado de uma demanda dos editores livreiros europeus, do século XVIII.

O historiador cultural distingue ainda duas figuras que se confundiam na argumentação tanto de Barthes como de Foucault: o escritor e o autor. Sobre essa diferença, o historiador, em uma entrevista com Jean Lebrun, afirma que “o inglês evidencia bem esta noção e distingue o *writer*, aquele que escreveu alguma coisa, e o *author*, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto” (CHARTIER, 1998, p. 32). Sem de fato entrar no tocante a estas definições, Foucault se detém a argumentar sobre a distinção entre um nome de autor e um nome próprio, à medida que não funcionam como sinônimos e tampouco funcionam da mesma maneira, uma vez que “o nome próprio e o nome de autor encontram-se situados entre os polos da descrição e da designação” (1992, p. 43).

Parafraseando o filósofo, para compreendermos a distinção que ele propõe entre o nome de autor e o nome próprio, se descobríssemos, por exemplo, que Foucault não foi o responsável pela produção de estudos sobre o discurso, a loucura, a sexualidade, o

poder e o sujeito, isso nada, ou bem pouco, iria interferir no que toca a sua designação enquanto pessoa e, no entanto, alteraria completamente o funcionamento do seu nome enquanto autor; da mesma forma como se descobríssemos que o mesmo Michel Foucault foi o responsável por produzir também uma teoria sobre genética, astronomia ou literatura.

O nome de autor, segundo o teórico, detém uma “singularidade paradoxal”. A autoria não funciona como um elemento linguístico da mesma ordem do substantivo próprio que poderia ser substituído por um pronome ou funcionar no texto como um sujeito ou complemento, mas sim como um elemento do discurso que cumpre um papel e como tal assegura que seja possível selecionar, relacionar, reagrupar, delimitar, opor um texto a outro, segundo sua homogeneidade, filiação, autenticação etc. Deste modo:

[...] o nome de autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas que, de algum modo, bordejando os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser ou, pelo menos, caracterizando-lho. Ele manifesta a instauração de um certo conjunto de discursos e refere-se ao estatuto desses discursos no interior de uma sociedade e de uma cultura. (FOUCAULT, 1992, p. 46)

Sabemos que até o advento da *internet*, a produção e circulação dos textos eram dominadas pelas grandes instituições: o Estado, a Igreja, as Instituições médicas, educacionais e editoriais, que regulavam e valoravam os textos, permitindo a emergência do autor. Durante esse tempo, podemos perceber, sem nos aprofundarmos em uma análise genealógica, algumas tentativas de rompimento com a ordem da grande mídia e dos “aparelhos do estado”, a exemplo de algumas manifestações literárias como a literatura de cordel e as produções da geração mimeógrafo, que rompiam com alguns paradigmas de sua época, instaurando-se como autores apesar de não se ligarem às instituições formais que regulavam o reconhecimento do fazer literário, ainda que seu reconhecimento como tal seja, em grande parte, tributário do reconhecimento por parte da academia, da Crítica literária, logo, das instituições formais de ensino e de difusão.

Desse modo, o domínio das técnicas e tecnologias para a produção textual, é uma condição essencial para que escritores, de qualquer época, assumam também a posição de autores, ainda que essa condição não baste por si. São múltiplos os fatores que, consoantes ao domínio das técnicas e tecnologias de produção textual, permitem erigir um nome próprio à condição de nome de autor.

Assim, se aquele que lê um texto não reconhece simbolicamente a importância daquele que o escreveu, ou daqueles que o selecionaram e propiciaram a sua publicação, logo, o criador desse texto, não se constitui como um autor, segundo os padrões atuais para esse reconhecimento, nem os que comentaram o texto são reconhecidos em seu papel simbólico.

Por isso, o estatuto autoral dos Críticos literários, do passado e do presente, cujos reconhecimentos, inicialmente, político, posteriormente, do prestígio como literatos, e cujas opiniões circulavam na grande imprensa e nas instituições formais de grande prestígio simbólico, é muito diferente do estatuto autoral dos *novos leitores* da atualidade que, na condição de críticos amadores, escrevem sobre as obras que leem em *blogs* pessoais ou coletivos não vinculados a instituições formais.

Os leitores da comunidade de leitura que investigamos são aqueles que assumem o papel de críticos/autores de seus posts com comentários das obras lidas e o fazem de maneira relativamente mais espontânea e em conformidade com os padrões que se estabelecem entre uma comunidade de interlocução e dadas as injunções técnicas e culturais a que sua produção está submetida. Não gozam do estatuto de autores nem de críticos, mas exercem a escrita e a crítica de obras lidas. Não o fazem, como eles mesmo afirmam por vezes, de forma livre, particular, a seu jeito. Produzem seus comentários segundo regras e injunções discursivas que limitam o ‘quê’ dizer sobre as obras e os modos de ‘como’ fazê-lo. São essas injunções da ordem discursiva a que todo e qualquer enunciado está submetido, em suas especificidades relativas aos comentários postados em *blogs* sobre obras literárias clássicas, que buscaremos descrever.

4

MACHADO DE ASSIS E SEUS “NOVOS LEITORES”: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS EM *POSTS* DE BLOGS

Como mencionado anteriormente o objetivo deste estudo é o de empreender um levantamento de representações de práticas de leitura/apropriação de uma comunidade de leitores brasileiros que, em contato com textos machadianos, assumem a posição de “novos leitores” – uma vez que não se tratam dos leitores para os quais os textos foram originalmente escritos, nem compartilham do mesmo repertório cultural do autor, nem travam contato com o texto pelo mesmo suporte em que tradicionalmente circulou – e a partir da leitura dessas obras, produzem e disponibilizam seus posicionamentos críticos sobre o que leram em *blogs* pessoais ou coletivos.

Para apreendermos algumas representações discursivas que eles compartilham sobre a leitura, sobre seu perfil como leitores, sobre os textos que leem e sobre o que dizer e o modo como devem comentá-los, partimos da análise de seus comentários postados em *blogs*, buscando neles alguns indícios materiais dos discursos que subsidiam sua prática de leitura e que se manifestam na escrita de *posts* sobre os textos lidos. Constatamos, em nossa análise, que dos *blogs* em que se manifestam opiniões de leitores sobre textos lidos, há duas matrizes discursivas que norteiam a produção desses comentários, a saber, aquela do que poderíamos designar como própria do “discurso de origem leiga ou amadora” e outra do “discurso de origem profissional ou legitimada”.

Considerando que nos ocupamos do estudo dos enunciados produzidos com comentários destes leitores que nasceram e cresceram em tempos de *Web*, e que correspondem portanto aos enunciadores “de origem leiga ou amadora”, que motivados por várias razões, comentam obras diversas, dentre as quais clássicos da literatura como as obras Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro, buscamos em nossa análise descrever essas injunções discursivas mais próprias do universo leigo dessa comunidade de leitores em particular, e as injunções de origem

profissional ou legitimada do exercício da Crítica literárias, de modo a apreendermos a *ordem discursiva* que os faz comentar de um modo e não de outro os textos lidos.

4.1 EM BUSCA DOS COMENTÁRIOS: PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

Na montagem de nosso *corpus* realizamos uma extensa e sistemática busca na *Web*, com vistas a localizar *blogs* em que houvesse comentários sobre as obras referidas, para o que empregamos o motor de busca Google Pesquisa Avançada⁸. Para delimitarmos os resultados, e dada a impossibilidade de determinarmos com precisão grupos homogêneos de leitores/comentadores da obra machadiana, em termos sociais, culturais e econômicos, buscamos selecionar os *blogs* e os *posts* em função de semelhanças quanto a certas condições de produção, a saber, serem leitores aparentemente jovens⁹, contemporâneos da emergência dos recursos eletrônicos de produção e difusão dos textos, não pertencentes a grupos profissionais relacionados à crítica mais acadêmica e que publicassem ou divulgassem na rede seus comentários dessas obras lidas. Outras decisões técnicas e metodológicas adotadas para precisar o *corpus* foram a seleção de:

1. *Posts* presentes em blogs hospedados no servidor de blogs Blogspot < www.blogspot.com >;
2. *Posts* publicados entre os anos de 2001 a 2010;
3. *Posts* de origem brasileira;
4. *Posts* em idioma português “brasileiro”;
5. *Posts* nos quais no título figurassem o nome de alguma das obras machadianas: “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Quincas Borba” ou “Dom Casmurro”.

A quantidade de resultados provenientes das buscas, realizadas em março de 2011, foi relativamente grande, sendo identificados 154, 75 e 520 *posts* em *blogs* relacionados, respectivamente, às obras “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Quincas Borba” e “Dom Casmurro”. No entanto, esses resultados reduziram-se após a análise

⁸ Disponível em < http://www.google.com.br/advanced_search?hl=pt-BR >. Acesso em 01 de junho de 2012.

⁹ A modalização é importante tendo em vista a prática, comum no espaço virtual, da criação dos perfis fake,

exploratória desses *blogs*, uma vez que selecionamos apenas os textos de editores não profissionais (excluindo assim estudantes, professores e pós graduandos em letras, literatura, comunicação social, responsáveis por críticas literárias ou resenhistas profissionais) com o propósito de restringir a análise ao discurso do leitor mais jovem, comum e que assume a tarefa de crítico leigo.

Excluimos ainda os *posts* que se caracterizam por meras reproduções literais ou parciais do conteúdo postado em outros *blogs* de crítica literária ou ainda aqueles que continham resumos de enredo do livro, produzidos exclusivamente, ou ainda explicitamente, em resposta a uma demanda de cunho escolar, com fins avaliativos, a exemplo do *post* disponível no *blog* “Amantes da literatura¹⁰”, “Dom Caretão¹¹” ou ainda aqueles que subvertem e recontam a seu próprio modo a obra, como por exemplo o do *blog* “Maciel T¹²”.

Após a triagem, reduzimos o número de *posts* significativamente para vinte, e, por meio de uma análise preliminar, estabelecemos cinco categorizações segundo os tipos de comentários e as diferentes motivações das postagens. Essas categorizações, por um lado, indicam como os *posts* dos *blogs* selecionados, apesar de compartilharem as mesmas características relativamente estáveis que concernem ao seu gênero, tais como a sua construção composicional e conteúdo temático, variam, de modo geral, em seu estilo. Essa divisão por estilo possibilitou comparações dos *blogs* inter e intragêneros de modo a os identificarmos e os categorizarmos em:

1. *Blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação de resumos do enredo

Aliteração¹³

Blog da Ana Maria¹⁴

Conversas A-fiada¹⁵

Experiências do 9º ano^{16,17}

Sala de Leitura¹⁸

¹⁰ <http://gabrielmarinadebora.blogspot.com/2009/03/resumo-da-obramemorias-postumas-de-bras.html>

¹¹ http://paulobrunotrabalho.blogspot.com/2010/08/dom-casmurro-nao-leu-o-livro-aqui-tem-o_26.html

¹² <http://blogdomacielt.blogspot.com/2010/10/dom-casmurro-detetive-maciel-t-resolve.html>

¹³ <http://bah-lah.blogspot.com/2010/08/sos-dom-casmurro.html>

¹⁴ <http://anaeleticia.blogspot.com/2010/06/dom-casmurro-machado-de-assis.html>

¹⁵ <http://samiconversaafiada.blogspot.com/2007/11/resenha-do-livro-dom-casmurro-de.html>

¹⁶ <http://jhenifer96may.blogspot.com/2010/10/quincas-borba.html>

¹⁷ Apesar do nome “Experiências do 9º ano” não foram identificados, até a coleta do *corpus*, indícios que relacionassem a criação do blog com uma demanda escolar.

¹⁸ <http://vmbiblioteca.blogspot.com/2010/02/dom-casmurro.html>

2. Blogs cujos comentários reproduzem mais manifestamente o estilo da crítica profissional

E tenho dito¹⁹

Joel Neto²⁰

Litla Carol²¹

AParáTto²²

Six Pièce Pour Piano²³

3. Blogs cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos²⁴

Fragmentos²⁵

Nanda Fala²⁶

Dando tempo ao Tempo²⁷

4. Blogs cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura de iniciativa dos participantes²⁸

Bibliophile²⁹

Entre Aspas³⁰

Literatura Pop³¹

Pronto, falei!³²

Organizando o Caos³³

Sinestesia Pop³⁴

5. Blogs cujos comentários restringem-se à divulgação da seleção de recortes de trechos da obra

Lista de Livros³⁵

¹⁹ <http://deverasperfido.blogspot.com/2007/03/dom-casmurro.html>

²⁰ <http://joelneto01.blogspot.com/2010/05/dom-casmurro-machado-de-assis.html>

²¹ <http://litlacarol.blogspot.com/2010/12/machado-de-assis-dom-casmurro.html>

²² <http://amarildofjunior.blogspot.com/2009/12/leitura-obrigatoria-memorias-postumas.html>

²³ <http://sixpicespourpiano.blogspot.com/2008/09/quincas-borba.html>

²⁴ Constituem esta categoria os *blogs* cujos *posts* identificados não se assemelham com resumos e tampouco com reproduções ao estilo da crítica profissional.

²⁵ <http://insensatopensamento.blogspot.com/2008/09/dom-casmurro.html>

²⁶ <http://nandafala.blogspot.com/2010/05/dom-casmurro.html>

²⁷ <http://gossipboy007.blogspot.com/2010/07/dom-casmurro.html>

²⁸ <http://desafioliterariobyrg.blogspot.com.br>

²⁹ <http://www.bibliophile.com.br/?p=1765>

³⁰ <http://lyani.wordpress.com/2011/08/22/dl-2011-dom-casmurro>

³¹ <http://literatura-pop.blogspot.com.br/2011/08/dom-casmurro-machado-de-assis.html>

³² <http://ninattavares.blogspot.com.br/2011/08/dom-casmurro-machado-de-assis.html>

³³ <http://organizando-o-caos.blogspot.com.br/2011/08/desafio-literario-memorias-postumas-de.html>

³⁴ <http://sinestesia-pop.blogspot.com.br/2010/04/classicos-dom-casmurro.html>

³⁵ <http://listadelivros-doney.blogspot.com/2009/06/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado.html>

Para melhor visualização dessa diversidade de blogs e categorias, apresentamos a seguinte quadro:

Quadro 1 - Comentários e resenhas dos *novos leitores* machadianos selecionados para a análise

	Nome do <i>Blog</i>	Obra
Categoria 1	Aliteração	Dom Casmurro
	Blog da Ana Maria	Dom Casmurro
	Conversas A-fiada	Dom Casmurro
	Experiências do 9º ano	Quincas Borba
	Sala de Leitura	Dom Casmurro
Categoria 2	E tenho dito	Dom Casmurro
	Joel Neto	Dom Casmurro
	Litla Carol	Dom Casmurro
	AParáTto	Memórias Póstumas de Brás Cubas
	Six Pièce Pour Piano	Quincas Borba
Categoria 3	Fragmentos	Dom Casmurro
	Nanda Fala	Dom Casmurro
	Dando tempo ao tempo	Dom Casmurro
Categoria 4	Bibliophile	Memórias Póstumas de Brás Cubas
	Entre Aspas	Dom Casmurro
	Literatura Pop	Dom Casmurro
	Pronto, Falei!	Dom Casmurro
	Organizando o Caos	Memórias Póstumas de Brás Cubas
	Sinestesia Pop	Dom Casmurro
Categoria 5	Lista de Livros	Memórias Póstumas de Brás Cubas

Considerando a dinamicidade que atua na rede, no que tange à criação constante de novos *blogs*, à revisão daqueles já criados e ao apagamento de alguns, e a possibilidade de que parte do nosso *corpus*, no momento da defesa da dissertação, já não se encontrasse mais disponível em seus endereços, optamos, em meados de janeiro de 2012, por salvar os *posts* em formato imagem, preservando assim esse material³⁶.

4.2 LEITURA E COMENTÁRIO: BREVE DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS TÉCNICAS DE ESCRITA EMPREGADAS NOS *POSTS*

³⁶ Essas imagens encontram-se no CD em anexo.

Em nossa análise buscamos levantar algumas práticas de escrita semelhantes ou destoantes entre si, de modo a identificarmos as matrizes, ou melhor, as coerções que atuam sobre o dizer desse *novo leitor*, tendo em vista esse nosso objeto. Desse modo, construímos nossa análise apresentando diferentes frentes analíticas dispostas em uma ordem que vai desde as mais acessórias até as mais essenciais para a descrição das práticas de escrita e leitura dos novos leitores machadianos, mas que se somam para a identificação das ordens e regimes de escrita próprios da produção desses comentários de crítica amadora manifestos em *blogs*.

Dessa maneira, abordamos, inicialmente, algumas comparações métricas entre os *posts* distribuídos nas diferentes categorias, de modo a apreender suas especificidades quanto à extensão dos parágrafos, quantidade de orações e ao número de palavras empregado nos comentários. Em seguida, realizamos algumas considerações sobre a construção composicional dos *blogs* e como ela também pode indiciar representações da leitura e do leitor, para tanto, analisamos os títulos dos *blogs* e as descrições dos leitores/editores do *blog* sobre si e sobre os *blogs*.

Dando continuidade a nossa análise, valemo-nos, ainda que de forma genérica, das considerações de Émile Benveniste, sobre as formas de projeção enunciativa e o modo como elas manifestam/produzem o efeito de subjetividade e o de objetividade inscritos nos comentários dos leitores. Depois avaliamos em especial as formas de evocação, de referência ao autor, “Machado de Assis”, assim como o emprego de alguns adjetivos e de estrangeirismos, que sinalizam, em conjunto com as formas de projeção enunciativa dos interlocutores, as injunções que atuam sobre o ‘que’ e ‘como’ dizer acerca da obra de Machado de Assis, o que por extensão sinaliza as representações que esses leitores compartilham quanto aos modos legítimos ou não de exercerem sua prática de escrita e de leitura.

Essas representações também podem ser confirmadas não apenas pelos comentários das obras, mas também pelos comentários dos comentários também postados em relação a alguns *posts* de *blogs*. O que é dito nesses comentários dos comentários e a forma como são enunciados nos permitem identificar valores, crenças compartilhadas quanto ao que é a leitura adequada/ideal de certos textos, o que manifesta muito provavelmente o pertencimento desses leitores que comentam os comentários a uma mesma comunidade leitora dos comentadores, uma vez que corroboram em seus comentários dos comentários os discursos, ou melhor, a ordem discursiva que atua na injunção ao modo de ler obras clássicas e ao modo de comentá-las.

Após esse levantamento de estratégias de escrita mobilizadas, de forma geral, para a construção dos comentários, empreendemos uma análise de enunciados pertencentes às diferentes categorias de *blogs* que identificamos, de modo a discutir como leem e como compõem a crítica sobre o que leem, conforme o atravessamento discursivo ora de traços oriundos da crítica profissional, ora de traços oriundos das injunções do gênero e da forma de circulação desses comentários.

Ao final tomamos duas resenhas de uma crítica amadora motivada por um desafio literário para observar suas representações de leitura, atendo-nos as suas listagens de livros indicados como meta, desejados, abandonados e favoritos, bem como as formas como essa leitora escreve sobre o leu e sua prática de leitura. Concluindo nossa análise com algumas indicações das ordens que atuam no controle do discurso da crítica amadora machadiana

4.2.1 Algumas comparações métricas do formato dos posts

Algo que primeiramente nos chama bastante atenção ao lançar o olhar para os comentários e resenhas inscritos nos *blogs* selecionados e categorizados é a diferença de volume dos textos. Desse modo, iniciamos nossas análises circundando as regularidades métricas, em especial atendo-nos aos parágrafos, aos períodos e às palavras, e seus valores médios, para descrevermos indícios das práticas de escrita, em sua regularidade ou variação, conforme o pertencimento dos posts às diferentes categorias de *blogs* analisadas.

Para identificarmos os valores métricos dessas unidades, empregamos o *software* Microsoft Word 2010 e sua função “Contar Palavras” e realizamos ainda a contagem manual dos parágrafos e dos períodos, tabulando os valores para cada texto e, posteriormente comparando-os aos de sua categoria de *blog*. Após a tabulação iniciamos uma série de cálculos com o propósito de identificar valores médios e regularidades estatísticas simples. Descartamos, dessa primeira análise, a categoria 5, isto é, a dos *blogs* cujos comentários restringem-se exclusivamente à divulgação da seleção de recortes de trechos da obra, por não demonstrarem habilidades específicas de escrita do leitor.

Na tabela 1 são indicados a quantidade total de parágrafos, períodos e palavras .

Tabela 1 - Composição dos comentários e resenhas dos novos leitores machadianos selecionados para a análise

Categoria	Blog	Parágrafos	Períodos Simples	Períodos Composto	Palavras
1	Aliteração	15	1	8	467
	Blog da Ana Maria	4	3	8	160
	Conversas A-fiada	10	10	15	394
	Experiências do 9º ano	2	2	6	61
	Sala de Leitura	4	3	8	133
2	E tenho dito	6	4	23	454
	Joel Neto	1	4	20	572
	Litla Carol	7	4	10	334
	AParáTto	11	7	35	1.343
	Six Pièce Pour Piano	3	3	6	157
3	Fragmentos	15	24	20	197
	Nanda Fala	14	13	18	546
	Dando Tempo ao Tempo	11	7	35	491
4	Bibliophile	8	3	12	359
	Entre Aspas	6	8	17	460
	Literatura Pop	8	14	12	359
	Pronto, Falei!	18	26	35	782
	Organizando o Caos	21	17	24	524
	Sinestesia Pop	8	3	20	473
	Médias Gerais	9	8	17	435

Essas análises quantitativas nos mostram que os comentários dos *blogs* da Categoria 1, *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação de resumos do enredo, são em geral mais curtos que os demais e se valem, por extensão, em relação aos *blogs* das outras categorias, de um número menor de períodos por parágrafo. Já em relação aos comentários de *blogs* da Categoria 2, aqueles cujos comentários reproduzem mais manifestadamente o estilo da crítica profissional, observamos que embora não sejam discrepantes dos da 1ª categoria quanto à extensão e ao número de parágrafos, empregam um número maior de períodos compostos, o que nos sinaliza estarmos diante de comentários com estruturas mais complexas, em função do maior mimetismo do modo de enunciar da Crítica oficial.

Desse modo, observamos nesses dados quantitativos a manifestação das duas macro coerções discursivas que orientam os comentários dos leitores amadores em *blog*, à medida que identificamos o quanto os comentários pertencentes às Categorias 1 e 3 são mais suscetíveis às imposições oriundas do gênero e do suporte, logo, das regras de

escrita no universo digital que pressupõem intervenções mais breves, sintéticas, enquanto os comentários pertencentes às Categorias 2 e 4, são mais suscetíveis às imposições do modelo de enunciação da Crítica literária oficial e, por isso, são mais extensos e, aparentemente, mais complexos, quanto a incidência maior de períodos compostos e de um número maior de palavras, ainda que não necessariamente de um léxico mais variado e incomum.

4.2.2 A Construção composicional dos *blogs* e as representações do “eu-leitor”

Considerando que para a AD a produção dos efeitos de sentido de textos sincréticos é oriunda das formas de conjunção complexas entre diferentes linguagens, e que para a HC as representações do leitor e de suas práticas de leitura se inscrevem nas formas materiais de apresentação e de circulação dos textos, buscaremos analisar alguns elementos constituintes dos *blogs* de nosso *corpus* análise, tais como a escolha dos nomes dos *blogs*, do *nick name* dos blogueiros, as formas de descrição dos perfis e das epígrafes dos *blogs*, de modo a identificarmos regularidades quanto às representações dos *novos leitores* machadianos em seus *blogs*. Para tanto elaboramos o quadro abaixo.

Quadro 2 - Algumas características dos *blogs* selecionados

Categoria	Nome do Blog	Nick name	Descrição	Epígrafe	Nota Biográfica	Nome e sobrenome	Apelido ou forma abreviada do nome	Não identificado	Nome do blog assemelha-se ao nick name
1	Aliteração	Barbara Oliveira e Larissa Cunha		X		X			
	Blog da Ana Maria	Ana Maria					X		X
	Conversas A-fiada	Samira Pereira		X		X	X		
	Experiências do 9º ano	jheny					X		
	Sala de Leitura						X		
2	E tenho dito	Lívio Rocha				X			
	Joel Neto	Joel Neto		X		X	X		X
	Litla Carol							X	
	AParáTto	Amarildo Ferreira			X		X		
	Six Pièce Pour Piano				X		X		X
3	Fragmentos	Maya	X		X		X		

	Nanda Fala	Fernanda Fiuza					X		X
	Dando tempo ao tempo	Nathan Santos					X		
4	Bibliophile	mimuller			X	X			
	Entre Aspas	Lyani		X		X			
	Literatura Pop	Carol Albuquerque	X		X		X		
	Pronto, Falei!	Nina Tavares			X	X	X		
	Organizando o Caos	Ana	X			X			
	Sinestesia Pop	Camila Karoline e Taay	X				X		
5	Lista de Livros	Doney	X			X			
Geral			25%	20%	30%	45%	65%	5%	20%

Sobre esses dados, convém a ressalva de que há casos em que o nome do *blog*, apesar de não ser o mesmo que o do *nickname* de seu autor/editor, tal como ocorre por exemplo em “Blog da Ana Maria” e “Joel Neto”, é evocado no título, tal como ocorre em “Nanda fala” da blogueira Fernanda Fiuza. Essas marcas do nome ou do apelido do autor do *blog* em seu título são bastante interessantes e apontam para a necessidade dos *novos leitores* se autoafirmarem como principais enunciadores, de deixarem marcado quem fala, quem enuncia naquele espaço e, desse modo, marcarem seu provável desejo de constituírem-se como autores e de serem reconhecidos como tais.

Em relação a esses títulos, que ora correspondem ao nome do blogueiro, ora apenas o sinalizam indiretamente, como é o caso do título do *blog* “Nanda fala”, é preciso reconhecer neste, assim como em outros *blogs* tais como “E tenho dito” e “Pronto, falei!”, a exploração de um efeito de sentido de liberdade de dizer, de franqueza, de sinceridade, de espontaneidade por parte do enunciadador, o que é relativamente frequente em títulos de *blogs*. Esses títulos sinalizam uma representação que esses leitores fazem de si, como aqueles que, tendo lido os textos e apesar de tudo o que já foi dito sobre estes, falam o que pensam, de maneira franca e sem medo. Este imaginário é fruto em especial da injunção do gênero em que se inscrevem esses comentários e do meio a partir do qual circulam. Herdeiro do diário pessoal e tornado um meio de exposição de ideias e de interlocução de massa, o *blog* se tornou um gênero que busca gozar do precedente do diário pessoal (aquele de poder dizer o que quiser) aliado à possibilidade de difusão. No entanto, tal insistência na afirmação de que o dizer, sob essa forma material e de circulação, é livre, poderia atestar, segundo um princípio psicanalítico, exatamente a ausência dessa liberdade e espontaneidade, que por

essa razão precisa ser afirmada em destaque no *blog*. Não há dizer livre, conforme afirma a AD. E são essas coerções sobre o dizer que nos ajudam a compreendê-lo de maneira mais consequente.

Outro aspecto a se observar, e que contribui para a construção de uma imagem de si, com base em representações da leitura e do que é ser leitor encontram-se em outros títulos de *blogs* que exploram justamente o emprego de termos que remetem à ‘alta cultura’, à cultura letrada, como aqueles que se designam por “Lista de Livros”, “Sala de leitura”, “Bibliophile”, “Aliteração”, “Entre Aspas”. Não apenas se tematiza a leitura em *posts* dos *blogs*, como também são escolhidos termos para nomearem os *blogs* que remetem a esse universo da leitura. De um lado, vemos, nesses modos de designação dos *blogs*, uma forma de construir a identidade de seu produtor com ênfase na ordem discursiva da cultura clássica. Por outro lado, há nomes de *blogs* que remetem à cultura de massa, à cultura dos jovens da atualidade tais como observamos nas designações “Sinestesia Pop”, “Literatura Pop” de dois *blogs* de nosso *corpus*. Assim o modo de designar antecipa e sinaliza as duas formações discursivas responsáveis pelo estilo de dizer e pelo que é dito nos *blogs* acerca da leitura das obras machadianas: de um lado, a imposição do modelo do repertório clássico; de outro, o atravessamento da cultura pop, da lógica das redes virtuais, de compartilhamento, simplificação, exposição do eu etc.

Ainda em relação ao título do blog é importante observar que nem sempre esse corresponde ao endereço *URL* do *blog*, o que sugere que, uma vez criado, o *blog* tenha mudando de nome posteriormente, por escolha de seu editor, de modo a adequar o título ao conteúdo do *blog*, à representação que se quer dele aos olhos dos interlocutores, à maior atratividade.

http://deverasperfido.blogspot.com	→	E tenho dito
http://insensatopensamento.blogspot.com.br	→	Fragmentos
http://gossipboy007.blogspot.com	→	Dando tempo ao tempo

Outros mecanismos de construção da representação dos *blogs*, e por extensão da personalidade de seu autor/editor, são empregados de modo mais particular em alguns desses *blogs*, tais como o emprego de epígrafes ou de descrições dos objetivos ou da ‘personalidade’ do *blog*. Na Categoria 1, de *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação de resumos do enredo, não observamos a ocorrência de descrições sobre o

blog e sobre seu editor, mas notamos o uso de epígrafes tais como vemos em “Conversa A-fiada” e “Aliteração”.

Enunciado 1

Aliteração

“O pessimista se queixa do vento; O otimista espera que ele mude; O realista ajusta as velas do barco...”³⁷
(Willian George Ward)

Enunciado 2

Conversa A-fiada

“Até o ponto que podemos compreender, o único propósito da existência humana é acender a luz do SENTIDO na escuridão do mero SER” (Carl Jung)

Em geral, o uso de epígrafes produz um efeito de erudição, isto porque são habitualmente empregadas ora em textos literários, ora em textos acadêmicos, cuja função é a de validar/sintetizar/antecipar/ilustrar o que se defenderá no corpo do texto. Ao que parece, os editores desses *blogs* conhecem esse uso cujo efeito de sentido que produz é o aparentar erudição e se valem dessa estratégia citando autores famosos, explorando assim o efeito estético e não necessariamente semântico uma vez que não estabelece relação com os textos publicados nos blogs. Contudo, não temos, nesses casos, autores famosos do contexto mais imediatamente ligado à literatura e à crítica literária, mas antes um teólogo e um psicólogo. Assim, eles reforçam o imaginário segundo o qual bons leitores são também representados como intelectuais conhecedores da alta cultura em geral. Essa construção de bom leitor e conhecedor da cultura letrada é apresentada de forma redundante, como vimos, pelos próprios títulos dos *blogs*, cuja significação demonstra um certo domínio de vocabulário ‘erudito’ e um certo domínio de jogos semânticos com as palavras: “Aliteração” que remete-nos a uma figura de linguagem e “Conversa A-fiada”, que brinca com a significação entre a conversa banal e aguçada.

Na Categoria 2, *blogs* cujos comentários reproduzem o estilo da crítica profissional, observamos uma melhor utilização do espaço *layout* da página, e uma melhor exploração das formas de autorrepresentação uma vez que apresentam descrições sobre o *blog*, sobre os seus editores e ainda epígrafes que traduzem seu objetivo. Os *blogs* dessa categoria, “Joel Neto” e “AParáTto”, discorrem mais

³⁷ Ainda que não se cite o autor da frase, por meio de uma pesquisa na *Web* podemos perceber que ela é amplamente atribuída ao teólogo Willian George Ward.

detidamente sobre o próprio *blog* e sobre seus editores que se identificam, expõem-se, querem mostrar que são estudantes, interessados nos estudos e participantes da cultura letrada.

Enunciado 3

Joel Neto

Olá, meu nome é Joel Neto, tenho 16 anos, sou estudante e moro no interior do Rio Grande do Norte. No momento, estudar é o meu propósito. Quando concluir o ensino médio, pretendo ingressar-me na faculdade, acredito que meus esforços não serão em vão. Bem vindos ao meu mundo...

Enunciado 4

AParáTto

Estudante do último semestre do curso de Administração pela Faculdade ideal (FACI/PA). com certificação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), considero-me uma mente em busca de compartilhar e adquirir conhecimentos

Enunciado 5

Joel Neto

"“O lucro do nosso estudo é nos tornarmos melhores e mais sábios” Michel de Montaigne
“As pessoas geralmente brigam porque não conseguem argumentar” G. K. Chesterton

Enunciado 6

AParáTto

AParáTto é uma ostentação, algo pomposo, que engloba um vasto leque de assuntos e apresenta na composição de seu nome o orgulho de ser papa-xibé. Da Administração à Literatura, da Ciência ao Entretenimento, a busca por apresentar um pouco de cada assunto é o norte desse blog, sempre dividindo e, paradoxalmente, multiplicando conhecimentos e experiências. Assim, desejo boas vindas a todos, deleitem-se ou fiquem indignados com as postagens e lembre-se: procura-se viva ou morta a Perfeição!

Diferentemente destes, por exemplo, observamos os *blogs* “Six Pièce Pour Piano” e “Litla Carol” que não revelam dados mais detalhados de sua identificação, apresentando informações mais genéricas.

Enunciado 7

Six Pièce Pour Piano

Sou a única que te dá um tapinha no ombro quando é seu tempo

Enunciado 8

Litla Carol

Acho que na verdade são vários blogs em um só. Um pouco de pitaco nos livros alheios e textos legais; uma mostra de tricot, croche e outras coisinhas que gosto de fazer, além de tentar ajudar quem esta começando (ou não); uma tentativa de não morrer de saudade do meu amor que está tão longe... E pelos botões dá pra favoritar ó o "blog" que você gosta ;]

Ainda que se apresentem de forma distinta, compartilham, no entanto, com os outros *blogs* o objetivo de falar sobre as coisas do mundo, sobre sua opinião, sobre

assuntos variados, de interesse da comunidade leitora para a qual escrevem e com a qual se identificam.

Na Categoria 3, *blogs* cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos, constatamos haver descrições muito distintas: aquelas que se assemelham ao estilo dos *blogs* da categoria 2, portanto, menos particulares e caracterizadoras do perfil do *blog* e de seu editor, tal como vemos nos enunciados 9 e 10; e aquelas que se assemelham ao estilo dos *blogs* da categoria 1, que exploram uma apresentação mais pessoal, com mais detalhes, tal como manifesto no enunciado 10, e que também indiciam as duas injunções que atuam sobre a construção dos *blogs* e de seus *posts* sobre obras literárias: é preciso dar demonstrações de inteligência, que permitam demonstrar um perfil de bom leitor, sem no entanto errar no tom informal, descomprometido, de entretenimento e de construção da imagem do intelectual que lê não por razões pragmáticas, por obrigações, mas por gosto, por prazer, para seu entretenimento e para a troca interlocutiva com os demais membros de sua comunidade leitora.

Enunciado 9

Fragmentos
Um ser em construção

Enunciado 10

Fragmentos
de pensamentos, de livros, de poesias, de músicas, de idéias.

Enunciado 11

Nanda Fala
Uma mulher comum, com anseios, desejos, medos e sonhos muito parecidos com os seus... Designer com pós em gestão, neurótica, companheira, feminista e observadora, escrevo aqui, de forma às vezes cáustica, às vezes divertida, mas sempre verdadeira sob meu ponto de vista, um pouco tudo, de política à futilidades...

Na Categoria 4, *blogs* cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura de iniciativa dos participantes, constata-se também o emprego de epígrafes e de descrições sobre o *blog*, mas as descrições sobre os autores são particularmente interessantes, uma vez que sinalizam uma inversão dos valores negativos que designações como *nerd* e *bookholic* poderiam apresentar, para um uso eufórico desses termos.

Enunciado 12

Bibliophile

menina. bibliophile. nerd radioativa. apaixonada por corujas. apreciadora de maravilhas. devota do conhecimento científico

Enunciado 13

Literatura Pop

Paulistana, 23 anos, estudante de Direito, Corinthiana, nerd, etc, etc, etc...

Enunciado 14

Pronto, Falei!

Divagações de uma bookholic, louca por música, series, História, chocolate, amigos, pets...

Se esses termos tradicionalmente eram empregados para estigmatizar jovens que de tão estudiosos não faziam outra coisa se não estudar, o que afetava diretamente sua vida social, o significado com que são empregados inverte-se: trata-se de uma forma de autodesignação eufórica, positiva, uma vez que só o fato de se construir um *blog* para interagir com outras pessoas já descarta a possibilidade de se compreender o termo *nerd* ou *bookholic* disforicamente. Ser *nerd*, nesse caso, permite afirmar um traço do intelectual, sem que isso signifique que se seja avesso a contato social. Ser *bookholic*, ou seja, uma pessoa viciada em leitura, não se apresenta como um problema, antes, o contrário. É um traço da personalidade que merece destaque e que promoverá a identificação com os demais leitores de mesma comunidade leitora.

Na Categoria 5, *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação da seleção de recortes de trechos da obra, observamos haver a promoção de um retorno à tradição da constituição dos chamados livros de lugares-comuns, os *commonplace books*, muito comuns no período do Renascimento, cujo objetivo era o de selecionar frases, citações impactantes dos textos dos grandes autores. No caso dos *blogs* dessa categoria, essa seleção de frases é acompanhada ainda de uma avaliação, uma valoração das obras lidas.

Enunciado 15

Lista de Livros

terça-feira, 16 de junho de 2009

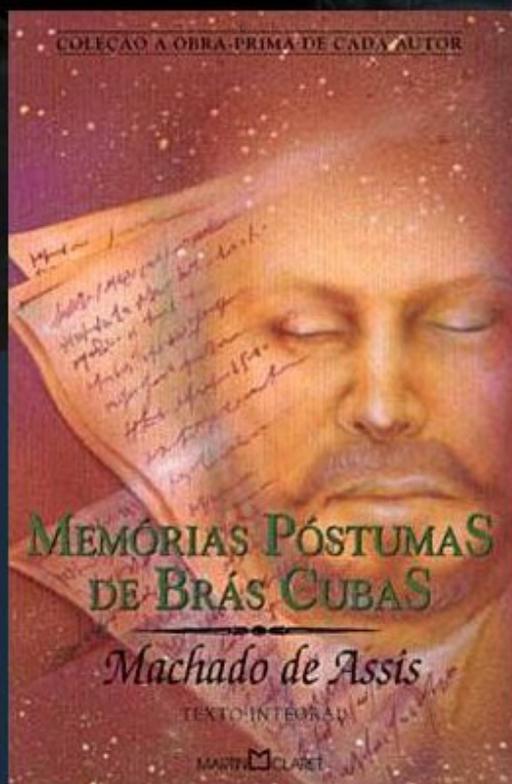
Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis

Editora: Martin Claret

ISBN: 8572322949

Opinião: ***

Páginas: 182



“Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.”

“Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim.”

Ainda sobre esse *blog* é importante salientar outras particularidades: a frequência com que submete suas postagens e o teor de seus *posts* deixa claro que estamos diante de um leitor extensivo, que lê em média de 2 a 3 livros por mês, e de um leitor engajado, à medida que se dá ao trabalho de transcrever ou copiar as passagens que achou interessante. Ele, no entanto, vale-se de poucos artifícios para identificar-se,

não utilizando por exemplo da exposição de um nome próprio, ou ainda de descrições que remetam para uma sua promoção da imagem como um bom leitor, nem por meio de descrição de um perfil. Temos assim, tal como na Categoria 3, um *blog* menos dado à individualização e à exposição pessoal

Por fim, vimos até aqui que são várias as práticas e representações que atuam na composição dos *blogs* e que são compartilhadas pelos *novos leitores* de obras machadianas. De tal modo, se considerarmos as séries de enunciados apresentados e dispersos pelos tantos *blogs*, podemos afirmar que os *novos leitores* elaboram seus comentários segundo injunções de duas ordens, oriundas de pelo menos duas *formações discursivas*. Estas, por vezes, se cruzam ao construírem, por um lado, uma imagem mais ligada ao estereótipo da tradição crítica e, por outro, uma imagem ligada à negação deste primeiro, porque baseada na lógica da inovação, da improvisação, da espontaneidade. Esse jogo entre as *formações discursivas* se manifestaria sob a forma do seguinte enunciado: “não é porque atuo como um crítico literário que pertenço exclusivamente a esse universo das letras e tampouco, não é porque não detenho todo o repertório cultural erudito que não posso adentrar no universo da crítica literária”.

4.2.3 Formas de projeção enunciativa e seus efeitos de objetividade e de subjetividade como indícios das representações do leitor

Na escrita dos *posts* voltados para a crítica amadora de obras literárias clássicas, os *novos leitores* machadianos se valem de vários recursos (linguísticos e não-linguísticos). Entre esses recursos encontram-se as formas de projeção enunciativa que indiciam de modo peculiar as ordens discursivas que atuam sobre a constituição dos comentários desses leitores, em particular no que diz respeito àquelas que contribuem para a produção dos efeitos de objetividade e de subjetividade manifestos por escolhas linguísticas peculiares. Apoiamo-nos em nossa análise desses efeitos na teoria da enunciação, tal como proposta por Émile Benveniste (2006), segundo a qual o discurso “objetivo” se sustenta com o apagamento de todo traço da existência de um enunciador individual, por meio de embreagens enuncivas, enquanto o discurso “subjetivo”, no qual o enunciador, e sua subjetividade, se mostra mais frequente e explicitamente, se constrói por meio de debreagens enunciativas.

Na matriz teórica em que se inscrevem os trabalhos de Benveniste (2006), a enunciação é compreendida como um ato de produção de enunciados, de tal modo que em toda enunciação o enunciador faz escolhas, deixa marcas, produz sentidos, na expectativa de persuadir o enunciatário na interlocução. Essas marcas, como pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos, advérbios, remetem às instâncias de emergência do enunciado, ao momento da enunciação e ao sujeito da enunciação.

Analisando os *blogs* da Categoria 1, aqueles cujos comentários restringem-se à divulgação de resumos do enredo, constatamos um grande predomínio de mecanismos de debreagem actancial enunciativa à medida que os textos são escritos em terceira pessoa, tanto do singular como do plural, tal como vemos nos exemplos abaixo:

Enunciado 1

Aliteração

Bentinho acabou sozinho, era consolado apenas por suas amigas que nunca lhe faltavam mas ele nunca conseguiu esquecer Capitu.

Enunciado 2

Blog da Ana Maria

Os três partem para a Europa e Bentinho volta logo depois sozinho.

Uma das razões que explica o predomínio da debreagem actancial enunciativa nesses *posts* é exatamente a especificidade dos *blogs* dessa categoria que se ocupam do resumo e da resenha de obras literárias, logo, a presença da terceira pessoa (ou não pessoa como a categoriza Benveniste) justifica-se por se tratar de um texto que não explora o diálogo, mas sim a narração de fatos ocorridos com terceiros. Há, portanto, um certo tipo de afastamento do enunciador em relação ao conteúdo enunciado, ainda que essa regra não seja exclusiva, uma vez que se observa a ocorrência de formas de debreagem enunciativa, que marca mais diretamente o traço da subjetividade, nos comentários dessa categoria, tal como vemos no final do *post* do *blog* “Experiências do 9º ano”.

Enunciado 3

Experiências do 9º ano (marca objetiva e subjetiva)

O cachorro Quincas Borba herdou uma grande herança de seu dono e para administrar o dinheiro, o dono do cachorro pediu a Rubiao que cuidasse dele com muita dedicação. *Eu nao li o livro todo, mas gostei pois mostra uma linda historia de amor entre Rubiao e seu cachorro.*

Essas marcas da manifestação de objetividade e de subjetividade na escrita dos comentários de *blogs* da Categoria 1 explica-se respectivamente em função do objeto e

objetivos dos *blogs* dessa categoria, a saber, a de produzir resumos de obras lidas, e por uma certa ambiência do espaço virtual que leva a uma escrita menos comprometida com padrões formais da Crítica oficial. Assim, se por um lado observamos que o efeito de objetividade é produzido pelo emprego prioritário da não pessoa, por outro, o efeito de subjetividade é constituído pelo emprego da pessoa subjetiva, assim como pela relativa franqueza e desprendimento do leitor ao declarar que não leu o livro todo, o que não o impede de comentá-lo. Observamos aqui a injunção dessas duas ordens discursivas, uma oriunda da tradição da Crítica literária, outra da imposição do gênero e da forma de circulação textual da atualidade frequentando os dizeres desses leitores/comentadores.

Na Categoria 2, *blogs* cujos comentários reproduzem o estilo da crítica profissional, podemos notar também um predomínio dos mecanismos de *debreagem* *actancial* enunciativa mas, assim como nos *blogs* da Categoria 1, por vezes encontramos vestígios, marcas da subjetividade mais ou menos implícitas. Há, nessa categoria, *blogs* cujos comentários se valem exclusivamente da *debreagem* enunciativa, como em “Joel Neto” e “Six Pièrce Pour Piano”. Contudo, nos *blogs* “E tenho dito”, “Litla Carol” e “AParáTto”, é recorrente o uso das duas *debreagens*.

Enunciado 4

E tenho dito

Acredito que quem leu essa grande obra da literatura brasileira concentra a questão principal num único cerne: afinal, Capitu traiu ou não Bentinho?

Voltemos ao tema central. Acredito que Capitu tenha deveras traído o Bento. Algumas evidências disso aparecem sutilmente no livro, como na hora que Bentinho surpreende Capitu e Escobar conversando reservadamente e esta se mostra incomodada com a aparição dele.

Enunciado 5

Litla Carol

Ressuscitando a parte literária desse blog! rs - Sei que todo mundo já leu Dom Casmurro se não leu, corra já pra biblioteca!, mas no texto estão algumas curiosidades, que eu separado pra meu guiar no Seminário de literatura.

A história se passa em 1857, época do Segundo Reinado, no Rio de Janeiro. É uma narrativa de memórias e que por isso deixa a dúvida se o que o narrador personagem está dizendo é a verdade.

Enunciado 6

AParáTto

Primeiro livro que li de Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas foi seu quinto romance e marca a transição que o autor realizou do Romantismo inicial de sua carreira, recheado de fantasias e inconstâncias, para o Realismo, sendo considerado por muitos a obra que introduziu essa nova escola literária no Brasil.

Assim como nos *blogs* da Categoria 1, estes da categoria 2 se valem das duas formas de *debreagem*, enunciativa e enunciativa, exprimindo respectivamente o efeito de

objetividade e o efeito de subjetividade. Essa variação diz respeito à influência das regras da Crítica tradicional e do funcionamento próprio dos textos na *internet*. Ela também pode ser identificada no que dizem os leitores nesses *posts* e por meio de algumas escolhas lexicais de que se valem. Neles há a exploração da força do exemplo: sob a forma do conselho (corra para a biblioteca pra ler), sob a forma da narrativa da própria trajetória como leitor ou da opinião bem pessoal sobre o enredo.

Em “Nanda Fala”, *blog* da Categoria 3, observamos a mesma estrutura explorada nas duas categorias anteriores, cujos comentários iniciam com a debreagem actancial enunciativa e seguidos da debreagem enunciativa.

Enunciado 7

Nanda fala

Estou adiando essa resenha... Falar de Machado de Assis é uma puta resposta...

Talvez algumas pessoas achem difícil se apaixonarem pela história de Bentinho, por que, fundamentalmente, a narrativa é destituída de emoção.

Bentinho pensa em suicidar-se, em matar o filho, enfim, sempre a loucura do personagem principal.

Mais uma vez, muito bom dividir com vocês um dos meus dez livros preferidos!

Neste enunciado é possível identificar pelo menos duas representações de práticas de leitura. A primeira é manifesta pela ênfase de modo bastante informal (puta resposta) da dificuldade de falar de Machado de Assis, ainda que a obra a ser comentada corresponda a um dos dez livros preferidos da blogueira. Ter lista de livros preferidos é uma forma de se declarar leitor, e um leitor que já leu vários livros, já que é capaz de fazer uma lista dos melhores e de julgar o grau de dificuldade de se resenhar uma obra clássica como Dom Casmurro. A segunda representação de prática de leitura é aquela a que a blogueira se refere aos que eventualmente possam achar difícil a leitura, o que se explicaria pelo fato do texto não corresponder àqueles com os quais os leitores jovens estão mais habituados, ou seja, as narrativas que apresentam ‘emoção’. Entendemos a referência a ‘emoção’ como aquela oriunda da aventura, da dinamicidade das narrativas da atualidade e não como a ausência de toda e qualquer emoção.

Assim, a blogueira manifesta em seu *post*, além dessas representações de práticas de leitura, o funcionamento discursivo dos comentários em *blogs* sobre obras clássicas, uma vez que observamos o controle que se exerce sobre o que ela diz e o como ela diz o que diz acerca de Machado de Assis.

Um pouco distinto dos demais é o comentário do *blog* “Fragmentos”, da Categoria 3, cujo *post* é composto principalmente pela debreagem actancial enunciativa

com o uso frequente de verbos na primeira pessoa do singular, “Terminei”, “Gosto”, “Gostei”, “Adoro”, “Acho”, ainda que ela empregue a debreagem enunciativa::

Enunciado 8

Fragmentos

Acho que a única decepção foi que eu esperava que fosse mais páginas a respeito das dúvidas da traição - ele só sai do seminário na página 130! E isso que vai só até a 190! E o Escobar só morre lá pela 160!!! Bah... São só 30 páginas de dúvida... Mas, tudo bem. O jeito com que o Machado leva estas 30 páginas, que já estão embasadas nas 160 anteriores, é fantástica.

A subjetividade explorada nesses comentários, em especial neste enunciado número 8, manifesta-se não apenas sob a forma de projeção enunciativa de pessoa. Ela se encontra ainda na forma como leitora se refere a Machado de Assis e pelo emprego de gírias (leva) e de adjetivos (fantástica) que qualificam a obra do autor.

Quanto aos *posts* da Categoria 4, *blogs* cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura de iniciativa dos participantes, identificamos novamente a repetição das matrizes discursivas que orientam a produção dos demais *blogs*. No entanto, é preciso considerar que em “Organizando o Caos” e “Sinestesia Pop”, é muito mais frequente a manifestação de um estilo inovador de se compor o texto, o que se dá em especial pelo cruzamento das duas diferentes debreagens em todo texto, tal como ocorre em “Bibliophile”, “Entre Aspas”, “Literatura Pop” e “Pronto. Falei”!.

Enunciado 9

Entre aspas

Machado foi realmente genial em sua escrita. Solta diversas pistas ao longo dos capítulos, mas no fim prevalece sempre o mistério. Não há como ter certeza do que aconteceu realmente. A mim, Capitu é inocente. Prestando atenção à narrativa pude notar que apenas Bentinho tinha essa idéia fixa de que Ezequiel tinha muitas semelhanças com Escobar. Nenhum outro personagem do romance fala a esse respeito, nem mesmo a mãe de Bentinho. Outro fato que reparei é que desde o início Bentinho já demonstrava um ciúmes excessivo de Capitu o que pode tê-lo cegado sobre seu relacionamento com seu melhor amigo.

Enunciado 10

Literatura Pop

Bom, a história todo mundo já conhece: Bentinho e Capitu se conhecem desde pequenos e, depois de vencerem o desejo desesperado da mãe superprotetora do rapaz de torná-lo padre, eles casam e tem um filho. O problema é que Bentinho desconfia que esse filho não seja realmente dele e sim de seu melhor amigo, Escobar, do qual o garoto é uma cópia fiel. Machado de Assis não revela se Capitu traiu ou não Bentinho e esse mistério ficará eternamente na cabeça do leitor. Afinal, Capitu traiu ou não? O que eu acho: ela traiu. Coitado do Bentinho, além de chato, mala e solitário, casou com a primeira namorada e terminou corno. Vida cruel.

Entre as marcas enunciativas de projeção da subjetividade, e as formas de imposição do que dizer, reguladas pela tradição da Crítica, que há muito instituíram o que dizer sobre a obra de um autor clássico, destacamos aqui o emprego de gírias (solta pistas; mala e solitário) que, além de maior informalidade, demonstram maior ‘liberdade’ de opinião por parte do leitor que escreve em *blogs*, graças à regulação desse gênero quanto às formas de se exprimir. Não se pode dizer qualquer coisa e não se de dizer de qualquer jeito, segundo a constatação por parte da AD do funcionamento discursivo. Há, portanto, nesses enunciados dos comentários a manifestação da repetição do dizer validante da Crítica, no que diz respeito à necessidade de elogiar, de emitir opinião positiva, de resumir e demonstrar conhecer todo o enredo. Há ainda manifestação do caráter bastante oral e interlocutivo (de intimidade) que o leitor que compõe o *blog* e seus comentários exercita frente a seus leitores.

É possível assinalar a presença de marcas enunciativas na enunciação dos diferentes tipos de *blogs*, que guardam semelhanças e diferenças entre si. Assim, essas semelhanças e diferenças se devem em especial à maior ou menor fidelidade e submissão às ordens discursivas que regem o funcionamento desses comentários, a saber, a ubiquidade do modelo frequente de composição da Crítica, que impõe um maior grau de impessoalidade ao que é enunciado em nome da cientificidade; e a informalidade oriunda da ambiência instituída pelo gênero e pelo meio em que circula esse gênero.

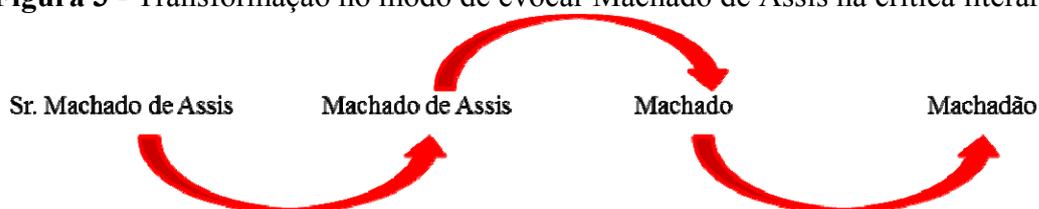
4.2.4 Formas de designação do/ de interlocução com ‘o autor’ e o uso de estrangeirismos

Passamos até aqui por análises pontuais que tomaram exclusivamente o *corpus* constituído de *posts* de *blogs* selecionados especificamente para nossa análise. Nesta seção, entretanto, vamos tomar além desse material, um *corpus* constituído por críticas literárias compostas por críticos profissionais contemporâneos a Machado de Assis que versaram sobre seu legado literário. Desse modo, faremos uso das resenhas e críticas literárias que circularam em jornais, revistas e folhetins brasileiros no final do século XIX e começo do XX, coletadas e estudadas anteriormente por Hélio de Seixas Guimarães (2004) para assim descrevermos algumas continuidades e discontinuidades na prática de composição da crítica literária.

Sem dúvida, são muitos os tópicos que poderiam ser abordados para esse tipo de análise, mas tomamos exclusivamente dois, que chamam facilmente a atenção ao compararmos os *corpora*: as evocações à Machado de Assis e o uso de estrangeirismos³⁸.

Começemos pela evocação à Machado de Assis, que é bem comum, isto é, opera em continuidade, nos dois *corpus*, atentando-nos a como a expressão foi perdendo o pronome de tratamento “Sr.”, no decorrer do século XX, até ganhar, nas mãos dos *novos leitores*, uma nova configuração: “Machadão”.

Figura 3 - Transformação no modo de evocar Machado de Assis na crítica literária



Esse movimento pode ser notado na seguinte série de enunciados encontrados nas resenhas do final do século XIX e início do XX:

Enunciado 1

A Estação, Rio de Janeiro, 28.2.1881 - Abdiel

E o novo livro do **Sr Machado de Assis** satisfaz cabalmente estas exigências, porque o typo do heroe foi colhido ao vivo entre a multidão; porque representa - como entende um escriptor consciencioso, o Sr Urbano Duarte - a luta do egoísmo estéril e brutal de Braz Cubas[...]

É facto que esta é a primeira vez que o **Sr Machado de Assis** elege um thema escabroso e sem igual em toda sua obra [...]

Enunciado 2

Gazetinha, Rio de Janeiro, 2.2.1881 – Urbano Duarte

O **Sr. Machado de Assis** rebate, com visível voluptuosidade de philosopho, ao chão da banalidade e do commum [...]

A obra do **Sr. Machado de Assis** é deficiente, sinão falsa, no fundo, porque não enfrenta com o verdadeiro problema que se propoz a resolver e só philosophou sobre caracteres de uma vulgaridade perfeita [...]

Enunciado 3

A Notícia, Rio de Janeiro, 24 e 25.3.1900 – Medeiros e Albuquerque

Em Dom Casmurro, **Machado de Assis** é mais do que nunca o ex romântico desiludido que chegou a um verdadeiro terror de qualquer pintura de emoções fortes .

³⁸ Cremos que outros estudos sobre essa temática sejam bastante produtivos para se pensar as práticas de leitura e escrita de hoje e ontem como, por exemplo, o uso dos advérbios e adjetivos, os modos de interação com o leitor, a utilização do período simples e composto, etc., a medida que permitem evidenciar as diferenças no modo de operar a língua e de interação com seu suposto público leitor.

Sente-se que a suprema aspiração de **Machado**, em matéria de “escripta artística” é chegar á simplicidade absoluta á magna virtude que fez em todos os tempos todos os grandes prosadores [...]

Enunciado 4

E tenho dito!

Daí **Machado** ser considerado um gênio, e disso todos concordam.

Enunciado 5

Joel Neto

Machado de Assis faz em Dom Casmurro um fato inacreditável em sua narrativa : Ele cria um narrador que afirma algo (ou seja, diz que foi traído) e o leitor não consegue decidir - se se ele está mentindo ou não .

Enunciado 6

Six Pièce Pour Piano

O objetivo de **Machado** em Quincas Borba não era contar uma história do ponto de vista de uma personagem.

Enunciado 7

Entre aspas

Definitivamente sou fã de **Machado de Assis** e não sei dizer o porque de ter passado tanto tempo sem ler esse clássico da literatura brasileira.

Enunciado 8

Organizando o Caos

PS: **Machado de Assis** é um dos orgulhos que tenho em ser brasileira!

Enunciado 9

Fragments

O jeito com que o **Machadão** leva estas 30 páginas, que já estão embasadas nas 160 anteriores, é fantástica.

Enunciado 10

Bibliophile

Vivi disse:

31 de agosto de 2011 às 14h34

Esse vem direto dos tempos escolares... uma das poucas boas lembranças que tenho dessa época é o **Machadão**... hehehe. Excelente escolha!

[Reply]

mimuller Reply:

setembro 5th, 2011 at 14:03

É Vivi, **Machadão** é o Cara!!

[Reply]

Essa transformação, aparentemente simples, parece-nos um produto de várias injunções que atuam na produção desses diferentes enunciados, tais como a ordem da

época, da sociedade, da mídia, do sujeito que enuncia e de seu suposto leitor, de tal modo, que incorreríamos em um equívoco se pensássemos que essas continuidades e descontinuidades nas formas de referência ao autor de quem falam constituem-se exclusivamente da ação de uma ou outra ordem. Para se explicar este fenômeno de alteração da forma de evocação/referência a um nome³⁹, não basta dizer que ele se deu por estas serem produzidas por um leitor mais próximo ou não, temporalmente, de Machado de Assis, mas é preciso refletir sobre o conjunto de fatores que viabilizaram a emergência dessa forma de enunciar.

Temos assim, por um lado, uma crítica profissional, escrita por literatos da época, por autores de prestígio como, por exemplo, os imortais Urbano Duarte, Medeiros de Albuquerque e José Veríssimo, que viviam e transitavam entre espaços da instituição educacional e do jornalismo, ocupando por vezes cargos de relevância social. Produziam textos que circulavam em jornais e revistas projetados para as famílias abastadas que, por sua vez compartilhavam culturalmente uma forma de tratamento mais formal, valendo-se de pronomes de tratamento mais adequados ao grau de formalidade exigido.

Por outro lado, nos deparamos, nos *posts* da atualidade, com um crítico amador e leigo, e que, por essa condição, não precisa tomar a palavra de uma posição que não ocupa, um leitor que em geral não transita por espaços que exigem muitas formalidades e, por isso, também não está habituado a elas, um leitor que escreve em *blogs* e, por isso, dentro de um regime de circulação de textos amplo e pouco formal, e escreve para um suposto leitor que é tão jovem quanto ele. Por essas razões, é preciso que o texto seja escrito de uma maneira aparentemente espontânea, irreverente e convidativa. Assim, podemos compreender a mutação da evocação Sr. Machado de Assis para a sua reconfiguração Machadão na atualidade.

Mas o jogo de continuidade e descontinuidade na forma de evocar não se resume ou é sentida apenas na relação *inter-corpus* como também no *intra-corpus*, isto é, em um mesmo *corpus*, no interior das quatro categorias de *blogs* elencadas, observamos essa variação nas formas de designação do autor. Embora a ocorrência menos frequente seja a do emprego de “Machadão”, isso não significa que ela seja menos relevante. Este emprego limitado é um dado importante, que demonstra a ação da ordem do gênero e do meio que orienta para o uso mais informal da linguagem, logo, do apelido “Machadão”,

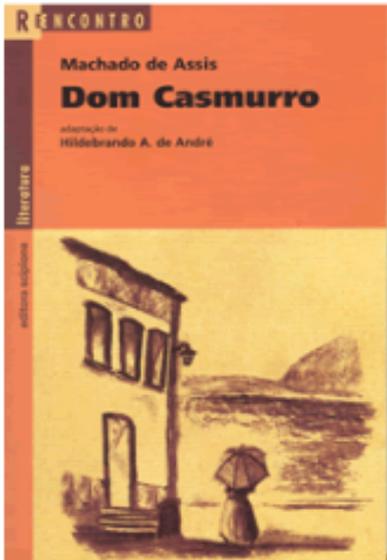
³⁹ Nome cujo funcionamento, segundo Michel Foucault (1992) difere do emprego do nome próprio por se tratar do nome de um autor ou de um nome próprio que é regulado pela ordem da “função autor”.

assim como a ação da ordem da tradição literária, que impõe as formas oficiais de se referir a esse autor.

Na esteira dessas observações, podemos pontuar que, nos *posts* dos *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação de resumos do enredo, não há evocação ao autor dos romances sintetizados. A única ocorrência do nome do autor nessa 5ª Categoria de *blogs* ocorre em um *post* que assemelha-se, no limite, a uma ficha da leitura, que, por sua vez, exigiria esse uso do nome do autor.

Dom Casmurro

Postado por vmbiblioteca às 17:23



Autor: Machado de Assis
Editor: Editora Scipione
Sinopse: Bentinho, apaixonado-se pela vizinha Capitu ainda criança. Ao se tornar adulto, consegue escapar do seminário ao qual estava destinado pela mãe e se casa com Capitu. Quando morre seu mais fiel amigo Escobar, ele observa a esposa e passa a acreditar que ela amava o morto. Obcecado, Bentinho começa a reunir indícios da traição da mulher, colocando o casamento em crise.

Opinião: O livro é bem interessante prende muito a atenção do leitor, pois sempre você quer ver o que irá acontecer no decorrer das páginas. O livro fala sobre a família, o casamento, um pouco de amizade e ainda tem um mistério que fica no ar que eu ainda não consegui

entender será que Capitu traiu Bentinho? Um livro que vale a pena você ler.

Regiane 1.E.M

Quanto ao emprego de estrangeirismos, que aludimos anteriormente, é preciso afirmar que ocorrem tanto nas Críticas profissionais do século XIX que circulavam em revistas e jornais, como nos comentários de hoje, postados em *blogs* por críticos amadores. A única diferença é quanto a língua que fornece esses estrangeirismos: se antes eram empregadas sobretudo expressões do francês e do latim, hoje temos exclusivamente o emprego de formas linguísticas do inglês, tal como vemos na série:

Enunciado 11

A Estação, Rio de Janeiro, 28.2.1881

[...] que bella e bôa obra do *enfant terrible* de Chateaubriand
Do Francês “Criança terrível”

Enunciado 12

O Tempo, Rio de Janeiro, 25.1.1892

Risum teneati !

Do Latim “Sofrerei o riso!”

[...] horresco referens! [...]

Do Latim: “Tremo ao referir”

Alea jacta est .

Do Latim “A sorte está lançada”

Enunciado 13

Fragmentos

(Ok, ok. Opinião de leiga, mas é a minha opinião.)

Enunciado 14

Pronto, Falei!

Divagações de uma bookholic, louca por música, series, História, chocolate, amigos, pets.

Enunciado 15

Nanda fala

A protagonista foi representada pela deslumbrante Maria Fernanda Cândido e Bentinho é o novatinho cool da tv, Michel Melamed.

Do inglês “descolado, legal, maneiro”

Sobre esse fenômeno podemos pontuar que ele não revela apenas uma preferência por um segundo idioma, mas, em alguma medida, a adesão dos enunciadores, ou ainda, dos sujeitos que viveram em determinada época, por uma ou outra cultura ou movimento artístico. Assim, se considerarmos que o estilo neoclássico acompanhou o Império e no século XIX houve, no Brasil, uma forte adesão, na literatura, ao movimento romântico, instaurando-se também naquele final de século o realismo, é fácil identificar o gosto dos críticos profissionais da época pelo uso de expressões latinas e francesas, bem como não é difícil pontuar a adesão dos *novos leitores* machadianos pelo inglês devido ao domínio da cultura estadunidense no Brasil desde meados do século XX.

É preciso considerar também uma descontinuidade no que tange à frequência e ao modo de ocorrência dos estrangeirismos, de tal maneira que é muito mais recorrente o encontro de expressões mais amplas e complexas em latim ou francês na crítica profissional do século XIX, do que em inglês na crítica amadora em *blogs*. Isso parece apontar para duas possibilidades de compreensão: o grupo de leitores contemporâneos em que nos fixamos, ou não são tão fluentes na língua inglesa preferindo empregar expressões de significado já correntemente difundido e utilizado com grande frequência

no dia a dia, ou ainda acreditam que seus supostos leitores não os compreenderiam se usassem expressões mais complexas ou extensas.

Ainda sobre o uso dos estrangeirismos pelos *novos leitores* machadianos em suas críticas literárias em *blogs* é importante destacar que isso não ocorre em todas as categorias elencadas, mas exclusivamente nos *blogs* cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos e nos *blogs* cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura de iniciativa dos participantes. Isso significa por outra via que os usos de termos estrangeiros provavelmente não caibam em gêneros bem particulares da crítica amadora, como nos mais voltados a resumos de enredo ou nos voltados à reprodução do estilo profissional.

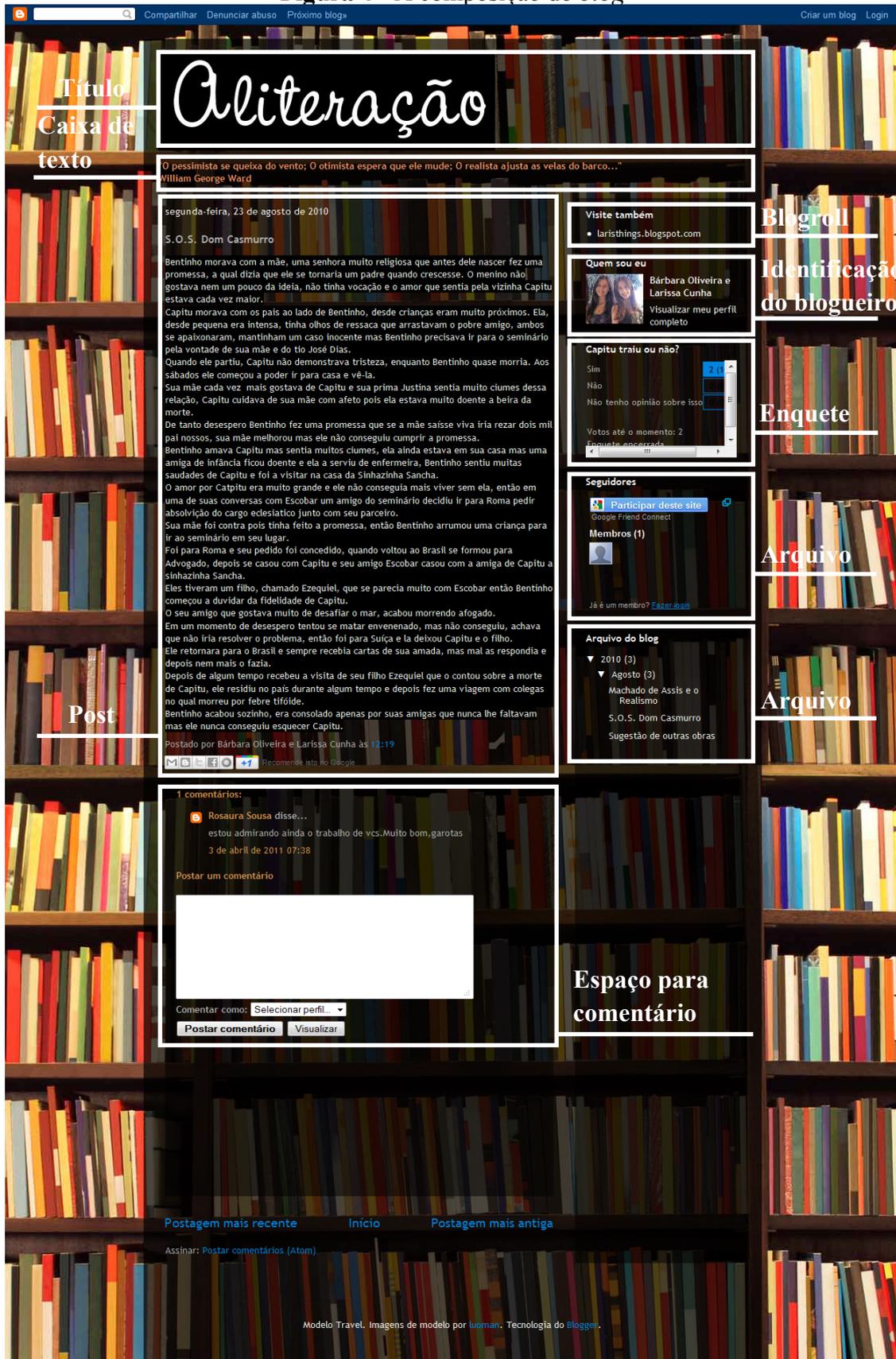
Constata-se assim, nos dois casos apresentados, tanto das evocações por nome próprio ou por apelido como dos estrangeirismos, que o estudo das continuidades e descontinuidades que atingem os modos de se escrever uma crítica literária seja de ontem ou hoje, seja profissional ou amadora, esteja afixada na mídia impressa ou eletrônica, pode trazer resultados produtivos sobre as características das materialidades que temos em mãos, bem como sobre as próprias condições de produção inscritas nesses pequenos enunciados.

4.2.5 Os comentários do comentário: representações compartilhadas das práticas de leitura

Como vimos em nossos apontamentos teóricos o espaço para comentários nos *posts* não surgiu juntamente com o *blog*, tratando-se antes de uma funcionalidade que foi acrescida à ferramenta e que hoje compõe o gênero juntamente com outras como a identificação do blogueiro, a lista de categorias ou *tags*, a lista de outros *blogs* e *sites* recomendados pelo blogueiro ou *blogroll*, lista de seguidores, calendários, enquetes, anúncios, arquivos, chamada de campanhas diversas, caixas de *feeds*, *facebook*, *twitter* etc. que podem ou não aparecer, tal como vemos na figura 4.

Dessas tantas funcionalidades, ou partes, que compõem o *blog*, os comentários mostram-se especialmente interessantes para identificarmos como os leitores leem os comentários dos leitores de Machado de Assis, postados nos *blogs* e como por meio de seus comentários do comentário revelam representações da leitura que compartilham com aquele que escreve nos *blogs*.

Figura 4 - A composição do blog



Fonte: Blog Aliteração. Disponível em: < <http://bah-lah.blogspot.com.br/2010/08/sos-dom-casmurro.html> >. Acesso em: 30 abr. 2012.

Em nossa pesquisa pudemos notar que todos os *blogs* de crítica amadora selecionados abrem espaço para comentários dos leitores embora nem todos os *posts* tenham recebido comentários até a data de captura da imagem da tela. O fato de todos os *blogs* abrirem-se para os comentários do leitor já nos coloca diante do desejo dos novos leitores que exercem a atividade crítica sobre a obra machadiana de serem lidos e de interagirem com outros leitores. Para visualizarmos alguns dados sobre a frequência dos comentários de comentários, apresentamos no quadro abaixo a quantidade de comentários sobre os *posts* selecionados e os nomes de seus respectivos *blogs*.

Quadro 3 - Comentários e resenhas dos novos leitores machadianos selecionados para a análise – Quantidade de comentários

Categoria	Blog	Quantidade de comentários
1	Aliteração	1
	Ana Maria	0
	Conversa-Afiada	47
	Experiências do 9º ano	0
	Sala de leitura	0
2	E tenho dito	0
	Joel Neto	1
	Litla Carol	13
	AParáTto	6
	Six Pièce Pour Piano	3
3	Fragmentos	4
	Nanda Fala	0
	Dando tempo ao tempo	4
4	Bibliophile	16
	Entre aspas	3
	Literatura Pop	9
	Pronto. Falei!	5
	Organizando o caos	5
	Sinestesia Pop	0
5	Lista de livros do Ney	0

Na tabela 2 temos a distribuição e médias de comentários segundo as categorias, bem como a discriminação de alguns dados que julgamos relevantes para se compreender a prática de comentar em cada categoria.

Tabela 2 - Distribuição dos comentários sobre os posts dos novos leitores machadianos selecionados para a análise s por categorias

Categorias	<i>Blogs</i>	Comentários	Média de comentários por post	Total de <i>blogs</i> sem comentários	Média de comentários por post, nos <i>blogs</i> comentados
Categoria 1	5	48	9,6	3	24,0
Categoria 2	5	23	4,6	1	5,8
Categoria 3	3	8	2,6	1	4,0
Categoria 4	6	38	6,3	1	7,6
Categoria 5	1	0	0	1	0

Com base nesses dados, podemos afirmar que os *blogs* pertencentes à Categoria 1, cujos *posts* restringem-se à divulgação de resumos do enredo, tendem a ser mais comentados, entretanto, é nessa categoria também que há maior incidência de “silêncio” no espaço de comentários - dos cinco, apenas dois foram comentados. Estes, “Conversa A-fiada” bem como “Aliteração”, colocam-nos diante de um caso bastante particular e curioso: ambos tratam da obra “Dom Casmurro” e são bem mais extensos em suas considerações se compararmos suas métricas com as próprias da categoria. Outro aspecto que explicaria seu grande número de comentários é o fato de o primeiro ser o *blog* mais antigo e conta com quarenta e sete comentários.

Há por certo, nessa primeira categoria, várias instâncias que podem determinar o maior número de comentários de leitores, mas a ordenação pela relevância de um critério em detrimento de outro é incerta, mesmo porque não foram tomados, por exemplo, a ordem de exibição do *link* para esses *posts* no mecanismo de busca⁴⁰. Apesar disso, é possível identificar com alguma precisão que os comentários do *blog* “Aliteração” e “Conversa A-fiada” nem sempre caminham no mesmo sentido, inscrevendo-se dentro de diferentes conjuntos temáticos.

Há os comentários que se caracterizam pela avaliação apreciativa do *post*, outros pelo agradecimento e encomenda de outros comentários, outros pela crítica ao comentário. São exemplos de comentários cujos enunciados se inscrevem no grande tema que poderíamos chamar da contemplação e avaliação:

Enunciado 1

⁴⁰ Como dito anteriormente a busca por *posts* adequados a nosso *corpus* foi exaustiva, esgotando todas as páginas de resultados oferecidos pelo Google. Seria uma justificativa para a maior quantidade de comentários para o *post* do *blog* “Conversa Afiada”, por exemplo, a sua melhor posição no *rank* de resultados em relação aos demais *blogs*.

Aliteração

Rosaura Sousa 3 de abril de 2011 07:38
estou admirando ainda o trabalho de vcs.Muito bom,garotas

Enunciado 2

Conversa A-fiada

Anônimo disse...
o básico para uma pessoa ficar por dentro do livro... muito bom ajuda bastante,colocaram a resenha numa linguagem fácil de ser interpretada.
13 de abril de 2010 17:01

Enunciado 3

Conversa A-fiada

Anônimo disse...
/ficou ótima adorei , este livro é impressionante
12 de maio de 2011 11:19

Enunciado 4

Conversa A-fiada

Nick Cesar. disse...
Isso eh resumo, não resenha. E ainda foca só na parte que menos interessa do livro. Enfim, como estes está cheio na *internet*... mas pelo oq a maioria dos professores pedem por ai está satisfatório.. tente reler o livro
7 de setembro de 2011 12:48

Mas podemos perceber também na extensa maioria dos comentários de “Conversa A-fiada”, uma outra série de enunciados que podemos inscrever dentro de um conjunto temático relacionado ao agradecimento e pedido.

Enunciado 5

Conversa A-fiada

rodrigo disse...
brigadão ai parceiro
era bem oque eu tava procurando mesmo valeu ;D
17 de novembro de 2008 12:15

Enunciado 6

Conversa A-fiada

Anônimo disse...
Poow essa reseenha me saalvou

Briigadaa aee XD
26 de abril de 2009 12:21

Enunciado 7

Conversa A-fiada

thais disse...
nossa mt obrigada msm!!me ajudou bastante nessa resenha!!
mt obrigadaaaaaaaa...
xD

29 de maio de 2009 05:30

Enunciado 8

Conversa A-fiada

Anônimo disse...

ótima resenha do livro Dom casmurro, tenho certeza que ira me ajudar muito com minha prova de literatura sobre esse livro. muito Obrigado. :D

4 de junho de 2009 18:11

Enunciado 9

Conversa A-fiada

leo pardo disse...

e ei enganei a professora e naun precisei ler o livro

11 de maio de 2011 17:41

Enunciado 10

Conversa A-fiada

Anônimo disse...

Poderias fazer uma resenha do conto "Uma partida", de Machado de Assis, o mais rápido possível?

Agradeço desde já! :D

13 de novembro de 2012 10:21

Pela rápida leitura dos comentários, podemos identificar que a categoria 1 é bastante procurada pelos leitores não simplesmente para contemplar, avaliar, ou tomar conhecimento sobre o que vem sendo discutido em torno de uma obra literária, mas principalmente para inteirar-se do livro, de forma bastante pragmática, tomando a leitura do *post* como alternativa para a leitura da obra.

Na Categoria 2, nos *blogs* cujos comentários reproduzem mais manifestamente o estilo da crítica profissional, encontramos também comentários que se ligam ao conjunto temático da contemplação e avaliação, como no *blog* “AParáTto” e “Litla Carol”, como também no conjunto temático da reflexão:

Enunciado 11

Six Pièces Pour Piano

Felipe Werly :B disse...

Acho que a sociedade retratada ainda é a mesma até hoje. As pessoas não querem ser loucas. Acho que sortudos são os que estão presos nos hospícios. Estes estão longe dos loucos aqui fora. Queria eu poder ver através das mascaras dos outros

12 de setembro de 2008 21:24

Chamam ainda a atenção, nessa categoria, os indícios sobre a constituição da comunidade leitora dos *blogs*, do público que lê e comenta os *blogs* dedicados à crítica literária amadora. De um lado temos um público constituído de colegas e amigos dos

editores dos *blogs*, o que pode ser identificado pelo uso de apelidos e diálogos entrecortados que sugerem interação entre editor e leitor *extra-blog*, como enunciado em:

Enunciado 12

Joel Neto

vanessa disse...

nossa cara, muito legal seu blog, to seguindo jé, le o meu? <http://warrantbrasil.blogspot.com/>

wlw

13 de outubro de 2010 23:05

Enunciado 13

Litla Carol

Ana Paula disse...

Que pena Carol! Fica para próxima!

Bjss

<http://toutlamour.blogspot.com>

10 de dezembro de 2010 17:03

Enunciado 14

Litla Carol

Margareth Gervason disse...

Oi querida vc já falou com a Ju?

Ela vai ficar feliz!

Nos vemos no domingo!

Beijos coloridos!

11 de dezembro de 2010 00:02

Enunciado 15

Litla Carol

Aurelia Mattos disse...

Beijos Carol, bom final de semana linda

11 de dezembro de 2010 09:00

Enunciado 16

Litla Carol

Ana Paula disse...

Que bom Carol!!! Fiquei feliz com a notícia!

Até amanhã!

Bjsss

11 de dezembro de 2010 10:29

Enunciado 17

Litla Carol

litterofágica disse...

Coisa maravilhosa ter vc por aqui. Vou te levar um presentinho meu q saiu esse ano pela funalfa. a gente se vê.

11 de dezembro de 2010 10:32

Enunciado 18

Litla Carol

litterofágica disse...

Me acha no Facebook porque te procurei e não achei. Bjão.

11 de dezembro de 2010 10:56

E por outro, por um público que não conhece o editor do *blog*, mas que por diferentes motivos acessa os *blogs* e quer deixar registrada sua visita. Isso se vê tanto nas interações entre um “leitor anônimo”, supostamente chamado Daniel, e o editor do *blog*, Amarildo Ferreira, como na de outro “leitor anônimo”, supostamente chamado Jorge Vidal, que escreve no *blog* de “Litla Carol”, em tom formal.

Enunciado 19

Monkey Club

Anônimo disse...

Il semble que vous soyez un expert dans ce domaine, vos remarques sont tres interessantes, merci.

- Daniel

8 de janeiro de 2011 16:02

Enunciado 20

Monkey Club

Amarildo Ferreira disse...

Daniel,

Queria ter o seu e-mail ou outra tipo de forma de comunicação para poder lhe agradecer de pessoalmente. Infelizmente como não tenho, agradeço por aqui mesmo. Obrigado!

8 de janeiro de 2011 21:51

Enunciado 21

Litla Carol

Anônimo disse...

Ótimo trabalho sobre a obra no que diz respeito a estrutura e evolução narrativa. Entretanto, como poderá ser visto no meu Blog REAL EVOLUÇÃO DA FEITURA DA OBRA DOM CASMURRO, endereço — www.realdomcasmurro.blogspot.com discordo da interpretação que a maioria dos leitores tem dado a obra Dom Casmurro no decorrer da história; como acontece aqui neste muito bem elaborado trabalho técnico sobre a obra. Em função deste motivo escrevi o Blog citado acima, no qual, após as considerações julgadas importantes a que me propus; remeto o assunto para estudo minucioso em Blog anterior já postado.

Atenciosamente JORGE VIDAL

3 de janeiro de 2011 16:38

Enunciado 22

Litla Carol

Anônimo disse...

Na Categoria 3, os *blogs* cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos, observamos uma das menores quantidades de *blogs* selecionados bem como o menor número de interações via comentários. Apesar de poucos comentários, essa categoria oferece-nos indícios novos e muito ricos sobre, entre outras coisas, a comunidade leitora, o meio de interação entre editora do *blog* e seus leitores, a motivação da leitura e uma técnica de sedução utilizada pelos comentadores dos *posts* para que estes acessem os *links* de seus *blogs*.

No enunciado 23, identificamos um comentário de um suposto público até então não percebido: a família. Família representada pelo sujeito “mãe”, que deixa reiteradamente marcada a sua “posse de parentesco” com a editora do *blog* em “[...] minha filhinha, meu bebe”. O comentário da mãe para com a filha como se vê tem tom coloquial e é repleto de figuras de linguagem como neologismos e polissíndetos.

Enunciado 23

Fragmentos

Lu disse...

Nossa!!!!!!!!!!!!!!

Eu ia dizer aqui o quão iletrada, igualquercoisa to me sentindo... aih vi no final o seu lado romantico, e mais do que igualquer coisa to me sentindo shumtudo! Sim, minha filhinha, meu bebe tem um lado romantico. Sim, ele aflora. Sim. ela ta aprendendo a lidar com isso. Sim, o mundo eh lindo, a vida eh bela e eu te amos. Tanto que nem sei.

Sexta-feira, 26 Setembro, 2008

No enunciado 24 localizamos uma resposta, sob a forma de comentário, da própria editora do *blog* para um comentário de sua leitora, que nos parece duplamente interessante. Primeiro porque apresenta-nos uma forma de interlocução até então não percebida nas categorias anteriores, e segundo, confirma o porquê os jovens leem as obras machadianas hoje: a pressão dos vestibulares, a exigência escolar. Dessas duas, convém pontuar que o gesto do(a) editor(a) do *blog* escrever ao leitor utilizando o espaço dos comentários materializa uma apropriação e sugere-nos o modo como se opera o movimento de escrita e (re)leitura dos *posts*.

No caso apresentado, a editora do *blog* não precisaria usar dos comentários, do “espaço do leitor”, para interagir com seus leitores, ela poderia simplesmente reescrever seu *post* acrescentando a ele uma resposta ao comentário emitido. Mas ao escrever ao leitor

nesse espaço, ela facilita que seu interlocutor note sua interação com ele, poupando-o da releitura do *post* e conservando sua escritura. Apesar do *post* poder ser reeditado a qualquer momento pela editora do *blog*, ela preferiu conservar seu texto na forma como foi concebido. O *blog*, para alguns blogueiros, seria assim um espaço de memória de si, um livro aberto, no qual podem ser feitas anotações marginais, mas cujo conteúdo principal estivesse já gravado e não pudesse ser apagado, reescrito.

Enunciado 24

Fragmentos

Maya disse...

Graci,

ainda não li Otelo. Nem as horas nuas. Mas, please, não me culpe! É porque eu estou tentando ler as obras do vestibla, e me focar mais nisso... Mas faltam só dois (infinitos) meses, logo logo estarei livre para ler outras coisas!!! xD

E eu ADOREI Dom Casmurro, aliás, adorei a forma machadiana de escrever! Ainda vou ler de novo, mas só quando não tiver mais essa pressão de vestibla...
sábado, 04 outubro, 2008

No enunciado 25 temos novamente um comentário de um anônimo supostamente chamado Jorge Vidal. Se considerarmos a série desse enunciado, bem como do enunciado 21, dessa seção, podemos notar algumas semelhanças no modo como esse outro blogueiro interage com seus pares e lançar ponderações sobre sua prática de seleção de parceiros de discussão e sua técnica de sedução para que consiga leitores ao seu *blog*.

Enunciado 25

Fragmentos

Anônimo disse...

A sua maneira de se comunicar é muito interessante... Gostaria que meu Blog REAL EVOLUÇÃO DA FEITURA DA OBRA DOM CASMURRO, endereço - www.verdadedomcasmurro.blogspot.com fosse lido por você e seus leitores, e quanto a leitura de Otelo, o Mouro de Veneza, deveria ser o primeiro a ser lido... Ao ler o meu Blog você entenderá o motivo.

Atenciosamente JORGE VIDAL

quinta-feira, 30 dezembro, 2010

Como se vê, a data de publicação do comentário do Enunciado 25 e 21 é bastante próxima, o primeiro de 30 de dezembro de 2010, o segundo de 3 de janeiro de 2011 o que pode apontar que o enunciador não encontra seus interlocutores ao acaso, mas procura as pessoas com quem quer dialogar. Além disso, a forma como esse leitor interage, não se resume, por exemplo, ao simples “leia meu blog”, tal como ocorre no

Enunciado 12, também dessa seção, mas é antes trabalhada com cuidado para atrair tanto editor do *blog* como a seus respectivos leitores a visitarem seu *blog*. Nesse caso, convém usar de uma estratégia: que é comentar brevemente o *post* do outro mostrando-se interessado, apresentar seu *blog*, dizer o por quê seu *blog* e suas considerações são interessantes e complementares às do *blog* comentado e despedir-se de maneira respeitosa.

Essas estratégias são em parte empregadas também em outro comentário de Jorge Vidal no *post* do *blog* “Entre Estantes”, da Categoria 4, tal como inscrito no enunciado 26. Como vemos abaixo a data do comentário é distante se comparadas a dos outros comentários recortados. No entanto, se considerarmos que o *post* foi publicado no dia 22 de agosto de 2011, fica claro assim que estamos diante de um sujeito que não apenas escreve sobre literatura e quer ser lido e discutido por seus pares, mas que também monitora o que vem sendo publicado sobre a temática que aborda.

Enunciado 26

Entre Estantes

em agosto 29, 2011 às 7:38 pm | Resposta JORGE VIDAL

Não estou de forma alguma criticando o conteúdo do seu Blog — que entendo ser um trabalho do que se diz da obra Dom Casmurro. Entretanto, estou sim (usando este seu Blog como veículo, e me perdoe por isto) dizendo da minha grande tristeza em contatar que a maioria dos leitores de Dom Casmurro tem reduzido a obra à indevida obliquidade e ao falso adultério de Capitu; também outras coisas do contemporâneo que decididamente não cabe na obra; diferentemente, esses dois pontos (da primeira ponderação) são elementos de intencional contradição para pegar e brincar com acadêmicos e muitos leigos como eu, que as entendi plenamente, e em nenhum momento caí nessas e em outras peraltices da genialidade de Machado, e pelo contrário, as reproduzo no trabalho citado. Senão, você e seus leitores visitem os meus Blogs sobre o assunto: REAL EVOLUÇÃO DA FEITURA DA OBRA DOM CASMURRO — <http://www.verdadedomcasmurro.blogspot.com> e constatem o que tenho ponderado neste pequeno comentário. Também o Blog SÓCRATES VERSUS PLATÃO VERSUS MACHADO — <http://www.socratesplataomachado.blogspot.com> .

Atenciosamente JORGE VIDAL

Ainda na Categoria 3, encontramos no *blog* “Dando tempo ao tempo” três indícios sobre o público leitor dos novos críticos de Machado de Assis: eles se conhecem; tratam-se de maneira cortês e usam frequentemente de gírias, tal como visto nos Enunciados 28, 29 e 30

Enunciado 27

Dando tempo ao tempo

Karapucios13 de julho de 2010 11:39

Pra mim Capitu traiu Bentinho.

Enunciado 28

Dando tempo ao tempo

Nathan santos 15 de julho de 2010 13:54

erick nao vamos tomar conclusoes precipitadas rpz (deixa eu terminar de ler o livro. esse home ja fala do fim

Enunciado 29

Dando tempo ao tempo

Karapucios 16 de julho de 2010 15:59

Foi mal rpz...

Já na categoria 4, *blogs* cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura de iniciativa dos participantes, percebemos proporcionalmente o menor número de *posts* analisados sem nenhum comentário. Isso pode apontar que essas gincanas ou desafios, embora atuem positivamente na divulgação dos textos bem como na interação entre editores e leitores de *blogs*, não necessariamente conseguem obter comentários ostensivos. A exemplo: o *blog* “Bibliophile” conseguiu 5 comentários no mesmo dia em que publicou sua opinião, “Organizando o Caos”, 2, e “Literatura Pop”, 6, em menos de uma semana, sendo que alguns mesmos comentadores (leitores) transitam nos diferentes *blogs*.

Nesse contexto, podemos pontuar que tanto os editores do *blog* “Bibliophile” como em “Literatura Pop”, utilizam o espaço do comentário para dialogar com seus leitores, contudo de maneiras distintas.

Enquanto em “Bibliophile” temos um modelo parecido com o do Enunciado 24, dessa seção, em “Literatura Pop” encontramos outro modelo, outra prática. A editora do *blog* “Literatura Pop” em um único comentário resgata uma série de comentários deixados por seus leitores dirigindo-se a cada um deles individualmente.



Cíntia Mara 23 de agosto de 2011 14:08

Haha, adorei a resenha e a honestidade. Nunca consegui passar do primeiro capítulo de Dom Casmurro. Tenho vontade - se é pra achar chato, eu quero ler o livro todo e falar com conhecimento.

Coitado do Bentinho, além de chato, mala e solitário, casou com a primeira namorada e terminou como. Vida cruel.

Hauhauhauhauhauh

Só não concordo quando você insinua que todos os clássicos são chatos e enfadonhos. Já li alguns assim, mas já li outros excelentes. Ironicamente, estou lendo um meio chato :/

Bjs

[Responder](#)



Palavras Vagabundas 24 de agosto de 2011 11:37

Karol não se torture, só não abandone Machado, rs... daqui alguns anos (mais uns 10 ou 12) tente novamente talvez mude sua percepção.

abs

Jussara

[Responder](#)



Freya 25 de agosto de 2011 09:45

Dom Casmurro é um dos meus favoritos!! Tudo bem que ele (Bentinho) é um chatão, mas Freud deve explicar, srsrsrs... mas é uma história bem a cara da época, em que as pessoas eram bem mais discretas e morriam com segredos...

A primeira vez que li, obrigada diga-se de passagem, eu odiei. Quando li por teimosia, amei... :)

A descrição dele é fantástica, e lembro-me de ter lido fazendo listinha para pesquisar no dicionário depois... Isso aconteceu quando não consegui imaginá-la "deitando no canapé"... Fora que "olhos de cigana oblíqua e dissimulada" é sensacional!!

Machado é assim, o processo de digestão começa desde a primeira garfada... é lento, precisa de paciência, senão empanturra e aí, indigestão na certa...

Beijos

[Responder](#)



Wellington Lima 26 de agosto de 2011 10:04

Aplausos pra você!!! ^_^ Eu nunca li esse livro. E, minto, já li sim, uma versão condensada (kkk). O Único livro de Machado que li todo foi Quincas Borba, mas faz tempo, creio que foi na Era Paleozóica. Confesso que não entendi nada. E eu te aplaudo pq tem muitas pessoas que vivem lendo clássicos e saem gritando pro mundo que é uma leitura perfeita só porque "todos os outros" dizem o mesmo. Eu também sou igual a você, não gostei! Tá dito! Reservem a minha cruz também!! kkk

[Responder](#)



Lully 28 de agosto de 2011 16:37

Realmente fiquei um pouco chocada por você não ter gostado da leitura, esse é um dos meus livros favoritos. Mas gosto é gosto néh kkkkkkk

Mas fico feliz por você ter tido a paciência de ao menos terminar de lê-lo, se fosse eu não alcançaria essa proeza, PARABÉNS!

Beijos

[Responder](#)



Vivi 28 de agosto de 2011 23:00

Vale a pena tentar. Foi o que você fez. Talvez lendo outro livro do mesmo autor, você possa se acostumar mais ao estilo. Bem, não sei. É apenas uma sugestão. Mas, não sinta culpada de não gostar. Desgostar também é direito do leitor. Bjs

[Responder](#)

Enunciado 30

Literatura pop



Karol Albuquerque 12 de setembro de 2011 12:54

-> Cíntia: Talvez eu tenha me excedido em relação ao enfadonhos, chatos e afins.. rs Foi o calor do momento! =)

-> Palavras Vagabundas: eu cheguei a pensar nesse sentido, sabia? Talvez me falte a maturidade necessária pra ler Machado de Assis.. rs Ou talvez eu nunca vá curtir.. quem sabe, né?

-> Wellington Lima: Valeu, Wellington! Eu tenho mais ou menos esse pensamento também. Mas é uma questão pessoal: eu simplesmente não consigo falar bem de um livro se não gostei dele, e pronto.

-> Lully's: Ah, Lully's acontece, né? rs Vou tentar ler outro dele e talvez eu passe a gostar! =)

-> Freya: Vou tomar isso como exemplo. Um dia leio de novo, vai que eu mudo de idéia.. rs

-> Vivi: Valeu o incentivo! rs Esse foi o primeiro que eu não gostei meesmo em todo o desafio. Espero que seja o único.. rs

[Responder](#)

É interessante notar adicionalmente, nesse enunciado, as pressões do consenso, da tradição, que constroem algo como “para ser um bom leitor de Machado de Assis é preciso: ser uma pessoa madura, ler mais de um livro do autor, não fazer julgamentos precipitados e ler de novo, caso não tenha gostado na primeira vez”.

Podemos ver também, nesses comentários, outra prática dos leitores de *blog* ao comentar os *posts*: a necessidade de criar e dar a ver uma identidade e divulgá-la juntamente com seu nome, tal como vemos no enunciado abaixo:

Enunciado 31

Literatura pop



Palavras Vagabundas 24 de agosto de 2011 11:37

Karol não se torture, só não abandone Machado, rs... daqui alguns anos (mais uns 10 ou 12) tente novamente talvez mude sua percepção.

abs

Jussara

[Responder](#)

A comentadora, nesse caso, associa sua imagem ao livro e às palavras, mas sabe que isso apaga seu nome, sua identidade própria. Daí necessidade de deixar marcado seu nome no comentário. Esta necessidade de deixar explícito um nome ou um apelido é frequente em todas as categorias, tal como se pode ver na série de enunciados

apresentados até então, com menos intensidade, na Categoria 1, na qual o anonimato parece ser não só mais permitido como também conveniente, tal como inscrito nos Enunciados 8 e 10.

Na Categoria 5, *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação da seleção de recortes de trechos da obra, não temos comentários, o que pode indicar tanto a pouca aceitação desse gênero para seus leitores como também a baixa visibilidade do *blog* “Lista de Livros” no mecanismo de pesquisa Google.

Por fim, pudemos constatar que cada uma das categorias, e por extensão, cada editor de blog e seus leitores, guardam suas particularidades na forma de se apropriar do espaço de comentários, bem como a interação é editor-leitor também é diversa, bem como são variados os motivos que levam as pessoas a comentar um *post*. Contudo, é frequente, a identificação, nos comentários, do uso da linguagem cortes e de indícios sobre o ideal do bom leitor machadiano

4.2.6 Estratégias de escrita e representações

Vimos até aqui alguns procedimentos de escrita recorrentes no modo como são elaborados os *posts* de crítica amadora em *blogs*, tais como regularidades e irregularidades métricas entre os *posts* pertencentes às mesmas ou a diferentes categorias, ou ainda as formas recorrentes de autorrepresentação dos editores/produtores dos *blogs* por meio do uso de recursos linguísticos de que se valem em sua enunciação, além das variações nos modos de referenciação do autor Machado de Assis, bem como observamos o que é enunciado, o modo como se enuncia, assim como o modo como é lido/interpretado o que é enunciado sob a forma de comentários de leitores/editores de *blogs* constituem-se, de um lado, pelas injunções discursivas oriundas da tradição que controlam/autorizam o comentar, o referir-se, o abordar criticamente obras de um cânone da literatura brasileira, de outro, pelas injunções discursivas próprias das formas de composição genérica e de circulação dos textos produzidos/formulados e dados a ler pela tela do computador, ou mais especificamente via *internet*.

Além das especificidades das práticas de escrita até agora discutidas e, conseqüentemente, dos indícios das práticas de leitura que os leitores de obras literárias e editores dos *blogs* que constituem nosso *corpus* compartilham com outros leitores que lhes são contemporâneos e com os quais dialoga, abordaremos, neste item, certas

estratégias de escrita e algumas representações de prática de leitura que lhes são comuns e que se manifestam de maneira distinta de acordo com as Categorias a que pertencem os *posts* analisados.

Na Categoria 1, composta de *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação de resumos do enredo, observamos como se manifestam os leitores sobre as obras de Machado de Assis. Nessa categoria, encontramos *posts* cuja preocupação com o maior detalhamento do enredo principal apresenta-se pelo cuidado do leitor/editor do *blog* em ordenar os acontecimentos tal como se sucederam no tempo, assim como encontramos *posts* mais concisos e menos informativos acerca do enredo, respectivamente exemplificados pelos fragmentos a seguir, um do *blog* Conversa-A-fiada e outro do Experiências do 9º ano:

Enunciado 1

Conversa A-fiada

O enredo começa no ano de 1857, na rua de Mata-Cavalos, quando o menino, então com 15 anos, se apaixona por sua vizinha e grande amiga Capitu, também adolescente. O sentimento entre eles é contado pelo narrador como algo passional. Capitu seria uma menina provocante, mesmo na sua inocência.

Enunciado 2

Experiências do 9º ano

O livro Quincas Borba conta a historia de Rubiao, um homem muito especial. O cachorro Quincas Borba herdou uma grande herança de seu dono e para administrar o dinheiro, o dono do cachorro pediu a Rubiao que cuidasse dele com muita dedicação. Eu nao li o livro todo, mas gostei pois mostra uma linda historia de amor entre Rubiao e seu cachorro.

Embora ambos sejam relativamente sintéticos, o enunciado 1 estende-se na descrição do enredo, preocupando-se em localizar a história no tempo e no espaço, tal como o narrador de Dom Casmurro, assim como apresentar alguns traços psicológicos que caracterizam os personagens principais, ainda que por meio de adjetivos mais simples, contemporâneos e de uso mais frequente, e não necessariamente empregados na obra original, tais como “adolescente”, “passional”, “menina provocante”. Este esforço por explicar de forma simplificada as características comportamentais e psicológicas das personagens é um importante indício do modo como o texto literário foi interpretado pelo leitor/editor do *blog* e pelo modo como ele imagina ser a interpretação de seus pares, prováveis leitores de seu *blog*.

Em relação ao Enunciado 2, observamos a presença da afirmação bastante franca “Eu não li o livro todo”, que revela outro traço próprio das práticas de leitura entre

jovens leitores de obras clássicas. Apesar de não ter lido o texto em sua integridade, o leitor corrobora a apreciação valorativa de que goza essa obra culturalmente ao afirmar que gostou do livro apesar de não tê-lo lido em sua completude “[...] mas gostei pois mostra uma linda história de amor entre Rubião e seu cachorro”.

Assim, apesar das diferenças entre os comentários pertencentes à mesma categoria quanto ao que dizem sobre a leitura das obras em questão, suas declarações correspondem, sem dúvida, a uma mesma injunção discursiva que controla sua interpretação, de modo a impor um consenso quanto à qualidade das obras, mesmo daquelas não lidas em sua integridade.

Para a Categoria 2, *blogs* cujos comentários reproduzem o estilo da crítica profissional, observamos uma preocupação não apenas em resumir o enredo, mas também em analisar e comentar a prática autoral de Machado de Assis, apoiada nas formas como a tradição da crítica dos textos desse autor impõem-se como modelo do quê e de como enunciar um comentário crítico dessas obras, tais como manifesto nos dois enunciados a seguir, um do *blog* “Joel Neto” e outro do “Six Pièce Pour Piano”:

Enunciado 3

Six Pièce Pour Piano

A habilidade narrativa de Machado em *Quincas Borba* reside na capacidade de revelar através da multiplicidade das perspectivas a verdadeira natureza humana das relações entre indivíduos: como as personagens de ficção, os próprios homens só conhecem uns aos outros parcialmente.

Enunciado 4

Joel Neto

Segundo Fábio Lucas, prefacionista de uma das edições de *Dom Casmurro*: "É a triangulação ideal que traduz a certeza de uma consciência conturbada, a de Bentinho (cujo nome - Bento Santiago - Santo representa Bem e Iago no drama *Othello* é a consciência perversa, ou seja, a fusão entre o bem e o mal), e resulta, para o destinatário de seu discurso mesclado de objetividade e de ressentimento (subjetivismo), numa ambigüidade insolúvel". [...] E aquela famosa pergunta que é a trilogia do romance, não só entre os brasileiros, mas também como os estudiosos do livro de outros países: Teria sido *Capitu* culpada de adultério?

A imitação do estilo profissional de produzir comentários críticos sobre obras literárias clássicas não se dá apenas em relação ao “que falar”, mas também ao “como falar”, tal como vemos nos enunciados 3 e 4, que se valem do emprego de uma linguagem culta e formal e do uso de citações aos moldes da academia. Observa-se haver um cuidado em mimetizar o estilo da crítica profissional, o que não significa não poder haver boas e consistentes considerações críticas sobre o legado machadiano em *blogs* de origem amadora, mas apenas o fato de que entre os comentários críticos feitos por leigos na atualidade há aqueles que reproduzem o que diz e o modo de dizer da

crítica profissional, assim como há aqueles que, embora tentem mimetizar a forma de enunciar do comentário de origem profissional, o fazem de acordo com seus conhecimentos e limitações, tal como se pode atestar, em relação ao Enunciado 4, com alguns equívocos linguísticos, tal como o do emprego de um neologismo “prefacionista”, para designar o autor do prefácio, por meio de seu nome ou de um epíteto qualquer como “o escritor e crítico literário”. Além disso, o comentário, referente ao Enunciado 4, apresenta alguns indícios das competências linguísticas do comentador ao empregar o termo “trilogia do romance” de forma inadequada a ponto de criar uma afirmação *non-sense*: “E aquela famosa pergunta que é a trilogia do romance, não só entre os brasileiros, mas também como os estudiosos do livro de outros países: Teria sido Capitu culpada de adultério?”.

Esses exemplos atestam ainda que o *novo leitor* machadiano, não apenas lê (ou não as lê em sua totalidade) as obras literárias que comenta, como também tem acesso a outros comentários da obra, que oferecem a estes um suporte para as afirmações e uma compreensão das obras machadianas por meio do que leem sobre as obras, a partir de textos da crítica profissional e da crítica leiga. É, portanto, possível discutir a origem desses comentários críticos em que os *novos leitores* de Machado de Assis sustentam sua argumentação, uma vez que se pode identificar nos *posts* de um *blog* a reprodução pelo sistema de “copia e cola” do de comentários de outros *blogs*, ou a referências mais ou menos explícita à leitura desses outros *blogs* de críticos amadores. Por se tratar de uma imitação da crítica profissional que circula virtualmente e em livros impressos, sob a forma de prefácios, são apropriados mais adequadamente forma e o estilo de falar, no entanto, é pelos deslizos linguísticos (lexicais, sintáticos e semânticos) que se constata a maior ou menor familiaridade do leitor/editor do *blog* em relação à modalidade escrita da norma culta empregada em um gênero discursivo específico.

Na Categoria 3, *blogs* cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos, constatamos um funcionamento discursivo baseado numa lógica um pouco diferente das expostas anteriormente. Nela o comentário é aparentemente mais ‘autêntico’, cuja dimensão ‘subjativa’ se manifestaria de maneira mais sensível, e cuja técnica não pressupõe deter-se no resumo padrão do enredo da obra. No entanto, paradoxalmente, é nessa categoria que se manifestam mais fortemente aspectos do estilo profissional de escrita de críticas. Se ela se constitui de um estilo mais destoante dos demais analisados, por sua qualidade e relativa espontaneidade ou inovação, isso não significa que os comentários dessa categoria sejam alheios às convenções do dizer

oriundas da academia, da aprendizagem escolar ou da crítica profissional, tal como podemos ilustrar com dois excertos, um do *blog* ‘Nanda Fala’, e outro do *blog* ‘Fragmentos’.

Enunciado 5

Nanda Fala

Talvez algumas pessoas achem difícil se apaixonarem pela história de Bentinho, por que, fundamentalmente, a narrativa é destituída de emoção. Essa é umas das características do Realismo do século XIX, o caráter racional e analítico das situações que tanto encanta em Machado de Assis, e as constantes saídas da história para incrementos filosóficos pontuam o mais celebrado romance do autor.

Enunciado 6

Fragmentos

Mas, enfim. Eu gosto de Machado de Assis. Eu gosto das ironias dele, das reflexões sobre o homem que ele deixa implícito, de toda a análise psicológica, e eu adoro a metalinguagem (Kundera faz isto também).

O pertencimento dos comentários de alguns *blogs* a essa categoria que definimos inicialmente, não significa que eles não variem entre si. Nesses dois exemplos é possível identificar uma certa discrepância de estilo. No Enunciado 5, por exemplo, o cuidado com a modalização, próprio de uma escrita mais ‘acadêmica’ e ‘racional’ na emissão de opinião. O emprego, já no início desse excerto, do advérbio “Talvez”, e do pronome indefinido adjetivo, e quantificador existencial universal, ‘algumas’, produzem uma modalização atenuante, uma vez que enunciam sob a forma da hipótese e que não precisam quantas pessoas não são apreciadoras da história de Bentinho. Além de não precisarem, essa estrutura formal contribui para minimizar o volume daqueles que não apreciam, que, em função do modalizador ‘talvez’ e do verbo ‘achar’, produzem conjuntamente esse efeito de atenuação, diminuição do conjunto daqueles que não apreciam a obra, e justificativa das razões para essa não apreciação. Além disso, no restante do excerto, travamos contato com a explicação para a não apreciação de ‘alguns’ e a afirmação, de maneira bastante eufórica e reiterada, das qualidades do texto do autor, por meio de modalizações mais generalizantes, cuja quantificação reforça a qualificação semântica, como em “[o] que *tanto* encanta em Machado de Assis”, “*constantes* saídas da história para incrementos filosóficos”, “*o mais* celebrado romance”.

Já no Enunciado 6, diferentemente do anterior, a forma de modalizar é mais subjetiva, uma vez que ela se exerce pelo emprego de adjetivos, tal como na anterior, acrescidos, no entanto, da afirmação, por meio de verbos cuja ação é declarar grau de afeição, como “eu gosto”, “eu adoro”, que atuam como marca forte de um

posicionamento pessoal, subjetivo. Embora marcadamente subjetivo e reproduzindo a oralidade, o que é próprio da injunção do gênero e do suporte, observamos a repetição do dizer autorizado de origem científica e acadêmica acerca do que constatar e destacar da obra do autor, das características machadianas e da escola literária em que se inscreve.

Duas representações de leitura que sobressaem a partir dessa forma de comentar referem-se, primeiro, ao fato de que embora se queira e se deva parecer livre para escrever sua opinião sobre o texto graças à viabilização técnica e à ampliação das formas de contato e partilha de nossos gostos pessoais, constata-se a forte presença das coerções oriundas da tradição da crítica literária; segundo, ao fato de que esses comentários atuam como uma ‘vitrine’ na qual se constrói e se apresenta o que nós somos ou o modo como esperamos ser vistos, como leitores. Afirmar gostar de Machado de Assis não basta. É preciso demonstrar por meio do que escolhemos dizer sobre ele (que ele exercita a metalinguagem) e demonstrar outras leituras que realizamos e que garantem prestígio cultural (ao afirmar que esse fenômeno de linguagem também é constatável nos textos de Milan Kundera).

Na Categoria 4, *blogs* cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura de iniciativa dos participantes, não observamos traços específicos, uma vez que nela os comentários tendem a variar de formato, assemelhando-se por vezes aos da Categoria 1 (que fazem um resumo do enredo), aos da Categoria 2 e 3 em que se esforçam mais sensivelmente para parecerem ‘autênticos’, ‘autorais’, quíça ‘livres’ para comentarem e manifestarem a sua opinião, como podemos observar nos excertos abaixo, o primeiro do *blog* ‘Literatura Pop’ e o outro do *blog* ‘Pronto Falei’.

Enunciado 7

Literatura Pop

Bom, a história todo mundo já conhece: Bentinho e Capitu se conhecem desde pequenos e, depois de vencerem o desejo desesperado da mãe superprotetora do rapaz de torná-lo padre, eles casam e tem um filho. O problema é que Bentinho desconfia que esse filho não seja realmente dele e sim de seu melhor amigo, Escobar, do qual o garoto é uma cópia fiel. Machado de Assis não revela se Capitu traiu ou não Bentinho e esse mistério ficará eternamente na cabeça do leitor. Afinal, Capitu traiu ou não?

Enunciado 8

Pronto Falei

E vamos combinar? Bentinho é fraco, não consegue se impor, é impressionável. Para ele é mais fácil ter que ir para o seminário e fazer-se padre do que lutar contra sua mãe. Por outro lado, temos a ardilosa Capitu. Inteligente, manipuladora e terrivelmente bela. Ela não está disposta a abrir mão de seu primeiro amor, e vai pensar em mil ardis para evitar que o pior aconteça.

Essa categoria, diferente das demais se constitui, exclusivamente, por uma motivação de produção, não por um estilo ou função específica tal como nos casos anteriormente apresentados. Desse modo, se não havia regras claras na Categoria 3, ~~nessa categoria~~, os *posts* tendem ainda mais à dispersão enunciativa e ao estilo próprio.

Assim como nos enunciados da Categoria 2 e 3, os enunciados dessa Categoria 4 produzem/simulam sua autenticidade pela aparente espontaneidade com que falam desse objeto cultural consagrado, de maneira dessacralizada, subjetiva, o que se constata pelas formas como descrevem os personagens, de modo direto e valendo-se de um certo exagero manifesto pelos adjetivos e advérbios empregados no Enunciado 7, em “desejo desesperado”, “mãe superprotetora” e “ficará eternamente”, e no Enunciado 8 em “ardilosa Capitu”, “terrivelmente bela”. A espontaneidade também se manifesta nas formas de introdução do tópico, próprias da oralidade, ou mais precisamente de uma conversa cotidiana: “Bom, a história todo mundo já conhece”, ou ainda, “E vamos combinar?”. Essa forma de qualificar bem como esse estilo de interlocução informal, cotidiana, visa a construção de um texto mais simples, em alguma medida irreverente porque dessacralizante que, por isso, cativa os leitores para quem é escrito - a saber, aqueles com quem o escritor dos comentários se identifica ou quer ser identificado, os jovens participantes da gincana.

Tem-se, assim, no modo como são escritos os *posts* com comentários desses *novos leitores machadianos*, indícios sobre as práticas de leitura de que se valem os leitores contemporâneos, representados por esses jovens que comentam assim como pelo público leitor que eles pressupõem ao escreverem como escrevem.

Nesse sentido, a escrita desses leitores é permeada, com mais ou menos força, tanto por uma vontade de tornar o texto descontraído, e, por conseguinte, atrativo, ao seu leitor, como também por uma *memória discursiva* da crítica legitimada. Se a escrita, por um lado, nem sempre condiz com as exigências formais da crítica tradicional, por outro, ela é atravessada por uma criatividade, irreverência desleixo calculado e informalidade bastante particular.

4.2.7 A leitora na rede SKOOB

Tomaremos, neste tópico, dois textos produzidos a partir dos livros de Machado de Assis, quais sejam: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, ambos da

mesma leitora, Li da Lua, publicados na rede social de leitores SKOOB com o objetivo de assinalar sua participação no Desafio Literário, uma gincana literária na qual seus participantes se propõem a ler de 12 a 24 livros de literatura, de variados gêneros, e comentá-los na *Web* em um ano, concorrendo, ao fim do desafio, a alguns prêmios como livros e marcadores de livros, por sorteio.

No perfil de Li da Lua⁴¹ são disponibilizadas algumas informações sobre nossa leitora: ela é bahiana, possui 28 anos, leu até o momento 246 livros e lê agora outros 2, além de manifestar o desejo de ler outros 44. Segundo ela, no momento não relê nenhum livro, tendo já abandonado 4 e escrito 89 resenhas, avaliando (ou ainda classificando com 1, 2, 3, 4 ou 5 estrelas) 240 obras que leu. Além dessas informações, nossa leitora, mostra-nos que tem 54 livros, entre os quais ela se dispõe a trocar 5, deseja outros 27, e tem como meta conseguir ler outros 21. Seu “paginômetro” é 78.864. Disto, a média de páginas de seus livros é aproximadamente 320.

Se tomarmos os resultados da segunda edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro, e compararmos com os fornecidos pela nossa leitora, podemos encontrar algumas diferenças: nossa leitora lê, compra mais e guarda mais livros em sua residência que a média nacional e, por outro lado, assim como o indicado no estudo, para seu gênero e idade, predomina a leitura de romances e da Bíblia.

Nos quadros abaixo temos alguns dados fornecidos pela leitora por meio da rede social. No primeira temos os livros indicados como meta de leitura e desejados, e no segundo seus livros que abandonou e seus favoritos.

Quadro 4 - Metas de Leitura e Livros desejados / Li da Lua

META DE LEITURA		LIVROS DESEJADOS	
Título	Autor	Título	Autor
E não sobrou nenhum	Agatha Christie	O último desejo	Andrzej Sapkowski
A Hora das Bruxas	Anne Rice	A Hora das Bruxas	Anne Rice
A Hora das Bruxas	Anne Rice	A Maldição do Tigre	Colleen Houck
A Maldição do Tigre	Colleen Houck	A Descoberta das Bruxas	Deborah Harkness
A Cabana do Pai Tomás	Harriet Beecher Stowe	A Fúria dos Reis	George R. R. Martin
As Esganadas	Jô Soares	A Tormenta de Espadas	George R. R. Martin
Chocolate	Joanne Harris	A Guerra dos Tronos	George R. R. Martin
Caim	José Saramago	Ovelha negra	Georgette Heyer

⁴¹ Disponível em: < <http://www.skoob.com.br/usuario/258530-li-da-lua> > Consulta feita em 25 fev. 2012

A Casa das sete mulheres	Letícia Wierzchowski	Runas	Harris, Joanne
A mesa voadora	Luis Fernando Verissimo	Essas Coisas Ocultas	Heather Gudenkauf
Helena	Machado de Assis	A mulher de trinta anos	Honoré de Balzac
A Casa da Floresta	Marion Zimmer Bradley	A Sociedade do Anel	J. R. R. Tolkien
Mil dias em Veneza	Marlena de Blasi	As Duas Torres	J. R. R. Tolkien
Entre Dois Palácios	Nagib Mahfuz	O Retorno do Rei	J. R. R. Tolkien
O Jardim do Passado	Nagib Mahfuz	Dezesseis luas	Kami Garcia, Margaret Stohl
O Palácio do Desejo	Nagib Mahfuz	Entre Dois Palácios	Nagib Mahfuz
A Pirâmide Vermelha	Rick Riordan	O Palácio do Desesejo	Nagib Mahfuz
Carrie, a estranha	Stephen King	O jardim do passado	Nagib Mahfuz
O nome da rosa	Umberto Eco	Dragões de Éter	Raphael Draccon
O Corcunda de Notre-Dame	Victor Hugo	Dragões de Éter	Raphael Draccon
Lolita	Vladimir Nabokov	Dragões de Éter	Raphael Draccon
		A Pirâmide Vermelha	Rick Riordan
		Os Homens que não amavam as mulheres	Stieg Larsson
		A Menina que brincava com fogo	Stieg Larsson
		A Rainha do Castelo de Ar	Stieg Larsson
		Viva Chama	Tracy Chevalier
		Assinado, Mata Hari	Yannick Murphy

Quadro 5 - Livros abandonados e favoritos/ Li da Lua

LIVROS ABANDONADOS		LIVROS FAVORITOS	
Título	Autor	Título	Autor
Os Irmãos Karamázov	Fiódor Dostoiévsky	Os Sete	André Vianco
O Evangelho segundo Jesus Cristo	José Saramago	Memórias de uma Gueixa	Arthur Golden
Cheio de charme	Marian Keyes	O Continente; Vol. 2	Erico Verissimo
A sociedade secreta mais perversa da História	Shelley Klein	O Continente vol. 1	Erico Verissimo
		Cem anos de solidão	Gabriel García Márquez
		O amor nos tempos de cólera	Gabriel García Márquez
		1984	George Orwell
		Vidas secas	Graciliano Ramos
		Madame Bovary	Gustave Flaubert

	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	J. K. Rowling
	Orgulho e Preconceito	Jane Austen
	O Xangô de Baker Street	Jô Soares
	Viva o Povo Brasileiro	João Ubaldo Ribeiro
	O Alienista	Machado de Assis
	Dom Casmurro	Machado de Assis
	A menina que roubava livros	Markus Zusak
	O físico	Noah Gordon

Por meio dos quadros, podemos ponderar que a leitora tem um gosto variado, tendo como metas de leitura muitos livros clássicos, em especial da literatura contemporânea, e como livros desejados títulos que abarcam desde literatura brasileira à literatura egípcia, além de muitas séries como “As crônicas de Gelo e Fogo” e “Senhor dos Anéis” dos escritores estadunidenses George R. R. Martin e J. R.R. Tolkien, assim como a série “Dragões de Éter” do brasileiro Raphael Draccon.

Na lista de livros favoritos temos muitas obras de literatura brasileira de autores variados: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro, Jô Soares e André Vianco, seguidas de alguns títulos de Gabriel García Marquez e outros. Quanto aos livros abandonados, eles são poucos e compreendem tanto clássicos da literatura internacional como “Os irmãos Karamázov” e “O evangelho segundo Jesus Cristo”, como outros de autoras bem contemporâneas responsáveis por alguns *best-sellers*.

Podemos observar, assim, certa discrepância proporcional em relação aos tipos de livros declarados como livros favoritos em relação aos livros declarados como aqueles que se objetiva ler e aqueles que se objetiva ter. Enquanto figura um número maior de livros da literatura clássica, nacional e internacional, com títulos consagrados pela crítica literária e acadêmica, na lista de livros favoritos, predominam os títulos de origem internacional, atuais e oriundos de lista dos *best-sellers*.

Entre as razões que poderíamos aventar como explicativas dessa discrepância encontram-se, sem dúvida, por um lado, o impacto da divulgação midiática sobre a circulação dos títulos de *best-sellers* (sob a forma da publicidade editorial, ou da adaptação para filmes e seriados, ou da indicação dos títulos nas listas de mais vendidos, ou da maior e mais efetiva distribuição e disponibilidade dos títulos nas

livrarias, etc.) e, por outro, os discursos que circulam sobre a leitura e sobre os livros, que se caracterizam por sua origem institucional e simbolicamente validada, que são reproduzidos porque anteriormente aprovados e indicados pela crítica literária e acadêmica e divulgados e reiterados em âmbito escolar nos diversos níveis de formação.

Essas listas de livros, além de nos fornecerem informações acerca da dimensão comercial e social da leitura na atualidade, em conjunto com outros dados tais como as resenhas de obras específicas que analisaremos a seguir, podem ampliar e contribuir para uma análise mais consistente, e de uma perspectiva discursiva e cultural, das práticas e representações de leitura que se manifestam na atualidade. Se antes, era um desafio para os historiadores culturais obterem fontes diretas (impressões, depoimentos, diários, comentários de leitores sobre obras lidas) para a escrita da história das práticas de leitura do passado, hoje, multiplicam-se os meios (e o interesse) para a exposição, por vezes em excesso, de quem nós somos e/ou de quem esperamos parecer ser.

No caso da leitura, e de nossa imagem de leitor, os comentários presentes nos mais variados sites de relacionamento, em redes sociais diversas, permitem um acesso privilegiado a essas representações que frequentam o imaginário coletivo sobre o que é legítimo declarar sobre o que lemos. Por se tratar de uma obra clássica da literatura brasileira e de um escritor-símbolo e consagrado da produção literária nacional, observamos, pelo simples fato dele figurar entre os livros resenhados, a confirmação desse seu status entre diferentes públicos.

Na figura 5, encontra-se uma resenha postada por um dos participantes do Desafio Literário 2011, na qual figuram a capa do livro e algumas informações sobre a obra, apresentadas pela leitora que a classifica como “quatro estrelas” e, por meio de outras sinalizações, indica que o livro em questão foi lido, mas não é um de seus favoritos, nem tampouco um daqueles que ela deseja ter, ou que trocaria, emprestaria ou possui.

Figura 5 - Resenha: Memórias Póstumas de Brás Cubas / Lia da Lua



Memórias Póstumas de Brás Cubas
Machado de Assis - 213 páginas - FTD

Resenha

DESAFIO LITERÁRIO 2011 - AGOSTO - CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA *LIVRO 2*

18/08/2011

Sinopse: O romance é narrado por um defunto, que reconta a própria vida, do fim para o começo, num relato marcado pela franqueza e ironia. Leitura obrigatória!

Sempre tive curiosidade em ler este livro, mas não sei por que, nunca lembrava dele na hora de comprar algum! Bom, lerei o que Brás Cubas tem a relatar! Rs

O livro é bom, mas acho que não estou no astral para ler Machado esses dias... Demorei horrores para me concentrar... e terminar.

Acho que é o título mais seco de Machado, exatamente porque, por estar morto, Brás Cubas não quer mais é saber de nada! É muito interessante ler um livro no qual o personagem não tem amarras sociais, fala o que quer, de quem quer, pena que essa sinceridade não é lá muito possível... Viver em sociedade é chatíssimo, eu não entendo regras de convivência, acho que boa parte delas só servem para que as pessoas simplesmente não se gostem, nem se entendam! Sempre digo que vou fazer que nem (São) Francisco de Assis e me enfiar numa cabana no meio da floresta e dar bom dia à irmã raposa! Este trecho é bem a cara do livro: Brás não foi um exemplo de ser humano, mas viveu do jeito que bem quis... Boa dele!

"Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me leem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame de cínico. (...) Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem; meu cérebro foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonarias, um pandemônio, alma sensível, uma barafunda de coisas e pessoas, em que podias ver tudo (...).

Machado, sempre certo ao analisar a alma humana, seja lá a época que for...

 gostei (0)  não gostei (0)  comentários(0)  comente

[Resenha](#)
[Histórico de Leitura](#)

Lido

Fonte: Skoob – Lia da Lua. Disponível em: <

<http://www.skoob.com.br/estante/resenha/8534540>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

Ainda na figura, vemos o status do livro, lido, e alguns links, “Resenha”, a qual vemos no lado esquerdo, “Histórico de Leitura” e “Livros similares”, esses dois últimos não preenchidos. E no lado esquerdo, temos os dados bibliográficos do livro, título, autor, páginas e editora, editora, aliás, reconhecida por publicar textos didáticos e literatura infantojuvenis, e logo abaixo a resenha propriamente dita, detenhamo-nos nela.

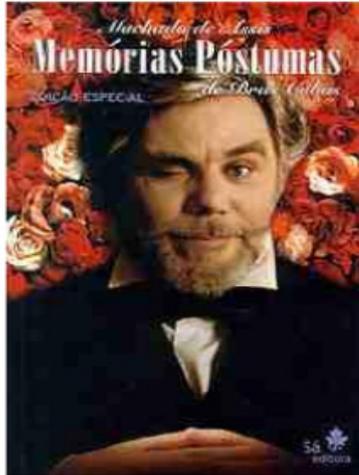
No primeiro parágrafo, temos o termo “Sinopse” que significa tanto síntese ou resumo, como resenha. E como resumo ou síntese seu texto começa, em tom formal. Por meio de uma pesquisa em motores de busca, é possível notar que este primeiro fragmento é utilizado em vários outros sites para apresentar o livro.

O plágio, gesto de copiar trechos de outros lugares e não mencionar a fonte, é prática bastante comum na *Web*, exemplo disso, a mesma estratégia e citação empregada pela nossa leitora é também utilizada por outras leitoras, tal como ilustramos com a Figura 6. Talvez essa estratégia de composição textual tenha a função de situar minimamente o leitor da resenha, ou ainda de “epigrafar” o texto, com aquilo que seria um comentário, que devido à frequência com a qual aparece em variados sites, em especial de livrarias e sebos virtuais, faz com que o leitor acredite que se trate de um comentário bastante legitimado e, por isso, mereça ser citado. O que é curioso, no caso de nossa leitora, é fato dela ter copiado o fragmento inteiro, inclusive com a recomendação “Leitura obrigatória!”.

Figura 6 - Resenha: Memórias Póstumas de Brás Cubas / Pamela Chris

QUARTA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 2011

Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis



Editora: Martin Claret
Autor: MACHADO DE ASSIS
Número de páginas: 182
Formato: Bolso

"O romance é narrado por um defunto, que reconta a própria vida, do fim para o começo, num relato marcado pela franqueza e ironia."

Não vou dizer que adorei o livro, porque seria uma mentira. Talvez o livro não seja bom (duvido!) ou eu não estou madura suficiente para algo assim (o mais provável). A verdade é que a linguagem é cansativa, e os enredos simplesmente acontecem. Pow!, de repente algo estava acontecendo, sem nenhuma introdução ou aviso prévio. Por outro lado é interessante para análise comportamental, porque, como os professores falam, o autor descobre o mais profundo do ser humano, revelando-o a nós. Interessante ouvir as reflexões de um morto, que, não tendo nada a perder, pode falar qualquer coisa, até dele próprio. Não precisa se preocupar com o que irão pensar, mesmo. Para quem adora palavras rebuscadas, e é bastante culto (daqueles que conhecem bem qualquer poeta, historiador e mitologia, e que grava trechos de poesias ou de peças teatrais) o livro será bem agradável e até deleitável. Porém, para mim, em minha tenra idade de 18 anos e conhecimento que não chega aos pés de Machado de Assis, foi até um pouco (me perdoem, amantes de Machado) entediante. Compreensível como ele se tornou um dos maiores escritores do Brasil, com seu vasto conhecimento aplicado em seus livros, e a maneira como ele desnudava o personagem. Quando eu for mais velha, tiver percorrido primaveras e conhecimentos, o lerei novamente, para pura apreciação. Felizes são os jovens que conseguem compreender Machado, porque eu, ainda, não cheguei a essa fase. Uma pena eu não poder ter feito uma resenha mais agradável.

Fonte: Blog da Pamela Chris. Disponível em: <
<http://pamelachris.blogspot.com/2011/11/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado.html>>.
Acesso em: 30 abr. 2012.

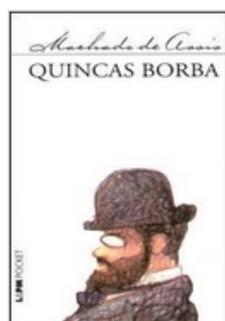
No segundo parágrafo a leitora começa a relatar sua relação com o livro em tom coloquial. É perceptível também indícios da oralidade pelo uso da onomatopeia em: “Bom, lerei o que Brás Cubas tem a relatar! Rs”. Devido à cópia do primeiro parágrafo, o encadeamento deste aparece estranho quanto à coesão interna.

No terceiro parágrafo vemos em “[...] acho que não estou no astral para ler Machado esses dias”, uma gíria e uma metonímia que no limite sugerem, respectivamente, que a leitora conhece o público que a lê; e que tem intimidade com o autor da obra, que não é tratado por Machado de Assis, mas simplesmente de Machado.

Como se vê a leitora não tem preocupação em apresentar o narrador, personagens, enredo, clímax, anticlímax, ambiente, tempo e forma da narrativa, mas sim em opinar criticamente sobre a maneira como Brás Cubas vivia sua vida, com a qual a leitora é solidária “Boa dele!”, elaborando ainda que de maneira bem simples uma crítica social. Neste movimento de identificação com o personagem a leitora apaga da obra resenhada todas as desventuras e as “negativas” da vida de Brás Cubas, optando por dizer apenas que “Brás não foi um exemplo de ser humano”, o que é um tanto ambíguo em relação ao que vinha defendendo até então. A resenha prossegue com a citação de um fragmento do livro que procura justificar o modo de vida de Brás Cubas.

Ao final, na conclusão, a leitora reafirma ter lido, ou ainda, se apropriado, do romance, não de uma mera ficção, mas um retrato da sociedade da época, que valeria bem para nossa época como para qualquer outra.

Figura 7 - Resenha: Quincas Borba / Lia da Lua



Lido

[Resenha](#)

[Histórico de Leitura](#)

Quincas Borba

Machado de Assis - 280 páginas - L&PM

Resenha

DESAFIO LITERÁRIO 2011 - AGOSTO - CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA *LIVRO 3*

25/08/2011

Sinopse: Narrado na terceira pessoa, é a história do ingênuo professor Rubião, mineiro de Barbacena, que recebe como herança todos os bens do filósofo Quincas Borba, mais a incumbência de tomar conta de seu cão - também denominado Quincas Borba -, e divulgar a filosofia conhecida como Humanitismo. Seguindo Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), este livro é considerado pela crítica moderna o segundo da trilogia realista de Machado de Assis, em que o autor esteve preocupado em utilizar o pessimismo e a ironia para criticar os costumes e a filosofia de seu tempo, embora não subtraia resíduos românticos da trama.

Como Quincas Borba aparece primeiro em Memórias Póstumas, e achei o personagem chatíssimo, diga-se de passagem, quase me arrependi de ter colocado o livro como um dos 3 oficiais. Nem precisava ter lido, é verdade, mas...

... Foi bom não ter desistido, porque a história do livro não é exatamente sobre Quincas Borba, mas sim sobre Rubião, amigo deste de Barbacena – MG, e sobre um certo cão muito apreciado pelo personagem título. Achei este livro bem melhor que o de Brás Cubas, talvez por ser narrado em terceira pessoa, e também pelo fato da história ter caído mais no meu gosto.

Uma coisa peculiar em Machado é o gosto pelos loucos, pelos adultérios, sejam pensados ou realmente praticados, e a construção de alguns personagens, hum, antipáticos! Praticamente em todos os livros que li dele, tem um ou mais desses elementos... Não é engraçado?! Acredito que o segundo caso é uma forma de tirar o tom romântico da idealização feminina, o primeiro não faço ideia, mas o segundo é a característica mais marcante de Machado para mim: O pessimismo com relação às pessoas!

O livro é ótimo, e tem personagens muito interessantes, mas o cãozinho é o melhor deles! Ah, o cãozinho... Um tema bem palêmico para mim, fiquei indignada várias vezes com a sorte dele, morrendo de vontade de tomar o pobrezinho de Rubião!

Fechando a resenha, uma das várias considerações filosóficas do autor sobre a vida. No trecho, o narrador fala sobre D. Tonica, "solteirona" já perto dos 40, querendo um marido, seja lá como ele for, e Sofia, casada, e mesmo assim, muito cortejada!

* Enquanto uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono, tudo rindo cansativo; mas uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida.

Recomendo muito a leitura!!

<http://desafioliterariobyrg.blogspot.com/>

gostei (0) não gostei (0) comentários(0) comente

Fonte: Skoob – Lia da Lua. Disponível em: <

<http://www.skoob.com.br/estante/resenha/11176212> >. Acesso em: 30 abr. 2012

As informações fornecidas pela leitora sobre este livro são similares ao livro anterior: trata-se de um livro lido, “quatro estrelas” e não indicado como um dos favoritos. A edição utilizada para a resenha trata-se de uma edição de bolso. Nesta resenha, a leitora inicia empregando o termo “Sinopse”, para designar seu próprio texto. Assim como no primeiro texto esse fragmento é facilmente encontrado em outros sites. Com a diferença, nesse caso, que a “introdução” ou “epígrafe” foi construída com o primeiro parágrafo extraído de livrarias e sebos virtuais e o outro da Wikipédia.

No terceiro parágrafo, tal como na resenha anterior, a leitora escreve sobre sua relação com o livro e, novamente em tom coloquial, dá a conhecer suas primeiras opiniões. Ainda aqui a leitora simula um diálogo com seu suposto leitor: “Nem precisava ter lido, é **verdade**, mas...” (Grifo nosso). No parágrafo seguinte, a leitora voltará a chamar seu leitor à interlocução “Não é engraçado?!”

Dando continuidade ao texto a leitora repete as informações dos primeiros parágrafos, sem muitos detalhes, omitindo inclusive informações bastante básicas e fazendo algumas retomadas que poderiam ser evitadas e que, no limite, transgridem a própria obra “[...] a história do livro não é exatamente sobre Quincas Borba, mas sim sobre Rubião, [...], e **sobre um certo cão muito apreciado pelo personagem título**” (Grifo nosso), isso por que temos no capítulo “CCI – Quincas Borba”

“[...] Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão prenhe de questões, que nos levariam longe. [...] (Quincas Borba, Machado de Assis ano?)

No quarto parágrafo, assim como no texto anterior a leitora deixa marcada sua opinião, em especial com os verbos “achar” e “acreditar”, opinião nem sempre fundamentada, como por exemplo, quando descreve sobre os elementos da obra machadiana “Acredito que o segundo caso é uma forma de [...], o primeiro não faço idéia, mas o segundo é a característica mais marcante para mim”. Essa confusão em relação às características do autor pode indicar tanto um desconhecimento das características mais ou menos reconhecidas como próprias da obra machadiana, assim como da escola literária na qual ele se inscreve, além do próprio contexto da época do lançamento da obra.

Novamente a leitora conclui a resenha com uma citação do livro, na qual, agora, reconhece Machado de Assis como um filósofo.

A partir das análises podemos reconhecer que a nova leitora de Machado de Assis é uma leitora aberta as diferentes literaturas: lê, classifica e comenta suas leituras, que vão desde Flaubert a Rowling, que lê também Saramago e se ora abandona o “O Evangelho segundo Jesus Cristo” ora projeta ler “Caim”, e que deseja ainda se aventurar pelas longas jornadas de George R. R. Martin e J. R. R. Tolkien e tantas outras. No entanto, é uma leitora confinada, limitada, à medida que lê os textos como pode, a partir de suas experiências de vida e gosto.

Nossa nova leitora apropria-se dos textos de maneira peculiar, não atenta a muitos detalhes, mas ao que é mais marcante para si. Toma o livro e lê, não se preocupa em estudar a história do autor ou da literatura, mas se põe a refletir, ainda que brevemente sobre o que leu e procura estabelecer relações entre uma obra e outra. Por vezes comete deslizos, equivoca-se entre um dado e outro, mas quer tirar de tudo uma aprendizagem. É assim, uma leitora que se expõe, acredita que será lida e pressupõe em sua fala a presença do outro, ao presumir quem seja seu leitor e sempre em tom coloquial escreve o que pensa. Por outro lado, ao que parece, inclusive pelo exemplo da Figura 6, por menos que a leitora tenha gostado do livro, do título, dos personagens, ou da forma como a história se desenvolve, não há uma crítica severa à obra, como se não coubesse a si enquanto leitora e “crítica amadora” criticar uma obra reconhecida como um cânone da literatura brasileira. Atenhamo-nos mais sobre isso no tópico seguinte.

4.2.8 As coerções do discurso e a crítica amadora

Neste tópico partiremos da compreensão dos “procedimentos de coerção do discurso”, tal como preconizados por Michel Foucault (1996), para delimitar algumas “representações” do leitor contemporâneo, segundo designadas por Roger Chartier (2008), procurando observar, na mobilização de estratégias de escrita, indícios sobre como estes sujeitos se apresentam e sobre as coerções que incidem sobre sua leitura/intepretação. Elencamos, para tanto, seis enunciados, nos quais, cada um a seu modo, exemplificam as diferentes coerções que atuam na recepção e produção dos discursos sobre as obras, sobre as práticas dos novos leitores de Machado de Assis, quando estes se colocam na posição de críticos amadores. Ao final, a partir da análise de tais coerções, vamos lançar olhares sobre as representações desse leitor. Passemos para os primeiros enunciados:

Enunciado 1

Literatura Pop

Ok, críticos literários do mundo todo vão me esculhambar, fãs de Machado de Assis me chamarão de herege, serei apontada na rua como doida, ignorada eternamente pelos mais conservadores e é provável que esteja cometendo suicídio social (ao menos na *Internet*) mas tenho que falar: Não suportei Dom Casmurro.

Sei lá. Eu devo ser meio burra ou lerda ou ter um mau gosto incrível, mas simplesmente não consegui ver graça no livro [...]

Mas é bem aquela coisa, pode ser que eu não tenha entendido o bendito do sentido por trás de tudo e esteja sendo bem estúpida. Vai saber.

Enfim, é isso aí. Pra quem gosta de clássicos Dom Casmurro é perfeito: lento, chato e enfadonho (to até me repetindo: chato, enfadonho....). A história é bonitinha no início, mas cansa e parece que não acaba nunca.

Por favor, tentem não acabar tanto comigo nos comentários, ok? [...]

Enunciado 2

Mundo Paralelo dos Livros

Não vou dizer que adorei o livro, porque seria uma mentira. Talvez o livro não seja bom (duvido!) ou eu não estou madura suficiente para algo assim (o mais provável). [...] Para quem adora palavras rebuscadas, e é bastante culto (daqueles que conhecem bem qualquer poeta, historiador e mitologia, e que grava trechos de poesias ou de peças teatrais) o livro será bem agradável e até deleitável. Porém, para mim, em minha tenra idade de 18 anos e conhecimento que não chega aos pés de Machado de Assis, foi até um pouco (me perdoem, amantes de Machado) entediante. [...] Quando eu for mais velha, tiver percorrido primaveras e conhecimentos, o lerei novamente, para pura apreciação. Felizes são os jovens que conseguem compreender Machado, porque eu, ainda, não cheguei a essa fase. [...] ⁴²

Nesses fragmentos que comentam, respectivamente, a obra “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, vemos que críticos amadores expõem uma mesma opinião: a leitura de Machado de Assis não foi uma experiência agradável, prazerosa. No primeiro enunciado a leitora dá a ver claramente que tem conhecimento sobre a crítica oficial do legado machadiano e que o gosto erudito e dos conservadores sustentam o não gostar das obras machadianas como um pecado, loucura, motivo para reclusão social, etc.; no segundo enunciado, embora não seja tão explícito se a leitora tem conhecimento sobre o que dizem os críticos literários sobre a obra machadiana, mas como vemos, é sustentado que o livro é mesmo bom, para as pessoas cultas.

Manifesta-se, nesses enunciados, a possibilidade de exclusão que indica as consequências do não gostar de ler Machado de Assis e a interdição que inibe a crítica amadora a recusar suas obras de Machado de Assis como boa literatura, defendendo-se com um argumento: “[...] pode ser que eu não tenha entendido o bendito do sentido por trás de tudo e esteja sendo bem estúpida.” e no outro caso “Talvez o livro não seja bom (duvido!) ou eu não estou madura suficiente para algo assim (o mais provável)”. Desse

⁴² Disponível em: < <http://pamelachris.blogspot.com.br/2011/11/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

modo, o novo leitor, na posição de crítico amador, poderia hipoteticamente, e graças às novas tecnologias, dizer tudo o que pensa sobre a obra de Machado de Assis, opinar sobre ela, tornar pública essa sua opinião. No entanto, ele se pronuncia de forma bastante policiada, uma vez que se cerca de cuidados e ressalvas para não criticar diretamente o escritor e sua obra, para não ferir as opiniões críticas validadas culturalmente, assumindo que “o problema deste texto é seu leitor”. Essa validação cultural se manifesta em outros depoimentos de leitores:

Enunciado 3

Fragmentos

Terminei *Dom Casmurro*!!!

Agora sim eu sou um ser humano de verdade, e não apenas mais um desperdício de oxigênio!!!

Eeeee!!!

Minhas reflexões acerca do livro:

Gostei.

Mas, enfim. Eu gosto de Machado de Assis. Eu gosto das ironias dele, das reflexões sobre o homem que ele deixa implícito, de toda a análise psicológica, e eu adoro a metalinguagem (Kundera faz isto também).

[...]

(Ok, ok. Opinião de leiga, mas é a minha opinião.) [...]

Enunciado 4

Bibliophile

Eu sempre espero muito de Machado de Assis e foi com expectativas inflacionadas que me lancei a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro que é considerado a obra inaugural do realismo na Literatura Brasileira, mas não adianta, por mais altas que sejam as expectativas Machado de Assis nunca me decepciona, nunca. [...] ⁴³

No primeiro enunciado vemos que ler Machado de Assis, ou ainda gostar de sua obra “*Dom Casmurro*”, é motivo de orgulho, de conquista pessoal; no segundo enunciado, temos a que a leitora se lançou à leitura de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” com “expectativas inflacionadas”, isto é, com grande e boa expectativa, provavelmente porque ouviu ou leu muito sobre a obra, tal como confirma, apresentando dados externos e contextuais da obra. Em ambos os enunciados é comum a sugestão que o leitor que lê e gosta de Machado de Assis, o lê por alguma motivação externa que diz: Machado de Assis é bom!

Nesses comentários sobre a obra machadiana, o novo leitor se vê obrigado, de algum modo, a recorrer a um discurso próprio dos acadêmicos e estudiosos de literatura, não bastando apenas dizer “gostei”, uma vez que é preciso, para que o crítico amador exerça sua vontade de verdade, assumir, ainda que de maneira bem abreviada, alguns

⁴³ Disponível em: < <http://www.bibliophile.com.br/?p=1765> > Acesso em 30 mar. 2011.

elementos próprios da crítica profissional como: a análise psicológica, a forma da linguagem, a menção ao contexto literário, a comparação com outros textos etc. As retomadas desses elementos não apenas cumprem a função de validar seu texto como crítico amador, como também sustentam uma imagem positiva do crítico: bom leitor e conhecedor da cultura literária.

Temos abaixo uma série de enunciados que assim como os anteriores retomam traços da crítica literária legitimada, apesar de estarem classificados por nós como pertencentes, respectivamente às categorias 3 e 4:

Enunciado 5

Pronto, Falei!

Hey peeps!

Mais uma vez o Desafio Literário 2011 me põe diante de um grande desafio, literalmente: como falar de Machado de Assis sem ser repetitiva? Como resenhar Dom Casmurro, um livro que já foi lido, relido, descrito em verso e prosa, virou filme, minissérie e peça de teatro e ainda sim conseguir inovar. Impossível!

Acho que não tem uma criatura que goste de ler e que não conheça a história de Bentinho e Capitu. [...]Se você ainda não leu Dom Casmurro (*#choquei*), acredite, não sabe o que está perdendo. É um clássico maravilhoso de se ler, a escrita do Machado é uma delícia.[...] ⁴⁴

Enunciado 6

Nanda Fala

Estou adiando essa resenha... Falar de Machado de Assis é uma puta resposta..

Afee(respirando fundo).

Por onde eu começo?

Talvez algumas pessoas achem difícil se apaixonarem pela história de Bentinho, por que, fundamentalmente, a narrativa é destituída de emoção. Essa é umas das características do Realismo do século XIX, o caráter racional e analítico das situações que tanto encanta em Machado de Assis, e as constantes saídas da história para incrementos filosóficos pontuam o mais celebrado romance do autor. [...]

Mais uma vez, muito bom dividir com vocês um dos meus dez livros preferidos! ⁴⁵

Nesses enunciados temos novamente agindo nos comentários dos leitores amadores, coerções de diversas ordens que inibem o leitor sobre “o que dizer” acerca do que leu e de como o fez, tais como destacar a importância do escritor e da obra no cenário nacional e internacional; referir-se a outros comentadores e a seus comentários produzidos em diferentes gêneros discursivos; anunciar os riscos e a responsabilidade de comentar tais obras.

A partir do que apresentamos podemos concluir que esses novos leitores, quando se colocam na posição de críticos amadores em *blogs*, detém por um lado uma liberdade

⁴⁴ Disponível em: < <http://ninattavares.blogspot.com.br/2011/08/dom-casmurro-machado-de-assis.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

⁴⁵ Disponível em: < <http://nandafala.blogspot.com.br/2010/05/dom-casmurro.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

de expressão linguística, que lhes permite usar uma linguagem mais informal, próxima da oralidade, em função da forma de circulação de seus textos que, sem cerimônias ou sem o crivo institucional, manifestam seus comentários na *Web*. Entretanto, essa liberdade é relativa uma vez que eles são submetidos a diversos procedimentos discursivos de coerção, que os inibem a criticar Machado de Assis e sua obra, assim como os obrigam a seguir um ritual de retomar a crítica profissional em seu texto para validar seus posicionamentos. Desse modo, o novo leitor de Machado de Assis compreende que o legado do escritor carioca é de grande importância e sua leitura carrega algo que pode legitimá-lo enquanto leitor, ao mesmo tempo que o obriga a retomar um modelo de enunciação próprio dos moldes profissionais da crítica oficial, o que por extensão tem como consequência constituir uma imagem social/virtual positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo levantar e descrever certas práticas e representações compartilhadas pelos *novos leitores* machadianos a partir da análise do funcionamento discursivo do que eles enunciam quando assumem, de diferentes modos e com diferentes motivações, a posição de críticos amadores cujos comentários são postados em *blogs* dedicados exclusivamente ou não ao comentário de obras literárias.

Em nossa análise recorreremos ao aporte teórico e metodológico de duas teorias que, em comum, abordam a leitura, como gesto de interpretação, de apropriação de textos e como prática “encarnada em gestos”, que tem uma história passível de ser recontada pela análise da forma material dos objetos culturais que portam textos. Ambas perspectivas teóricas apresentam, assim, seu interesse pela descrição das formas de materialização e de circulação dos discursos, e discutem a eventual participação dessa dimensão concreta, formal, material, sobre a produção dos sentidos dos textos, sobre a prática de leitura, sobre as formas de apropriação do texto pelo leitor. Além disso, elas correspondem, em alguma medida, a teorias que descrevem a relativa liberdade e singularidade dos gestos de leitura por meio do levantamento e análise das formas de coerção discursiva (histórica, social, cultural, técnica) a que toda e qualquer produção simbólica está suscetível, e que em função dessas imposições que controlam a produção simbólica constroem as práticas de dizer, de fazer e de conceber a realidade. Referimo-nos à Análise do discurso de orientação francesa, tal como pensada por Michel Pêcheux e Michel Foucault, e à História Cultural do Livro e da Leitura, tal como abordada por Roger Chartier. Essas perspectivas subsidiaram nosso trabalho de identificação de certos indícios simbólicos, dispostos nos textos e de diferentes origens (lexicais, sintáticas, multimodais etc), a partir dos quais e com sua análise pudéssemos refletir sobre certas práticas de leitura na contemporaneidade. Esses indícios foram buscados em textos produzidos pelos próprios leitores, nos quais descrevem suas leituras, suas interpretações de obras as mais diversas, e cuja circulação se dá sob uma nova materialidade, a dos *posts* de *blogs* pela internet, produzidos por meio de um objeto bem próprio de nossa época, tal como é o computador. Mais especificamente, e em consonância com nosso objetivo, fizemos uma seleção de *posts* buscando aqueles que se referiam a obras canônicas da literatura brasileira, e mais especificamente aquelas

relativas à obra de Machado de Assis. Nosso interesse era o de identificar eventuais mutações porque passou o gesto de leitura de obras clássicas, por meio da escrita dos leitores, de seus comentários sobre o texto lido.

Felizmente, e graças à expansão desses meios virtuais de produção e disponibilização de textos, os pesquisadores que se ocupam da leitura, tal como nós neste trabalho, encontram hoje um amplo conjunto de textos, de fontes diretas com declarações de leitores sobre o que leem, como interpretam, o que avaliam e que discursos sustentam suas afirmações sobre a leitura e sobre os textos lidos.

Selecionados os *posts* em que os leitores comuns, muitos deles jovens, e na condição de não-especialistas, ou seja, na condição de leigos, cujo interesse pela leitura não corresponde a uma escolha ou decisão de motivação profissional, comentavam os livros lidos, referentes à obra de Machado de Assis, partimos para a averiguação de sua origem efetivamente não profissional, assim como para a análise das formas coerção que atuam sobre a leitura desses jovens e as formas segundo as quais comentam os textos lidos.

Em nossas análises preliminares constatamos que havia duas ordens discursivas, ou seja, dois conjuntos de coerção que mais se evidenciavam na delimitação do quê e do como dizer desses leitores, ao comentarem as obras lidas. De um lado, a força do gênero “crítica literária/resenha” impunha suas formas, sua construção composicional, seu conteúdo temático e seu estilo verbal, em consonância com o peso da tradição, no contexto literário, das leituras ‘autorizadas’ da obra de Machado de Assis. De outro, constatamos a imposição sobre os modos de dizer oriunda do espaço de enunciação virtual, que define novos gêneros, formatos, extensões, recursos linguísticos e de outras linguagens na composição dos textos originariamente produzidos nesse ambiente.

Assim, constatamos haver duas forças de coerção que, embora contraditórias, atuam solidariamente nos modos de enunciar a leitura dos textos em questão: uma força da tradição (do gênero e da crítica literária) que impõe o que dizer sobre Machado de Assis e como formular esse dizer; uma força da inovação, que faz com que esse dizer corresponda aos modelos de enunciar da rede (textos breves, informais, que simulam a oralidade, embora sejam escritos, por meio da reprodução de recursos comuns ao diálogo face-a-face).

Com base nessa constatação inicial, decidimos então tratar, ainda que brevemente, dessas fontes de coerção, por meio da discussão de aspectos que

caracterizam esses elementos (gêneros literários/blogs; crítica literária tradicional; usos da linguagem escrita/oral na rede etc.)

Abordamos de início, os meios e as práticas que viabilizam a produção e circulação da crítica literária amadora na Web bem como a função e a posição assumida por esses novos leitores e críticos amadores nesse espaço. Para tanto, em nossa discussão sobre o blog enquanto um gênero do discurso, valemo-nos das considerações de Mikhail Bakhtin sobre os traços que caracterizam um gênero. Em seguida, empreendemos um levantamento do percurso da crítica literária, segundo Terry Eagleton, de modo a discutir como a atitude crítica e a autoria variam historicamente e culturalmente, e como se dá seu exercício, tanto o institucionalizado, quanto o informal em tempos de produção e circulação eletrônicas. Nessa discussão, trouxemos as considerações de Michel Foucault e de Roger Chartier, sobre o exercício da função autor em tempos de virtualização dos textos e de emergência de práticas de escrita de sujeitos que, por razões também históricas e culturais, dispõem ou não desse estatuto regrado da autoria que garante ao que enunciam uma força e verdade distinta dos dizeres comuns, banais e que não perduram.

Apoiando-nos, na nossa análise, em conceitos centrais do campo da Análise de discurso, tais como o de ‘enunciado’, ‘formação discursiva’ e ‘materialidade discursiva’ tal como formulados por Michel Foucault, assim como nos conceitos de ‘apropriação’, ‘prática’ e ‘representação’, tal como elaborados por Roger Chartier, do campo da História Cultural, buscamos compreender quais e de forma eram exercidas as coerções sobre o dizer desse *novo leitor* contemporâneo machadiano, cuja escrita e leitura, embora aparentemente bastante pessoais e inovadoras, não são essencialmente espontâneas, mas tal como toda e qualquer produção simbólica, são constantemente repreendidas, controladas por outros dizeres que as antecedem e que regulam suas condições de enunciabilidade, segundo instituições tais como a Crítica legitimada, cuja validação e circulação se dão por meio de outras instituições, pela Instituição escolar, pelo Discurso Acadêmico, mesmo quando enuncia de um espaço não legitimado segundo os padrões dessas instituições e aberto à divulgação de opinião, de forma mais direta e autônoma, tal como são os *blogs*. Como demonstramos também, esse dizer dos leitores que comentam as obras lidas é clivado, atravessado pelas injunções dessa relativa liberdade que normalmente é atribuída à escrita em Blogs. Assim como ocorre com outros meios e gêneros, os textos produzidos na rede sob a forma de blogs são também afetados pelo estilo de dizer mais similar à conversação informal e jovial e por

isso os textos encontram-se eivados de traços da oralidade, de gírias, de estrangeirismos atuais, de termos e recursos técnico/simbólicos das redes etc. Além de discutirmos, por meio de sua escrita essas fontes de coerção institucionais que regulam esse dizer, buscamos ainda compreender, por meio da análise de seus enunciados materializados nos posts, os discursos sobre a leitura que circulam nesses posts e que ‘desenham’ o perfil dessa comunidade leitora e comentadora dos textos que lê. Vimos a remanência, nos comentários, de algumas práticas de leitura, cujas representações dos modos legítimos de ler e de comentar o que leu fornecem um modelo ideal de ação e de sujeito que emergem nos julgamentos de leitores acerca de alguns leitores que, em sua relativa espontaneidade, criticaram o incriticável segundo as normas e instituições de legitimação que há muito deram seu parecer sobre os textos de Machado de Assis. Não apenas a condenação de seus comentários são o testemunho da força dessas instituições e discursos legitimantes como também o próprio reconhecimento, por parte dos leitores criticados, de seu provável equívoco e menor competência em sua empreitada.

Ao explorarmos a compreensão dos *blogs* como um gênero do discurso, apoiando-nos na definição apresentada por Mikhail Bakhtin, constatamos que essa nova plataforma de comunicação, viabilizada pelo desenvolvimento da nova Web e do computador enquanto suporte, articula características tanto dos gêneros primários como secundários, segundo seu uso. Essa mescla de gêneros e de suas diferentes esferas de atuação e comunicação humana, que necessariamente é a responsável pela mescla entre oralidade e escrita, define algumas características particulares e singulares aos modos de produção e circulação eletrônica, assim como suas semelhanças em relação aos gêneros já estabilizados socialmente pela Cultura Impressa(diário pessoal, carta etc.).

Desse modo, acreditamos que a ambiguidade na delimitação desse gênero emergente não é necessariamente um problema, mas antes fundamenta a definição de sua prototipicidade, de seu hibridismo.

Na esteira dessa revolução na forma de produção e circulação textual permitidas pela Internet, procuramos explorar as mutações no exercício da crítica, do gesto de opinar e comentar. Assim, partindo de um entendimento geral sobre o tema, abordamos a discussão em duas frentes: na primeira, com Terry Eagleton, fixando-nos nas transformações do modo de se exercer a crítica efetivamente literária no decorrer do século XVIII até hoje; na segunda, explorando a problemática da autoria, ou melhor, da *função autor*, procurando perceber se essa se exerce do mesmo modo pelos Críticos literários do passado e do presente e pelos *novos leitores* que atuam nos blogs como

críticos amadores de literatura. Para essa discussão recorreremos ao pensamento de Michel Foucault e às considerações de Roger Chartier, de modo a identificarmos que o estatuto autoral desses dois grupos de críticos é bastante diferente, em função, desse exercício da autoria estar ligado à ordem das Instituições que há muito não apenas inventaram e legitimaram as regras para o universo impresso do exercício da autoria, como também constituíram um repertório de práticas e de representações que excluem, estigmatizam ou ignoram o exercício da crítica exterior ao funcionamento institucional. Isso se dá em relação à crítica amadora que é produzida via web, e particularmente em relação aos blogs de leitores leigos. Embora não se tratem de críticos literários, tal como a tradição entende, seu gesto de comentar obras lidas, na condição de leitores, e de leitores jovens que publicam por meio de blogs, é sempre ‘assombrada’ pelas representações do que pode ou não ser considerado ‘autoral’, válido, verdadeiro. Isso se confirma pelas críticas que as críticas ou resenhas desses leitores sofrem de seus pares ou de outros leitores pertencentes a outras comunidades de leitura. .

Considerando essas aproximações e desdobramentos teóricos empreendidos, demos início ao trabalho analítico tomando um *corpus* constituído por vinte *posts* divididos por cinco categorias procurando neles indícios em sua escrita das representações que nos permitiram caracterizá-los como *novos leitores* machadianos, de modo a distinguirmos, naquilo que enunciam, as coerções que controlam e orientam o que e como comentam o legado machadiano. Nossa análise buscou assim identificar como a prática da crítica amadora é afetada principalmente pelas duas ordens injuntivas a que nos referimos: a influência dos modos de dizer próprios dos textos produzidos para circular via *internet* e a influência do que dizer a respeito de uma obra e de um autor pertencentes ao cânone literário, tão frequentemente estudado e comentado.

Desse modo, aproximamo-nos de nosso objeto verificando, metricamente, os usos de parágrafos, períodos e quantidades de palavras empregados nos comentários desses leitores. Nesse aspecto, pudemos verificar que, se por um lado há uma certa economia de escrita que tende à contenção, à síntese, à generalização, por outro há um esforço na construção desses textos que se manifesta no predomínio de períodos compostos, oriundos ou não do fato da concisão que por vezes limita o comentário a um parágrafo breve. Sobre isso, observamos que nos *blogs* cujos comentários restringem-se à divulgação de enredos e resumos, e naqueles cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos, é percebida uma maior imposição da ordem do gênero “*blog*”, enquanto nos *blogs* cujos comentários reproduzem mais manifestamente o estilo

da Crítica profissional, e naqueles cujos comentários são motivados por desafios literários ou gincanas de leitura, há uma maior imposição do modelo de dizer oriundo da “Crítica literária”.

Em seguida detivemo-nos nas diversas formas de construção e de exposição da identidade dos leitores, como leitores, por meio das escolhas linguísticas e configuração da apresentação de seus *blogs*. Notamos, nas diferentes categorias, a constituição de duas **formações discursivas** distintas que frequentemente se cruzam. Vemos, por um lado, alguns enunciados relacionados ao estereótipo da tradição crítica, pela presença de elementos próprios da cultura erudita, como o uso de epígrafes e figuras de linguagens, e, por outro, *blogs* ligados à recusa desse primeiro, com a exaltação do gosto “pop”, da cultura popular, manifesto pelo emprego de termos e pelas imagens que os ilustram e criam sua identidade visual.

Ainda sobre as formas de construção da identidade dos *novos leitores* exploramos as escolhas linguísticas relativas às projeções de subjetividade (pessoa verbal, tempo, modalizadores discursivos, adjetivos etc.) na língua, segundo a proposta teórica do linguista Émile Benveniste. Desse modo, pudemos verificar que é possível encontrar marcas enunciativas na enunciação dos diferentes tipos de *blogs*, que se devem à maior ou menor fidelidade e submissão ora ao modelo de composição da Crítica, ora à informalidade instituída pelo gênero *blog* e pelo meio em que circula.

Ao compararmos os *posts* selecionados para nossa análise com alguns comentários e resenhas publicados em jornais, revistas e folhetins do final do século XIX e início do XX encontramos algumas continuidades e discontinuidades entre as práticas de comentar dos leitores de antes e de agora. Destas, abordamos duas: primeiro, a forma de evocação e referência ao autor das obras, que se por um lado mostra em geral a manutenção da forma clássica “Machado de Assis” e “Machado”, por outro lado também indiciam uma série de práticas que colaboram para a informalidade pelo apagamento do “Sr.” e pela emergência de formas de designação altamente informais e pessoais, tais como “Machadão”; segundo, o emprego de estrangeirismos, que continuam a ser utilizados mas de forma distinta, segundo a nova hegemonia cultural e a suposta pouca fluência nas línguas tanto dos editores dos *blogs* como de seus leitores. De tal modo que percebemos também aqui uma imposição do gênero à medida que encontramos uma maior adesão a essas novas práticas nos *posts* dos *blogs* cujos comentários são relativamente mais autênticos e autônomos e naqueles motivados por gincanas e desafios literários.

Avaliamos ainda os comentários dos comentários, deixados pelos leitores dos *blogs*, e que revelaram que cada uma das categorias guardam algumas particularidades quanto ao impacto que tem sobre os leitores. Esses comentários são em geral deixados por familiares, amigos e pessoas anônimas que escolhem pontualmente seus interlocutores, trazendo mensagens de agradecimento, pedidos, reflexão, avaliação e contemplação. A interação entre leitores e editores de *blogs* também se faz de maneira diversificada recorrendo a uma linguagem cortês, fazendo uso de gírias, nas quais podemos identificar indícios sobre o ideal do bom leitor machadiano.

Ao dedicarmos atenção às estratégias de escrita dos leitores percebemos indícios de como o texto literário é lido e interpretado pelos *novos leitores* bem como cada categoria demonstra sua particularidade. Nesse aspecto, vimos como os *novos leitores* significam a seu modo o texto literário bem como procuram complementar a sua leitura e por vezes mimetizar o estilo da crítica profissional. De tal modo, atendo-nos ao uso dos adjetivos e advérbios pudemos notar que a escrita desses novos leitores é permeada tanto pelo desejo de tornar o texto descontraído, irreverente e informal bastante particular, como pela *memória discursiva* da crítica legitimada.

Empreendemos também alguns apontamentos sobre as representações de leitura produzidas por uma leitora no Portal Skoob, motivada por uma gincana literária. Esses apontamentos trazem algumas características não tão exploradas anteriormente, mas que também frequentam os posts de blogs de crítica amadora, como: o uso da linguagem muito próxima da oralidade, o plágio, e a maneira de apropriação dos textos lidos pelo leitor, que sem de ater em detalhes registra o que é mas ao que é mais marcante para si, refletindo, ainda que brevemente, sobre as relações entre uma obra e outra.

Assim, nosso trabalho consistiu em lançar olhares sobre como os procedimentos de coerção do discurso e as representações dos novos leitores frequentam os comentários que postam nos blogs sobre suas leituras.

Essa espécie de crítica literária amadora e espontânea, produzida sob a forma de breves comentários em *posts* de blogs na internet, indicia a existência de leitores onde há muito se tem afirmado não haver. Entre algumas comunidades de leitores jovens observa-se uma pujança quanto a seus interesses de leitura, uma expansão no consumo e na oferta de obras para esse público. Observa-se também que as reedições de clássicos encontram terreno fértil entre eles. Pela multiplicação de páginas na internet dedicadas ao comentário de textos lidos, também se confirma essa pujança.

No entanto, em matéria de leitura, é importante evitarmos falar de modo generalizado. Não podemos afirmar, com os resultados de nossa pesquisa, que os jovens no Brasil leem muito, a não ser que restrinjamos essa informação a certas comunidades leitoras que coincidem hoje com aqueles que tem acesso à internet em casa, tem tempo e conhecimento para a leitura das obras e para a construção de espaços virtuais onde constroem comunidades de interlocução sobre seus interesses em comum. Referimo-nos, portanto, a um conjunto bastante restrito e peculiar de jovens leitores, aos quais designamos por *novos leitores*, que, com diferentes motivações, e na condição de editores de blogs, assumem a posição de críticos amadores, enunciando seus comentários a partir de duas ordens que frequentemente se cruzam: uma própria do gênero blog e outra do legado da Crítica legitimada. Seu perfil difuso e múltiplo é um incentivo para continuarmos nossa pesquisa, de modo a podermos, ampliando nosso corpus, descrever com mais fidelidade os traços do perfil desse leitor que tem se constituído à medida que escrevem, à medida que se ampliam em número, à medida que as novas tecnologias de produção e circulação de textos se altera e se expande entre os leitores/usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRETTA, P. I. S. O que dizem os novos leitores de Machado de Assis sobre a leitura desse autor em blogs. **Versão Beta**, São Carlos, v. 10, n. 71, p. 71-81. abr.-jun. 2012.
- ANDRETTA, P. I. S.; CURCINO, L. Machado de Assis e seus leitores da era da *internet*: o que se diz sobre os clássicos no Skoob. **Leitura. Teoria & Prática**, Campinas, v. 30, n. especial, p. 205-214, 2012. 1 CD
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 13. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Franschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARONAS, R. L.. **Ensaaios em Análise de Discurso**. São Carlos; Edufscar, 2011.
- BARZOTTO, V. H. Limites na leitura: o texto e seu suporte. In: GREGOLIN, M. R., CRUVINEL, M. F., KHALIL, M. G. (Orgs.). **Análise do Discurso**: entornos do sentido. Araraquara: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2001.
- BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral**. Tradução de Marco Antônio Escobar. 2 ed. Campinas: Pontes, 2006. v.2
- BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral**. Tradução de Marco Antônio Escobar. 2 ed. Campinas: Pontes, 2006. v.2
- BORBA, M. A. J. **O. Tópicos de teoria para a investigação do discurso literário**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.
- BRIGGS, A.; BURKE, P.. A História da leitura. In: _____. **Uma Historia Social da Mídia**: de Gutenberg à *Internet*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- BURKE, P. **O que é historia cultural**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Editora Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr., 1991.
- CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, R. **Qu'est-ce qu'un auteur?** Révision d'une généalogie. Bulletin de la Société française de Philosophie, tomo XCIV, 20 de maio de 2000.

CHARTIER, R. **Leituras Populares**. In: Formas e Sentido: Cultura Escrita: entre distinção e apropriação. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras / ALB, 2003.

CHARTIER, R. Aula inaugural do Collège de France. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Roger Chartier**: a força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011.

CURCINO, L. **Práticas de leitura contemporâneas**: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA. 2006. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

DANTAS, D.; GOMES, A. L. Questões de Letramento e de gênero do discurso em blogs. In: **Revista Gatilho**, UFJF, ano IV, 2008.

EAGLETON, T. **A função da crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOUCAULT, M. **O que é a crítica?**. [**Qu'est-ce que la critique?**] Critique et *Aufklärung*. *Bulletin de la Société française de philosophie*, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978)]. Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: < <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/critica.pdf> >. Acesso em: 21 jan. 2011.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. 3ª ed. Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. [Lisboa]: Veja: Passagens, 1992.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no collège de France (1975-1976). Direção de François Ewald e Alessandro Fontana, tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Elisa Monteiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2008. 236 p.

HÉBRARD, J. Pode-se fazer uma história das práticas populares de leitura na Época Moderna? Os “novos leitores” revisitados. In: Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial, I, Rio de Janeiro: UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 2004.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise**

automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2010.

HOHENDAHL, P. U. **The Institution of Criticism**. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

HOLANDA, L. Reconsiderando a crítica literária. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 8, p. 1-14, julho de 2012. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/download/pdf/ConvidadoLourivalHolanda-versaofinal.pdf> >. Acesso em: 11 abril de 2013

JUNQUEIRA, L. G. Origem e permanência da crítica. **Arte & ensaios**, Rio de Janeiro, n. 21, dez., 2010. Disponível em < http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=revista:e21:a_e_21_11.leandro_junqueira.pdf >. Acesso em 21 dez. 2012

KEEN, A. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Tradução de Ana Maria X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LEVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 2005.

MACHADO DE ASSIS. O ideal do crítico. In: _____. **O jornal e o livro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 7-12. (Coleção grandes ideias).

MALDIDIER, Denise. **A inquietacao do discurso**: (re)ler Michel Pecheur hoje. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MALINI, F. Por uma genealogia da blogosfera. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. p. 1-14. Disponível em: < www.intercom.org.br >. Acesso em: 12 dez. 2009.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NUNES, J. H. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil Colonial. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

O'REILLY, T. **O que é Web 2.0** : padrões de designer e modelos de negócios para a nova geração de software. Tradução de Mirian Medeiros. s.l.: s.n., 2006. Disponível em: <<http://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2009

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORMUNDO, J. Comunicação mediada pelo computador: Blog – gênero discursivo emergente. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 7, 2004/05. Disponível em: < <http://www.red.unb.br/index.php/les/article/view/1260/914> >. Acesso em 10 mar. 2011.

PAULINO, G. et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. 2 ed. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. Especificidades de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V.. Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do Discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, A. C. B. G. Blog, mais um gênero do discurso digital? In: SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 4.,2007, Santa Catarina. **Anais...**, Santa Catarina, 2007, p.516-523. Disponível em: < <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/9.pdf> >. Acesso em 10 mar. 2011

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PINTO, M. J. **Blogs!**: seja um editor na era digital. São Paulo: Érica, 2002.

PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do Discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PRIMO, A. Blogs e seus gêneros: avaliação estatística de 50 blogs em língua portuguesa. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 129-147, jul./dez., 2010. Disponível em: < <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/171/286> > Acesso em: 03 jan. 2013

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**: Espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras-ALB, 2001.

ROCHA, J. C. C. (Org.). **Roger Chartier**: a força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011. (Grandes temas, 11).

UNITED NATIONS. **Report of the special rapporteur on the promotion and protection of the right to freedom of opinion and expression**, Frank La Rue. 16 May 2011. Disponível em: < http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27_en.pdf >. Acesso em 31 jun. 2012.

WELLEK, R. **Conceitos de crítica**. São Paulo: Editora Cultrix. 1963